

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

CRISTIANO AMARANTE DA SILVA

**A COR DA FÉ: Vivências e institucionalidades nas Irmandades de Nossa
Senhora do Rosário e São Benedito na Província da Paraíba – Estudo
Comparativo**

**João Pessoa - PB
2016**

CRISTIANO AMRANTE DA SILVA

**A COR DA FÉ: Vivências e institucionalidades nas Irmandades de Nossa Senhora do
Rosário e São Benedito na Província da Paraíba – Estudo Comparativo**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões, na linha de pesquisa Religião, Cultura e Sistemas Simbólicos, sob a orientação do professor Dr. Carlos André de Macedo Cavalcanti.

**João Pessoa – PB
2016**

S586c Silva, Cristiano Amrante da.
A cor da fé: vivências e institucionalidades nas Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito na Província da Paraíba: estudo comparativo / Cristiano Amrante da Silva.- João Pessoa, 2016.
103f. : il.
Orientador: Carlos André de Macedo Cavalcanti
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE
1. Religião. 2. Devoção - São Benedito - Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. 3. Identidade. 4. Resistência.

UFPB/BC

CDU: 2(043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

*“A COR DA FÉ: VIVÊNCIAS E INSTITUCIONALIDADES NAS IRMANDADES DE
VOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO NA PROVÍNCIA DA PARAÍBA –
ESTUDO COMPARATIVO”*

Cristiano Amarante da Silva

Dissertação apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes professores:



Carlos André Macedo Cavalcanti
(orientador/PPGCR/UFPB)



Ivanice Frazão de Lima e Costa
(membro-externo/ UEVA)



Suelma de Souza Moraes
(membro-interno/PPGCR/UFPB)

Dedico esse trabalho aos meus avós, Manuel Felix da Silva e Maria Teodoro da Conceição (paternos-in memoriam) e Luís Joaquim Amarante e Maria Celestina da Conceição (maternos-in memoriam), que com suas histórias me despertaram a busca para construir esse trabalho. Aos meus Pais Manuel Felix da Silva e Maria Amarante pelo suor do rosto que derramaram para poder possibilitar a pessoa que sou hoje. A minha esposa Maria de Fatima Oliveira Dias, pela compreensão das noites ausentes e em claro. Ao Padre Cristiano Mupher (in memoriam), Padre Dr. Paulo Pires Braga, Padre Dr. Ernando Teixeira de Carvalho e ao Padre Ms. Manoel Marques, pelas discussões filosóficas, históricas e teológicas em torno do objeto. A todos os discentes da UVA/UNAVIDA que me acolheram e possibilitaram a pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Professora Dr^a Ivanice Frazão de Lima e Costa, pelo incentivo e possibilitar através de suas orientações a aproximação com meu Orientador o Prof^o. Dr. Carlos André Cavalcanti o qual sou grato por todo esse processo que através de suas orientações permitiu a construção crítica e imaginária em torno das Irmandades. A Professora Dra. Suelma de Souza Moraes que desde a qualificação contribui com sua crítica filosófica com nosso trabalho. A Mestre e Amiga do Grupo de Pesquisa Videlicet Tatiana, que com sua maneira eficiente de pesquisa muito contribuiu para aprimorar minha visão em relação ao objeto. Aos Mestrados Carlos Abreu e Otávio que me ajudaram a abrir os horizontes em torno dos símbolos, através uma visão filosófica que muito me ajudou com o imaginário através de suas colocações, Diógenes que desde a graduação me privilegia com suas argumentações aristotélicas inseridas na vida e aos demais que formam o Grupo Videlicet, Paulo, Clicio, Ida, Bianca, Hilda, pelos momentos de estudos. As secretarias da Pós-Graduação pela dedicação e trabalho. Aos Professores Charles e as Professoras Renata, Andreia Sousa e Andrea Duarte. Finalmente meu agradecimento vai para o Discente Gessiana Nascimento Justo da Costa que muito me incentivou durante esse processo de construção da dissertação através de seu empenho acadêmico e vontade de vencer, a qual mesmo trabalhando dois turnos, encontra tempo para estudar e pesquisar, demonstrando que com muita luta e trabalho poderemos alcançar nossos objetivos.

Estamos, portanto, diante de uma série de antíteses entre temas da cultura histórica e temas da tradição que não se encadeiam, por razões histórica, mas que tecem “duas visões do mundo.

(Gilbert Durand)

RESUMO

O presente estudo visa analisar dentro de um recorte de tempo, de forma histórica, antropológica, sociológica e mitológica, as devoções a São Benedito e a Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos na Província da Paraíba do Período Colonial até a República Velha. Buscamos identificar, através de pesquisa documental, as práticas de vivências destas devoções por meio dos devotos de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário vividas no meio das Irmandades, que, apesar de todo um processo de perseguição, rejeição e conflitos, desafiaram o tempo se tornando símbolos de resistência negra na sociedade Paraibana, combatendo as injustiças e denunciando os desmandos seculares e eclesiásticos que tanto massacraram os negros na Província da Paraíba. Assim, as heranças construídas desde a chegada dos africanos escravizados na cidade da Parahyba a partir do século XVII, representam também a memória de um cristianismo negro do Brasil, expressado através do canto, da dança e da reza das irmandades.

Palavras- chaves: Religião – Devoção – Identidade – Resistencia - São Benedito - Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar dentro de un plazo de recorte, forma histórica, devociones antropológicas, sociológicas y mitológicas, a San Benito y Nuestra Señora del Rosario de Hombres Negro en el Período Colonial Provincia de Paraíba a la Antigua República. Buscamos identificar, a través de la investigación documental, las experiencias prácticas de estas devociones por los devotos de San Benito y Nuestra Señora del Rosario vivían entre las Hermandades, que, a pesar de todo un proceso de persecución, el rechazo y el conflicto, desafió el momento haciendo símbolos de la resistencia negra en la sociedad Paraibana, la lucha contra la injusticia y la denuncia de los excesos negros seculares y eclesiásticas tanto masacrados en la provincia de Paraíba. Por lo tanto, herencias construidas desde la llegada de los esclavos africanos en la ciudad de Parahyba a partir del siglo XVII, también representan la memoria de un negro Cristiano Brasil, expresaron a través del canto, la danza y la oración de las hermandades.

Palabras Clave: Religión - Devotion - Identidad - Resistencia - San Benito – Nuestra Señora Del Rosario de Hombres Negro.

LISTA DE SIGLAS

AMINE - Associação de Missionários e Missionários do Nordeste

LISTA DE FIGURAS

1. São Domingos recebendo o Rosário de Nossa Senhora do Rosário.
2. Igreja de São Domingos -Lisboa – Portugal (Amarante/2015).
3. Altar de Santos Negros na Igreja dos Agostino em Lisboa (Amarante 2015).
4. São Benedito.
- 5-Capela de São Benedito - Convento de Santo Antônio da Paraíba - Sec. XIX(Amarante/2015).
- 6-São Bendito - Imagem Policromada - Sec. XVIII (Amarante/2015).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPITULO I - AS IRMANDADES NA EUROPA MEDIEVAL	20
1.1 O surgimento das Irmandades na Europa: uma questão de vida e fé.....	20
1.2 Dogma libertatem Spiritus ad regulas.....	29
1.3A Devoção a Nossa Senhora do Rosário.....	38
CAPITULO II –ALÉM DOS OCEANOS: A DEVOÇÃO À NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO EM PORTUGAL E NO BRASIL	43
2.1. As Irmandades e Cristãos Novos na Sociedade Lusitana.....	43
2.2- As Irmandades do Rosário dos Pretos e São Benedito em Lisboa	48
2.3 – Um Santo Preto que vem do Mediterrâneo.....	54
2.4- As Irmandades do Rosário dos Pretos e São Benedito no Brasil.....	59
CAPITULO III – ENTRE A SENZALA, A CASA E A CAPELA: AS IRMANDADES DE SÃO BENEDITO E NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DA PROVÍNCIA DA PARAÍBA	68
3.1.Os Documentos Ultramarinos.....	68
3.2.Irmandade de São Benedito da Paraíba: Entre a Corrente e a Devoção.....	72
3.3.Irmandade do Rosário dos Pretos da Paraíba: Entre a Casa e o Curral, uma experiência de fé do litoral ao sertão.....	82
3.4. Uma devoção que persiste: A Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Pombal.....	92
CONCLUSÃO.....	95
REFERENCIAS	
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Em tempos de mudanças e lutas por direitos e inclusão social dos afrodescendentes, pesquisar, analisar e refletir as influências e conquistas realizadas pelas Irmandades de Cor na Província da Paraíba da colônia a república velha é um tema um tanto pertinente e necessário como forma de resgatar a memória contida em diversos meios como os documentos, imagens e símbolos que formam o universo dos Irmãos e Irmãs de Cor do passado e do presente. Mas como é comum nas ciências humanas nada vem do acaso, tudo tem um sentido que nos faz despertar. Desde minha infância, fui influenciado pela experiência de fé de meu avô materno Luís Joaquim Amarante (in memoriam), um homem de tamanho mediano, de cor negra, semianalfabeto, mas que dominava muito bem o *latim* presente nos ofícios católicos, que o orientavam nos momentos das excelências, recitada quando participava de algum velório, nos arredores do atual Distrito de Roma na Cidade de Bananeiras, no brejo paraibano.

Como era de costume em minhas férias escolares, sempre saíamos de João Pessoa em direção a sua residência para “ficar com ele”, minha avó Maria Celestina da Conceição (in memoriam) e demais primos, então depois de um dia de brincadeiras as 18:00hs éramos convidados à mesa para o jantar, mas antes com muito respeito e dignidade meu avó chamava para rezarmos, ele a mesa, minha avó junto ao fogão de lenha e cada um ia se acomodando como podia, depois deste momento, ele, meu avó começava a contar de suas experiências.

Entre tantas, uma delas era justamente a dos velórios que acompanhava, quando alguém da vizinhança vinha a falecer, o clero católico era amplamente distante dos sítios, na maioria das vezes se concentravam na sede da paróquia, apenas um padre que ia apenas uma vez ou duas por ano aos sítios (comunidades), como forma de levar os fiéis a realizarem as práticas sacramentais.

Encantado ficava escutando no pilão, entre uma tragada de cachimbo e outra, nos instruía em relação à vida e a fé, aos sábados realizava o Ofício de Nossa Senhora onde cada gesto era acompanhado com muito respeito e piedade, o livro era apenas para ilustrar o momento porque as orações estavam presentes em sua vida de uma forma que conhecia cada passo, um momento que muito me chamava à atenção era o do Salve Relógio onde todos eram convidados a se ajoelhar, enquanto as estrofes eram com muito cuidado recitadas, não podia errar por que em seu imaginário já herdado de seus antepassados, a Virgem Maria se ajoelhava, lembro bem, assim ele recitava *Deus vos salve relógio que, andando atrasado,*

serviu de sinal ao Verbo encarnado. Para que o homem suba às sumas alturas, desce Deus do céu para as criaturas.

Essa forma pratica e simples de viver a sua experiência de Fé era magnífica, o respeito que o mesmo reservava ao sagrado era algo que marcou e continua marcando a vida de todos nós que convivemos com ele. Outra pratica muito vivenciada por ele era de batizar os meninos que morriam pagãos, já que de acordo com a tradição vigente na região comentavam que as crianças enterradas pagãs normalmente choravam muito a noite e seu choro assombrava aqueles e aquelas que passassem próximos as porteiras onde essas crianças eram enterradas. Por esse motivo diversas vezes batizou essas crianças como forma de consolar a alma das ditas crianças e as mesmas poderem descansar em paz. Fui crescendo e sempre em mim durante toda minha infância e adolescência foi despertando a vontade de encontrar respostas para tal fenômeno, de como pode um homem tão simples compreender, viver e desvendar os mistérios da fé de forma tão extraordinária e clara.

Outra influência muito forte foi a da minha avó paterna Maria Teodoro da Conceição (*in memoriam*), diferente de meu avô materno, ela trazia consigo uma personalidade marcada pelos familiares e escravos da região do brejo onde hoje contempla as cidades de Pirpirituba e Borboremana Paraíba. Minha avó trazia consigo a marca da tradição negra no vestir, no andar, no falar, de voz mansa e forte quando era necessário ela sempre acordava muito cedo e nunca faltava um café em sua garrafa e a história de quando era criança e morava no campo, guardou consigo até o final da sua vida o costume de andar descalça, só calçando a sandália, quando ia à missa que raramente frequentava e ao banco renovar seu cadastramento, nos fazia viajar na imaginação com suas falas quando nos falava de sua vida de mulher viúva, com nove filhos para criar, já que quando meu avô paterno faleceu ele tinha apenas 36 anos de idade e nunca mais casou, criou a todos não perdeu ou doou nenhum deles, quando perguntada como conseguiu? A mesma falava que foi Deus que a tinha ajudado e contava diversas ocasiões que vivera em meio às dificuldades da vida.

Podemos então nos perguntar o que possibilitou esse aprendizado? E uma das respostas que mais possibilita nossa compreensão e entendimento é de que a falta de religiosos para dar assistência aos povoados possibilitava e levava o povo a construir sua identidade e Fé, identidade essa que era normalmente passada de Pai para filho ou filha, e viravam referência nestes povos, que além de rezar nos meses santos ou velórios, eram convidados para batizar crianças pagãs, que eram sepultadas junto às porteiras e de acordo com a tradição e imaginário popular choravam, pedindo o batismo. É neste momento que

pessoas como meu avô eram chamadas, já que a Igreja, Pré - Vaticano II vivia distante do povo, mesmo depois de muitos séculos distantes do período colonial, o padre só aparecia uma vez no ano, onde realizava batismos, casamentos, primeira comunhão, e às vezes mesmo sendo o rito latino diferente do ortodoxo realizava o sacramento da Crisma, ou seja, foram os leigos que mantiveram acesa a fé nos sítios e diversas cidades localizadas distantes das capitais.

Diante de toda essa realidade e história vivida, por esse povo simples que de forma magnífica souberam preservar sua experiência de fé, por esse motivo em todo esse processo teve algo que sempre me provocou! Como essas pessoas adquiriram tanta sabedoria e destreza com a prática religiosa? O que possibilitou as mesmas a adquirirem com tanta destreza e sabedoria essa experiência? Quem instruiu pessoas como meu bisavô, o que passou para meu avô?

Perguntas como estas e outras tantas que guardava comigo só foram desvendadas quando me tornei adulto, tive a oportunidade de trabalhar, a princípio como jardineiro, depois monitor de turismo no Centro Cultural de São Francisco em João Pessoa, foi quando tive acesso a um universo novo, um universo literário que me possibilitaria a iniciar uma fundamentação do rito o qual fui introduzido ainda quando criança através do exemplo de meu avô. Vi ali, em minha frente, as respostas às minhas perguntas na biblioteca do dito centro. Entre tantos títulos existentes na biblioteca O primeiro livro que escolhi para ler foi A História da Igreja da América Latina e no Caribe (Vozes 1995) do Historiador e Teólogo Eduardo Hoornaert, em que o mesmo avaliava a situação em que se desenvolveu o processo de iniciação católica aqui na América.

Neste mesmo período iniciei minha formação Teológica através da Escola Ministerial Arquidiocesana, onde uma das cadeiras pagas destaca as de Cristologia, Mariologia e Escatologia que me fez ter contato com inúmeras literaturas que falavam da realidade vivida pelo povo brasileiro no tocante a fé, lembro bem que alguns professores incentivavam não só a leitura dos clássicos da teologia, mas que pudéssemos ler produções que falassem dos homens e mulheres que marcaram a fé nordestina, a exemplo de Padre Cicero, Maria de Araújo, Padre Ibiapina e outros tantos que deixaram sua marca no coração e no imaginário do povo nordestino.

Apesar de toda essa experiência através da formação teológica, foi o Livro Cristianismo Moreno (Vozes, 1990), do mesmo autor Eduardo Hoornaert, que auxiliou minha compreensão em torno desse processo religioso, formado por negros e mestiços presentes no

Brasil colônia até os dias de hoje, nele encontrei uma apresentação diferente do que havia visto até aquele momento, o autor nos mostra as diferentes formas de organização nas irmandades destacando sua forma diferente de viver nos levando a identificar traços muito próprios dos homens e mulheres de cor. Foi lá que vi a influência desse jeito faceiro e místico de viver a Fé, simbolizados nas iconografias encontradas nas igrejas e capelas a exemplo da pintura do teto da Casa de Exercícios Espirituais da Ordem Terceira de São Francisco da Penitencia do Convento de Santo Antônio da Paraíba, do século XVIII em estilo rococó, onde nos quatro cantos do teto encontramos pintados quatro negros sem camisa apenas com uma veste parecendo tangas e na cabeça, algo como turbantes, ambos sentados olhando para o centro da pintura.

No próprio complexo Franciscano encontramos a Capela do Glorioso São Benedito, que de acordo com o livro dos guardiões, pertenceu à confraria do Glorioso São Benedito, reservada aos negros, em sua maioria escravos do convento, e já alforriados existentes desde a segunda metade do século XVIII, que iremos melhor expor e analisar no momento que trataremos da confraria citada.

A cidade da Paraíba também tinha uma Igreja dedicada a Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos datada da segunda metade do século XVIII, mas foi demolida na primeira metade do século XX, durante o bispado de Dom Adauto de Miranda Henriques que coordenou um vasto processo de romanização da Igreja da Província da Paraíba desde sua fundação em 1892. Mas nem tudo está perdido referente à devoção ao Rosário, já que o Brejo e o Sertão conservam suas Igrejas do Rosário e seus respectivos atos devocionais, nas cidades de Areia e Pombal, na Paraíba.

Os cânticos e poemas nascidos nas Irmandades seja dedicado a Nossa Senhora do Rosário, seja a São Benedito, é outra fonte que me possibilitou conhecer melhor a mística, presente através da reza do terço, no silencio, nos relatos das atas, no olhar que busca o infinito.

Em 2001 início uma nova experiência que irar me colocar cada vez mais próximo desta realidade, é quando me torno missionário do Nordeste ligado a uma associação de missionários denominada AMINE (Associação de Missionários e Missionarias do Nordeste), sua estrutura recorda muito a estrutura das irmandades medievais onde as decisões são de forma democrática, o padre é também um missionário, a religiosa e o religioso são irmãos de todos e os leigos e leigas, são tratados com respeito. Lá conheci um pouco mais dos chamados benditos colhidos do meio do povo, fruto de toda uma tradição presente na vida das

comunidades do povo nordestino. Muitas canções convidavam a penitencia “*pecador agora é tempo de justiça e de temor, segue a Deus abandona o crime, não te tornes pecado*”. A reza do Rosário nas caminhadas matinais, as 04:00 da madrugada, finalizando sempre com um belo café da manhã onde cada um partilhava do pouco que tinha em um verdadeiro espírito de fraternidade.

Essa influência motivou-me a buscar compreender o processo vivido por essas Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e São Benedito e a mística que até hoje está presente em nossos benditos e cânticos. Também me motivou a estudar as diferenças e semelhanças entre Elas. Então nos vem à dúvida como encontrar o caminho? Qual teoria seguir? Que metodologia? Qual a importância do objeto pesquisado para as Ciências das Religiões?

Não demora muito e um sinal se acende e através dele todo o processo é construído, o projeto é gerado e gestado e a cada página foi sendo alimentado. Utilizando da pesquisa historiográfica e etnográfica buscaremos identificar através do uso da Teoria do Imaginário as formas e práticas de Fé vividas pelas Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito na Província da Paraíba.

O caminho que resolvemos seguir foi o comparativo, apesar de tratarmos de irmandades negras, desde sua origem cada uma tem sua particularidade, na organização, devoção e surgimento. Por esses motivos abraçamos como teórico Max Webber, porque foi nele que encontramos um sentido sólido em relação ao que é religião e seus efeitos na sociedade de forma bastante ampla, principalmente na Obra Economia e Sociedade (1946) Webber nos apresenta o processo de desenvolvimento das irmandades medievais e todas as suas dimensões e é justamente no período medieval que surgiu a Devoção a Nossa Senhora do Rosário e a sua confraria e a Bula Supra Montem do Papa Nicolau IV que organiza Ordem dos Penitentes Terceiros de São Francisco, que servira de modelo na forma de organizar os termos de compromissos das Confrarias e Irmandades futuras entre elas a de São Benedito, que terá origem na Idade Moderna.

Outro aspecto analisado por Weber é centralização que se inicia a partir de Gregório VII, onde acontecera uma supra valorização clerical em prejuízo da vida comunitária, o que atingiu diretamente a forma de organização das Irmandades. Webber nos mostra a origem das irmandades dentro deste contexto medieval entre como uma forma de organização e influência na formação do próprio período medieval a veneração de um santo era algo

particular na organização destas irmandades medievais bem como nas irmandades coloniais existentes no Brasil, sem esquecer em Portugal.

Seja nos primórdios medievais, seja em Portugal no período moderno, o histórico das Irmandades mostra a influência deste movimento ou associação no cotidiano dos irmãos ligados a estas confrarias, sua influência é tanta que norteia a vida de todos aqueles que estão a elas ligados ou ligadas norteamento que muitas vezes começa na pia batismal e termina nas exéquias, a vida de fraternidade ultrapassaa devoção, sai das igrejas e termina nas ações sociais como bem apresentado pelo Dicionário de História das Religiões de Portugal, as irmandades portuguesas seus bens eram não só espirituais mais também temporais acumulavam bens litúrgicos e também imóveis que ia desde a Igreja ou Capela que estavam sobre sua guardiania até residências, que serviam para abrigar os irmãos em suas reuniões bem como em uma necessidade acolher dando assistência humanitária se necessário.

No Brasil o primeiro movimento de Irmandades do Rosário se deu na cidade de Santos com o início da colonização, fruto de uma devoção medieval desimada pela Ordem Dominicana fundada por Domingos de Gusmão, por volta de 1215 em Toulouse França, com o objetivo de combater os cátaros ou homens bons, grupo religioso que tinham como princípio viver as propostas do cristianismo primitivo, despertando assim as atenções das autoridades eclesiásticas a partir desta realidade se começou a pratica da recitação do rosário que no início não era dividido com mensagens ou reflexão do evangelho, mas apenas o que se recitava era o Pai Nosso ao todo 150, fazendo jus à liturgia das horas praticadas nos conventos e mosteiros com os salmos.

Através do Mestre Gilbert Durant navegamos pelos caminhos do imaginário, como forma de entender os efeitos das mudanças e essa resistência, ao observarmos as Capelas onde se encontram concentradas as irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, a de São Benedito encontramos todo um simbolismo que tem muito a nos contar e fazer compreender o processo simbólico e místico das irmandade, a partir da Teoria do Imaginário, tentaremos desvendar esse mistério que se esconde por trás dessas imagens esculpidas e ícones, para assim tentar entender os que as trouxe até o século XXI, já que o ícone tem o poder de instaurar um sentido (Durand, 1993, pag. 15): *“O verdadeiro ícone é instaurador de um sentido, a simples imagem – que depressa se perverteu em ídolo ou em feitiço – é clausura sobre si mesmo, rejeição do sentido, cópia inerte do sensível.*

Se apropriando de informações documentais encontrados nos jornais de época, atas das ordens, boletins informativos e depoimentos de membros da ordem buscamos apresentar

o valor e a responsabilidade social das irmandades e sua influência na construção da identidade religiosa nos espaços onde se encontram, já que algumas ainda continuam ativas, sua religiosidade, influencia social e mística na vida do povo. Utilizando de métodos de pesquisas que vão desde a paleografia até a entrevista planejamos dissertar sobre as Irmandades que marcaram e ainda marcam a história e vida dos que estão na província da Paraíba. A metodologia utilizada no campo teve por objetivo escutar os membros presentes nas irmandades seja a que se encontra na cidade de Areia ou a que está em Pombal, para podermos assim compreender a forma de vida e as práticas desenvolvidas pelas irmandades nesse momento contemporâneo, buscando sempre entender através dos depoimentos a mística que os cerca, seus anseios e esperanças vividas a partir de sua fé.

Analisar as Irmandades do Rosário dos Homens Pretos citadas de Areia e Pombal em nosso projeto é uma forma de valorizar a vida destas Irmandades que ainda estão ativas desenvolvendo suas atividades a exemplo de reuniões bimestrais, novenas e festas dedicadas a nossa Senhora do Rosário de um lado de forma tradicional(Irmandade de Areia) do outro a tradição católica é influenciada pelos ritmos e ritos tocados pelos pontões e demais grupos que juntamente com o povo festejam a virgem do Rosário dos Pretos(Irmandade de Pombal) com um número considerável de devotos, que desenvolvem suas atividades religiosas vivendo sua espiritualidade e pratica social.



5. São Domingos recebendo o Rosário de Nossa Senhora do Rosário

CAPITULO I – AS IRMANDADES NA EUROPA MEDIEVAL

1. O surgimento das Irmandades na Europa: uma questão de vida e fé

Analisar um objeto como as Irmandades dos Homens Pretos é algo que exige do pesquisador um aprofundamento conceitual, o que vem a ser uma irmandade, suas origens dentro do processo histórico; suas influencias sociais e seu fundamento místico religioso. Depois de muito buscar e refletir, podemos encontrar em Max Webber (1864-1920) o fundamento histórico, místico e social das chamadas Irmandades de forma clara e precisa em sua Obra Economia e Sociedade. Weber aborda desde a necessidade do surgimento dessas irmandades até seu fundamento religioso. Analisando a partir de uma visão ética econômica ele nos apresenta a formatação das irmandades desde o medievo até o processo moderno. Teórico da Sociologia e da Ética, Max Weber nos lança em um universo regido por um princípio sacro da irmandade sem perder sua contribuição social econômica.

Em um primeiro momento podemos identificar o lugar das irmandades, seu espaço por excelência no sentido territorial, Max Webber nos informa que é no espaço urbano medieval que se organizam as devoções e consequentemente as irmandades, de forma magistral situa o ambiente urbano como lugar das práticas religiosas, ou seja, o homem do campo estava ligado as suas práticas de magia¹ (2004, p. 322):

No cristianismo primitivo, chama-se ao pagão simplesmente de homem do campo (pagamos). Ainda nas igrejas medievais, em sua doutrina oficial (Tomás de Aquino), tratam o camponês, no fundo, como cristão de categoria inferior, sempre com pouquíssima consideração. A glorificação religiosa do camponês e a crença no valor específico de sua devoção é só produto de um desenvolvimento moderno.

É no solo urbano que se desenvolve a centralização religiosa e consequentemente sua racionalização através das práticas teológicas que vem substituir à religiosidade vivida no campo na Europa, com a ascensão dos Burgos e o surgimento das corporações de ofícios, as práticas tradicionais do campo vão dando lugar a visão racional e aristocráticas, tornando-se assim a sede da devoção (Webber, 2004, p.323): *“Em oposição ao campo a cidade foi*

¹Webber nos recorda (webber,2004, Vol. II, p.77) *“Somente ao diminuir a importância da magia, a tradição adquire o caráter que em grande parte tem, por exemplo, na Idade Média: a existência de uma prática considerada como direito pode tornar-se objeto de uma "prova" a cargo das partes, do mesmo modo que os "fatos".* Realidade essa que vai estar presente não só nas questões relacionadas ao direito, mas a também as Irmandades, quando ocorre sua sistematização a partir do século XIII, a partir das chamadas ordens terceiras ou dos penitentes.

considerada no passado, a sede da devoção, e ainda no século XVII Baxter² vê nas relações dos tecelões de kidderminster com a grande cidade de Londres (nascida do desenvolvimento da indústria caseira) expressamente o fomento da religiosidade entre eles.”.

Dissertando em relação às irmandades Max Weber nos coloca a par que, as referidas fraternidades em torno de uma devoção especificam seja de um deus nas cidades das antiguidades ou de um santo de devoção, em relação às irmandades presentes nos espaços urbanos medievais ao ponto de servirem como referência na organização dos espaços urbanos (2004, p.429):

Ao contrário, a cidade plenamente desenvolvida da Antiguidade e da Idade Média era, sobretudo, uma associação constituída como irmandade, ou compreendida como tal, à qual, por isso, não costumava faltar o símbolo religioso correspondente - um culto exclusivo da associação dos cidadãos, um deus ou santo da cidade que os protegesse como tais.

Ao redor do símbolo religioso estava de acordo com Weber toda organização social da cidade seja na Antiguidade ou na Idade Média, o que o leva a realizar a comparação com as irmandades já que nelas encontramos sempre um referencial sagrado ligado à figura muitas vezes da Virgem Maria ou um Santo ou Santa que carrega sobre si uma história, a qual os fiéis se identificam e norteiam suas ações.

Com relação às vantagens em participar de uma irmandade Weber nos mostra quem compunha essas irmandades e os direitos garantidos aos membros que delas faziam parte, direitos que permeavam durante toda a vida de um frater, possibilitando ao mesmo desde assistência social até a hora de sua morte. Weber identifica uma serie de irmandades na idade média com objetivos e práticas diferentes, bem como sistema de organização diferenciado de acordo com o país em que se encontra ou a finalidade para qual foi criada, (Weber, 2004, p. 440-441) *existiam as irmandades por juramento, por exemplo, no norte germânico mostram, correspondendo ao desenvolvimento fraco do estamento cavaleiroso, traços particularmente arcaicos, que faltavam nos países do sul europeu.*

Webber tem um cuidado ao apresentar a formação das irmandades, já que dependendo do território podiam ser criadas por motivações diferentes, podiam ser por questões políticas, comerciais, usurpação, proteção, ou seja, o que norteava o surgimento das irmandades na Europa medieval era justamente a necessidade de determinados grupos sociais ou até interesses particulares (2004 p 441):

² Richard Baxter (1615-1691), sacerdote, escritor e líder puritano, http://pt.wikipedia.org/wiki/Richard_Baxter acessado em 16 de abril de 2015, as 15:00hs.

As "irmandades por juramento" podiam ser restabelecidas para o fim da criação de uma relação Associativa política e da "usurpação de poder diante dos senhores das cidades. Mas o movimento podia também partir das corporações de proteção que, em grande número, haviam surgido no Norte e na Inglaterra.

Por se tratar de uma sociedade em formação Max Weber alerta, que o objetivo primário não foi à questão política, mas de acordo com ele as questões relacionadas à manutenção do clã, nas quais seus membros tinham de acordo com ele todo apoio desde questões relacionadas ao cotidiano até o apoio espiritual, bem como cultivavam suas práticas tradicionais herdadas de seus ancestrais, antes mesmo de terem contato com o cristianismo, introduzido em muitas regiões onde hoje é a Europa a partir da queda do império romano no século V, mas nunca abandonadas totalmente e sim assimiladas ou preservadas em muitas destas regiões (2004, p. 441):

Estas não haviam sido criadas, de modo algum, com a finalidade primária de exercer influência sobre as condições políticas. Ao contrário, substituíam para seus membros aquilo que mais lhes faltava na cidade dos inícios da Idade Média: o apoio de um clã e suas garantias. Como o clã em relação a seus membros, as irmandades davam-lhes apoio em caso de lesões ou ameaças pessoais e muitas vezes também em caso de necessidade econômica, excluía brigas e lutas entre os confrades e assumiam a tarefa da conciliação pacífica, pagavam para seus membros a indenização pelo assassinato de membros de famílias inimigas (assim, em um caso inglês) e cuidavam de suas necessidades de diversão mediante o cultivo de banquetes periódicos, originados nos tempos pagãos (originalmente atos cultuais), e de seu enterro, com participação da irmandade, garantiam a salvação de sua alma mediante boas obras, proporcionavam-lhes, a custo da comunidade, indulgências e o favor de santos poderosos e, de resto, procuravam, claro, defender os interesses comuns, também os econômicos.

Percebemos que as irmandades ligadas as chamadas corporações exerciam um papel primordial na Europa medieval, auxiliando em todo o processo formativo e organizacional, nitidamente Weber nos apresenta a influência na vida dos membros que delas faziam parte, o fenômeno da devoção é outro aspecto importante a partir de práticas de caridade como forma de alcançar a cidade de Deus tão divulgada desde o século V, por Santo Agostinho e outros padres da patrística, bem como a doação de bens em forma de indulgência como forma de se redimir perante Deus de seus pecados. Ser membro de uma irmandade era ter uma garantia temporal e escatológica, os membros se sentiam responsáveis uns pelos outros eram frater, por esse motivo encontramos além do título irmandade, nos deparamos com fraternidade ou

confraria, como bem nos apresenta Hilário Franco Junior, ao falar da origem das ghuilds³ inglesas ou metiers⁴ francesas, atribuindo o surgimento das mesmas as confrarias (2007, p. 54):

Suas origens são controvertidas, mas as razões para o agrupamento são claras: religiosa, daí muitas vezes ter derivado de confrarias, isto é, de associações que desde o século X existiam para cultuar o santo patrono de uma determinada categoria profissional e para praticar caridade recíproca entre seus membros.

Regine Pernoud em sua obra *a Luz Sobre a Idade média* nos fala do valor dessas confrarias ou irmandades no seio da sociedade medieval e sua preocupação com os seus membros, colaborando e dando assistência aos mesmos, bem como o cuidado com o bem-estar dos confrades (1996, p. 58):

A confraria, de origem religiosa, que existe um pouco por toda a parte, mesmo onde o ofício não está organizado em mestria ou confraria (jurande), é um centro de entre ajuda. Entre os encargos que pesam regularmente sobre a caixa da comunidade figuram em primeiro lugar as pensões dadas aos mestres idosos ou enfermos, e as ajudas aos membros doentes durante o tempo de doença e de convalescença.

Pernoud nos apresenta em sua obra um diálogo entre um sapateiro e seu aprendiz onde ele relata as obrigações da confraria para com os membros que dela faziam parte, garantindo assim o bem-estar do necessitado que a ela recorria (1996, p.54):

³ Guildas: Uma guilda é uma associação de caráter solene, um grupo de pessoas que se reúnem para algum fim comum, estabelecem confrarias ligadas por alguma modalidade de juramento e expressam a vinculação entre elas por meio de formas rituais de comer e beber. Instituições desse tipo aparecem em numerosas culturas. A palavra é cognata no inglês arcaico de geld, pagamento; e, embora o pagamento de jóias e taxas de filiação seja uma característica constante das guildas, há na base uma ligação mais antiga entre pagamento e sacrifício. As mais antigas guildas eram, provavelmente, festins sacrificiais pagãos, e a substituição da carne e do sangue de uma vítima pela cerveja, a bebida sagrada dos germanos, pouco fez para tornar esses festins mais agradáveis à Igreja cristã. As mais antigas referências conhecidas no ocidente são como rituais pagãos que tinham de ser suprimidos com firmeza pelo clero as guildas clericais surgiram cedo e no século X Londres tinha uma guilda para a manutenção da paz, a qual contava com o bispo entre seus membros. O mais importante papel da guilda na Igreja era, provavelmente, a edificação de igrejas e, de certa maneira, a definição da paróquia como uma comunidade de fiéis.

⁴ Metiers =artes

Thomas Deoloney põe na boca de um colega do «Nobre Ofício» uma passagem muito significativa. Tom Drum (é o seu nome) encontrou no caminho um jovem senhor arruinado e propõe-lhe que o acompanhe até Londres: «Sou eu quem paga, diz ele, na próxima cidade divertir-nos-emos bem— Como, diz o jovem, julguei que não tinham senão um soldozinho por fortuna. — Vou-te explicar, continua Tom. Se fosses sapateiro como eu, poderias viajar de uma ponta à outra da Inglaterra sem nada que não fosse um penny no bolso. No entanto, em todas as cidades encontrarias boa cama e boa mesa, e de que beber, sem sequer gastares o teu penny. É que os sapateiros não querem que a nenhum deles falte nada. Eis o nosso regulamento: 'Se um companheiro chega a uma cidade, sem dinheiro e sem pão, não tem senão que fazer-se conhecer, e não tem necessidade de se ocupar com outra coisa. Os outros companheiros da cidade não só o recebem bem, mas oferecem-lhe gratuitamente o sustento e a alimentação. Se quer trabalhar, a comissão encarrega-se de lhe encontrar um patrão e não tem de se incomodar.

Como podemos perceber até agora as irmandades ou confraria tinham entre si um laço de compromisso e fraternidade, como forma de assegurar a união e continuidade de suas atividades e ofícios, sendo assim reconhecidas como verdadeiros centros de ajuda mutua, onde todos buscavam defender uns aos outros. Além da ajuda de uns para como os outros como evento que marca a vida das irmandades medievais, as práticas das boas obras já citada por Hilário Franco Junior é também destacada por Pernoud, quando eles expõem o exemplo dos ourives de Paris e suas práticas de piedade, que o mesmo denomina de *obras de caridade* (1996 p.58-59):

Tiravam fama das suas obras de caridade, os ourives obtêm assim a permissão de abrir a loja aos domingos e nas festas dos Apóstolos, geralmente feriados, cada um por sua vez; tudo o que ganha nesse dia serve para oferecer no domingo de Páscoa uma refeição aos pobres de Paris: «Quanto ganhar a oficina aberta, é posto na caixa da confraria dos ourives e com todo o dinheiro dessa caixa dá-se todos os anos no domingo de Páscoa um jantar aos pobres do Hôtel-Dieu de Paris. » De igual modo, na maior parte dos ofícios, os órfãos da corporação são educados a expensas suas.

De acordo com Thomas Deloney⁵ novelista do século XVI, para se tornar membro de determinadas confrarias exigia-se o domínio de algumas habilidades como dominar a pratica de algum instrumento, manejar bem a espada, além do ofício (profissão) que dominava além de todo ritual existente em cada uma (Pernoud,1996, p.59):

⁵Thomas Deloney: nasceu em 1543 morreu por volta de 1600, foi tecelão e escritor de panfletos e historias populares, <http://global.britannica.com/EBchecked/topic/156708/Thomas-Deloney>, acessado em 19 de abril de 2015 às 19:00hs.

Um sapateiro para ser adoptado como filho do «Nobre Ofício» deve saber «cantar, tocar trompa, tocar flauta, manejar o pau ferrado, combater à espada e contar os seus utensílios em verso». Por ocasião das festas da cidade, e nos cortejos solenes, as corporações desfraldam as suas bandeiras, e para quem aí se encontrar haverá alguns títulos de precedência. São pequenos mundos extraordinariamente vivos e activos, que acabam de dar à cidade o seu impulso e a sua fisionomia original.

Uma das principais características das irmandades era sua independência perante o clero, apesar da participação de clérigos as irmandades gozavam de uma autonomia, decisões, reflexões e vivência religiosa eram partilhadas entre as mesmas valorizando a participação de cada um de forma igualitária, expirada nas propostas evangélicas captadas dos evangelhos e dos atos dos apóstolos, é justamente nas irmandades ou as chamadas confrarias medievais que os leigos tinham uma prática religiosa ativa e mais autônomas, seguindo muitas vezes o modelo das confrarias clericais, agrupando membros ligados às corporações profissionais a exemplo dos artesãos ou mercadores, bem como leigos de meio modesto ligado às vilas, povoados e paróquias, realizavam como já se constatou uma ajuda mútua e com cuidado especial para com o funeral dos fiéis irmãos defuntos. Segundo André Vauchez⁶, diferente do que aconteceu a partir do século XIV, depois do ano de 1348, no século XIII se observou na formação das irmandades algo que ultrapassava a ajuda mútua e funerária, mas tinham por objetivo que foi a busca por uma vivência fraterna com o objetivo de se encontrar uma paz interior (1995, p.142):

Ao contrário do que aconteceria depois de 1348, não foi à prece pelos mortos que constituiu o objetivo principal da confraria no século XIII, mas a procura da paz na fraternidade, como prova o fato de que muitos desses agrupamentos, principalmente nas regiões do sudeste da França atual e na Itália; se colocaram então sob a proteção do Espírito Santo, e que muitos deles, no norte da França, tomaram o nome de "Caridade".

Vauchez nos apresenta de forma simples mais precisa um pouco da forma que celebravam os irmãos de algumas confrarias na idade média na Itália e também no norte da França através da leitura de seus estatutos, sua liturgia, normalmente apoiada na sagrada escritura e partilha do pão, como forma de demonstrar a fraternidade existente entre os membros, visando assim uma melhor vivência do evangelho (1995, p.142):

Aliás, na Itália, os estatutos das confrarias, que eram lidos nas reuniões, citavam muitas vezes versículos da liturgia da Quinta-feira santa: "Ubi caritas et amor, Deus ibi est. Congregavit nos in unum amor christ", assim como o trecho da I carta de São João: "Se não amas teu irmão, que tu vês, como podes amar a Deus, que não vês?" (I Jo 4, 11): A refeição, ou banquete coletivo, que tinha um lugar importante nas atividades da confraria, eram consideradas, nessa perspectiva, como uma manifestação de bom convívio, visando desarmar os conflitos ou tensões internas, e criar, nem que fosse apenas por um instante, um clima de concórdia e de não-violência, constituindo ao mesmo tempo o sinal e o fundamento da dimensão religiosa do grupo.

A prática da igualdade era algo de suma importância nas confrarias, claro que essa prática mudava de região para região, de estatuto para estatuto não podemos imaginar algo uniforme, já que como podemos constatar as formações das irmandades surgiam a partir de diversas necessidades e propostas. Então vamos encontrar uma grande variação na forma de comportamento e organização. O que se apresenta de forma muito clara é a preocupação de um para com os outros, seja nos cuidados temporais ou escatológicos como anteriormente já comentamos, bem como a *autogestão na escolha de seus dirigentes*⁷. O espírito de fraternidade estava imbuído de um respeito ao próximo, ao ponto de ninguém se sentir maior que ninguém, seja ele leigo ou clérigo, por isso encontramos a presença feminina em muitas destas irmandades, assumindo lideranças e serviços, que ia desde a prática da formação até a assistência aos irmãos e irmãs que compunham o grupo. Vauchez faz questão de destacar essa presença feminina em determinadas irmandades um dos exemplos são as beguinas (1995, p.120):

Desde as últimas décadas do século XII, nas regiões correspondente a atual Bélgica, constituíam-se assim agrupamentos de mulheres chamadas beguinas, que viviam em comunidade sob a direção de uma delas, sem pronunciar votos religiosos propriamente ditos e associando o trabalho manual e a assistência aos doentes a uma intensa oração.

Em relação as mulheres casadas, quanto a admissão nas confrarias, segundo Vauchez deviam ter a aprovação de seus maridos, e era seguido de todo um ritual e regras, impostas ao casal em determinadas irmandades, como as dos *penitentes* presentes na Itália medieval, outra característica era a independência perante o clero (Vauchez, 1995, p.144):

⁷Vauchez, 1995, p.143.

As mulheres eram admitidas nessas confrarias com a autorização do cônjuge para as casadas. Os esposos podiam continuar a viver o seu casamento, mais deviam abster-se de relações sexuais na véspera de certas festas e durante certos tempos litúrgicos, o que explica o nome de “continentes”, que se dava às vezes aos penitentes. Suas reuniões eram em geral mensais; realizavam-se em uma igreja ou oratório, onde um padre ou religioso vinha lhes falar das coisas de Deus. Até os anos de 1280 os Penitentes italianos, dos quais os beguinos eram os equivalentes no Languedoc⁸ e na Catalunha, permaneceram amplamente autônomos em relação ao clero e eram regidos por seus próprios ministros, leigos que elegiam livremente e aos quais os membros da confraria prometiam obediência.

A autonomia das irmandades ou confrarias, passou a chamar a atenção dos clérigos, com o desenvolvimento dos burgos ou cidades, a autonomia aumentou bastante dos leigos para com o clero, a autoridade dos bispos aos poucos foi sendo fragilizada, perante a autonomia causada pelas organizações das corporações, que detinham uma boa parcela do acúmulo econômico medieval, com a ascensão dos centros de estudos, ou melhor dizer as universidades, algumas delas administradas por leigos, despertou a atenção dos episcopos, abades e principalmente do papado, para com as organizações laicas existentes na Europa medieval, gerando assim um questionamento sobre o que deveria ser feito para em relação a expansão e controle das irmandades, então segundo Vauchez uma das soluções encontradas foi ligar as até então irmandades autônomas as ordens medicantes já existentes ou a alguma abadia como oblatos (Vauchez,1995, p.144):

Mais depois desta data (1280), o papado para controlar melhor esses movimentos, os situou sob jurisdição das ordens medicantes. Em 1286, o mestre geral dos dominicanos Muño de Zamora, criou a terceira ordem dominicana, e, em 1289, o papa Nicolau IV instituiu a ordem terceira franciscana pela bula *Supra Montem*, que ligava a ordem dos irmãos menores no plano institucional, os penitentes que viviam em suas próprias casas.

A partir da *Supra Montem*⁹, as irmandades vão sofrer uma radical mudança, em relação as suas práticas e a sua própria compreensão do evangelho já que o que antes era fruto de uma vivência comunitária, onde a base estava centrada no evangelho, voltado para a pratica da partilha e amor ao próximo, a partir de agora será direcionada pela concepção dogmática, onde a pessoa do príncipe como bem fala Weber, incorporada na pessoa do sumo pontífice, vai ditar as regras de como deve ser uma vida de irmãos pertencentes as

⁸Região do sudoeste da Occitânia no sul da França, <http://pt.m.wikipedia.org/wiki/Languedoc>, acessado em 20 de abril de 2015, as 22:22hs.

⁹Na Montanha

irmandades. Podemos nos perguntar o que levou o Papa Nicolau IV a estabelecer uma regra para ordem terceira franciscana? Uma das possíveis respostas que podemos encontrar é que sendo ele oriundo da Ordem dos Frades Menores quis organizar de forma teologicamente correta a ordem terceira secular perante a visão cristã que tinha a igreja medieval. Na verdade essa atitude analisada historicamente ira nos mostrar que a intenção de tal ordenamento é uma das formas de combater as práticas de vidas existentes em irmandades já consideradas heréticas pelo clero em virtude de sua forma de vida e entendimento do que vinha a ser cristão, características estas muito presentes na irmandades dos penitentes formada por São Francisco, e defendida por suas regras apresentadas a Roma como forma de obter as indulgências plenárias e rejeitadas sumariamente por não corresponder a uma forma clerical de entender e viver o evangelho na igreja medieval como podemos observar em uma de suas admoestações (Cepal,1991, p. 62):

Não vim para ser servido mas para servir (Mt 20,28), diz o Senhor. Os que estão constituídos sobre os outros não se vangloriem dessa superioridade, mas do que se estivessem encarregados de lavar os pés aos irmãos. E se a privação do encargo de lavar os pés, amontoam para si tanto mais riquezas com perigo para sua alma.

Então ao analisarmos o cenário da Europa do século XIII vislumbramos uma sociedade em que havia um verdadeiro hiato cristão, formado por aqueles que se submeteram as reformas iniciadas por Gregório VII e os que reagiram e continuaram vivendo suas vidas e práticas espirituais de forma autenticamente cristã sem influencia clerical centralizadora, e sim uma vivencia de fé baseada na espiritualidade pautada na autenticidade e fidelidade a vida religiosa presente por séculos na vida cristã estabelecida na Europa. A ação do Papa Nicolau IV não vem a ser uma novidade, mas na verdade uma continuidade as reformas eclesiásticas iniciadas pelo seu já citado predecessor Gregório VII no século XI¹⁰.

Webber confirma esse processo de centralização relacionando diretamente com as ações do já citado Papa Gregório VII, que para ele é o grande mentor e idealizador de tal ação que se estenderá por séculos na Igreja Católica (2004, p.229):

¹⁰Segundo o Dicionário de História Medieval Papa de 1073 – 1085 corretamente considerado o líder e a figura representativa do grande movimento da reforma eclesiástica da segunda metade do século XI, o papa Gregório VII adquiriu uma reputação de tenacidade de propósitos e de visão imaginativa sobre o modo como a igreja ocidental devia ser governada. O controle hierárquico dos altos cargos da igreja passou a ser a plataforma principal do chamado movimento de reforma gregoriana; a transmissão de autoridade, passava numa linha clara, do Papa (sucessor de São Pedro), através dos cardeais metropolitas, até os bispos livremente eleitos.

Na Igreja Católica, a eliminação, primeiro, dos poderes intermediários feudais e, depois, de todos os poderes locais independentes, iniciada por Gregório VII e completada pelo Concílio Tridentino e Vaticano e, por fim, pelas disposições de Pio X, e sua transformação em puros funcionários da instância central (em conexão com o aumento contínuo da importância efetiva dos capelães formal e completamente dependentes, que se devia sobretudo à organização política de partido do catolicismo) constituíram um avanço da burocracia e, ao mesmo tempo, da democratização, neste caso, por assim dizer, "passiva", isto é, do nivelamento dos dominados.

A história das Irmandades será impactada diretamente por essas mudanças, é esse um dos principais objetivos desse primeiro capítulo não só apresentar as irmandades em sua essência, mas na verdade possibilitar ao leitor compreender sua composição e ações vividas pelos seus membros, o que Max Webber de forma magistral está nos fazendo compreender, não só na cosmologia da fraternidade como movimento religioso, mas seus impactos sociais. A partir desse período há uma mudança nos relacionamentos entre os irmãos, antes existia partilha entre eles em suas decisões, e com esse novo sistema o que antes era guiado pela experiência passa ter o dogma como princípio, a vida da irmandade tem um diretor espiritual que detém em si a sabedoria divina, o que devia ser serviço e compromisso com o tempo se transforma em status, poucas foram as irmandades que conseguiram não serem influenciadas pelo modelo criado pela Supra Montem. Para melhor compreender esse processo é necessário contemplar a Bula e seus capítulos e orientações as irmandades dos penitentes. Um ponto crucial que não podemos esquecer é que a partir dessa bula que serão organizados os termos de compromisso das Ordens do Rosário e de São Benedito.

1.2 Dogma libertatem Spiritus ad regulas¹¹

O século XIII é marcado por uma série de ajustamentos e surgimento de movimentos penitencias ligados as chamadas ordens medicantes a exemplo de franciscanos e dominicanos e é justamente nesta ordem que vai surgir a devoção do Rosário, como já comentamos algumas páginas antes e no final deste capítulo iremos melhor aprofundar. Com a Bula do Papa Nicolau IV Supra Montem temos em mãos a posição não apenas de uma ordem como aconteceu em 1286 mas algo que será apresentada de forma universal para toda a igreja, como modelo a ser seguido, por esse devido motivo é de suma importância devemos, os

¹¹ “Da liberdade do Espirito para as Regras do Dogma”

efeitos causados pelo cesarismo papal como bem lembra Gilbert Durand¹², o qual o mestre coloca como ápice da catástrofe o século XIII, onde a experiência é substituída pela mediação do clero, a comunidade pela paróquia, os frutos do espírito pela lei, o que provocou um abismo entre o fiel e seu Deus, entre seu filho e seu pai. Assim nos lembra o mestre (2008, p.20):

A desfiguração primeira e maior do homem ocidental consiste, exatamente, neste primeiro movimento da filosofia do século XIII que proíbe que o homem seja figura, sem intermediário, de Deus, ou mesmo figura segunda desta figura maior que ainda é o Cristo do Imitatio.

Essa desfiguração as Irmandade vão sofrer em sua realidade, a partir do momento em que se cria um modelo a ser seguido, e aqueles que não se adaptassem deviam ser denunciados ou entregues aos visitantes que tinham o poder e o dever de advertir e orientar. A revelação a partir daquele período era algo restrito ao clero, esses serão os messias cheios do espírito de sabedoria, os conselhos tão valorizados antes do século XIII, devem obedecer e escutar o Cura, ele que detém a verdadeira sabedoria. O mestre ainda nos diz que *dogmáticamente, toda igreja dificilmente pode tolerar a permissão, concedida pelo neoplatonismo avisante, de que cada individualidade espiritual pode ter uma inteligência separada*¹³, forma de vida normalmente relatada por cronistas até o século XII já que a grande reforma não conseguiu se impor em uma totalidade no mundo ocidental, só que aceitar essa realidade *seria destruir a própria utilidade do clero, o monopólio de mediação que ele se atribui*.¹⁴ É nessa realidade já imposta desde o século XI, que é escrita a Bula Supra Montem que passaremos a analisar a partir deste momento dando ênfase aos capítulos que nos ajudam a perceber a alteração na vida e cotidiano destas ditas irmandades tendo como primórdio a Ordem Terceira Franciscana, instituída por Francisco de Assis como constatamos na Legenda Maior de São Boa Ventura (CEFEPAL,1991, p.484-485):

Muitos informados pelo ardor de sua pregação, impunham-se a nova regra de penitencia de acordo com a formula aperfeiçoada pelo homem de Deus que decidiu chamar esse gênero de vida “Ordem dos Frades da Penitencia”. E não havendo outro caminho possível para todos os que buscam o céu e a não ser o caminho da penitencia, admite-se nela os clérigos e os leigos, os solteiros e os casados.

¹² Em Ciência do Homem e Tradição Gilbert Durand, nos apresenta um painel dos impactos causados a partir da grande reforma de Gregório VII no século, o que Max Webber apresenta como centralização, Durant fala de *cesarismo* como forma de fazer compreender os efeitos das posições dos papas dando ênfase a justamente ao século XIII, período em que foi escrito a Supra Montem de Nicolau IV.

¹³ Idem, p.20

¹⁴ Idem, p.20

A Bula Supra Montem foi apresentada pelo Papa Nicolau IV em 17 de agosto de 1289 AD em uma quarta-feira na cidade de Rieti localizada na Itália Central, espaço de residência dos Papas, espaço que testemunhou diversos feitos do Pobre de Assis. A Bula está organizada em 20 capítulos dividida, entre questões de cunho moral, devocional, doutrinário, escatológico e administrativo.

Capítulo I – O modo de examinar os que desejam entrar na ordem

Esse capítulo trata da forma de como devem ser examinados os que desejassem ingressar na Ordem Terceira Franciscana destacando que o pretense fiel devia ter observada sua forma de vida, antes de sua entrada na ordem, bem como uma análise de sua fé e obediência a Igreja. As últimas estrofes do capítulo merecem ser descritas na íntegra em virtude de sua importância no tocante ao dever dos que fazem parte da Irmandade dos Terceiros (Supra Montem, 1289):

Precaução, no entanto, com cuidado, para que nenhum herege, ou suspeito de heresia, ou mesmo uma pessoa infame, com a observância desta vida. E se acontecer de encontrar tais tendo sido recebido, deixe-o ser atribuídos mais rapidamente possível pelos inquisidores para serem punidos pela maldade herética.

O trecho acima citado nos mostra como estavam as relações do clero para com aqueles e aquelas que não seguissem suas orientações, a perseguição cerrado principalmente contra os cátaros que ainda guardavam em sua essência e comunidades o modo de vida cristã baseada nas propostas da experiência pessoal e igualitária, praticas essas vividas como já podemos constatar no início destas simples páginas, barrar o avanço dos hereges era o objetivo da centralização proposta pelo clero, heresia essa que os primeiros terceiros já tinham sido acusados, em virtude de sua vivencia evangélica e amor aos pobres, não podemos esquecer que foi por isso que as regras propostas por Francisco de Assis nunca foram buladas por serem consideradas muito radical pelo clero. Criando uma regra para terceira ordem o Papa Nicolau IV protegia seus confrades dos perigos das heresias que de acordo com o clero permeavam no cristianismo medieval.

Capítulo II – Da forma de receber os que desejam entrar na Ordem

O presente capítulo orienta no tocante a de como devem ser recebidos e orientados quanto as práticas da ordem e sua organização, dos deveres dos irmãos que nela pretendem fazer parte, o primeiro ponto são as condições de vida dos candidatos (Supra Montem,1289):

No entanto quando alguém quer entrar em uma fraternidade desse tipo, os ministros designados para o recebimento de tais, seu ofício é examinar cuidadosamente a condição do estado de vida, apresentando com fraternidade os encargos, o dever da restituição de bens outros, quando todas estas coisas tiverem sido realizadas para conclusão, após o espaço de um ano, com o conselho de alguns dos irmãos ilustres, se ele parece ser adequado para eles, deixá-lo ser recebido desta maneira, ou seja, que ele prometa que vai observar todos os preceitos divinos e também fazer satisfação das transgressões que cometeu contra esta maneira de viver, quando solicitado a fazê-lo de acordo com a vontade do visitador. E esse tipo de promessa feita por ele, e escrita pela mão de um notário. Mas ninguém deve ser recebido de qualquer outra forma por esses ministros, sob pena de parecer ao contrario para eles, separadamente; as mulheres casadas só poderão se juntar a família da fraternidade a partir do consentimento de seus maridos.

Um ponto que não podemos passar despercebidos são as condições que se encontravam as mulheres casadas, estas eram totalmente dependentes de seus maridos em relação ao ingresso para ordem terceira, ou seja a questão patriarcal era quem orientava a vida da irmandade. Normalmente as jovens solteiras e as viúvas eram recolhidas em ordem contemplativas.

Capítulo III – Forma do habito e as qualidades das peças de vestuário

A proposta do capítulo III é a de orientar como deve ser a vestimenta dos irmãos já que a mesma representa a identidade dos que pertencem a fraternidade como assim reza a bula (Supra Montem,1289): *O irmão acima de tudo desta fraternidade, deve se vestir em pano humilde no preço e na cor, não totalmente branco nem preto, a não ser que tenha sido dispensado por um tempo em algum lugar por meio dos visitadores no conselho dos ministros.*

Capítulo IV – Que não tenham acesso a baquetes indecentes e espetáculos, e que não estejam a dar ofertas para atores

Nas irmandades era algo comum os irmãos se reunirem para festejar, e muitos destes festejos tinham ainda presentes características nativas ou como é citada em crônicas medievais “pagãs”, o capítulo IV vem combater tais banquetes como forma de apagar essa memória volta e meia invocada e vivida em meios as irmandades (Supra Montem):

Deixem o acesso aos baquetes indecentes e espetáculos, ou locais de reuniões, ou dança, podem ser inteiramente proibidas. Deixem de dar oferta a atores, ou para visão de vaidade. E deixá-los ter o cuidado de proibir que qualquer coisa seja dada a estes a partir de sua própria família.

Os atores da idade média eram os saltimbancos, grupos que peregrinavam de cidade em cidade apresentando seus números, eram perseguidos pela igreja em virtude de sua forma satírica e encontravam em meio ao alto clero seus principais personagens, bispos e papas de preferência o que atraiu para si perseguições por partes das autoridades eclesiásticas, ao ponto de serem expulsos de muitas cidades a mando do poder clerical.

Capítulo V – Abstinência e jejum

As práticas de abstinência e jejum são uma das heranças herdadas pelo Cristianismo do Judaísmo, em memória ao evento do Êxodo, que foi sendo resinificado, durante a história, fazendo parte da base da espiritualidade dos cristãos. No capítulo V temos orientações em termos de dias que se devia jejuar, quais alimentos poderiam ser consumidos e quem podia realizar esse ato de piedade (Supra Montem):

Vamos todos abster-se de comer carne no segundo, quarto e sexto dia da semana, e no sábado, eles mantem o universo, a menos que a presença de enfermidade convença o contrário, mas eles vão jejuar desde a Festa de Todos os Santos até a Pascoa, na quarta-feira e sexta-feira; outros que foram estabelecidos a partir da igreja, ou foi apontado por outros motivos em dias comuns. Na quaresma de St. Martin até a Natividade do Senhor, e de quinquagésima domingo até a Pascoa do Senhor, (exceto domingos) cuidar para jejuar, a menos que a presença de enfermidade ou necessidades sugeri outra pratica. Irmãs, mulheres grávidas, até o dia da sua purificação a partir de qualquer esforço físico (oração sozinhos isentos) pode se o quiser, abster-se.

Como podemos perceber a pratica da piedade a partir da abstinência e do jejum estavam presentes de forma muito firme e organizada nas práticas das irmandades, sempre lembrando que a Bula de Nicolau IV não traz nada de novo em relação a essas práticas apenas valoriza e exige que seja levado a sério tais propostas penitenciais.

Capitulo VI – Com que frequência eles devem confessar durante o ano, e receber o Corpo de Cristo

O capitulo traz como proposta a instrução no tocante ao sacramento da confissão, como forma de estar purificado para participar das celebrações e poderem comungar, assim está exposto (Supra Montem,1289):

Além disso, cada um destes irmãos e irmãs, não deve adiar a confissão, confessando os seus próprios pecados três vezes por ano, ou seja, nas festas da Natividade do Senhor, a Sua Ressureição e Pentecostes, nem receber a Eucaristia com devoção, antes de ter-se reconciliado com os seus vizinhos e restaurando também seus bens.

A Bula traz uma obrigatoriedade a mais no tocante a confissão, do que o IV Concilio de Latrão (1215) orientava, já que é este concilio que regulamenta o sacramento da confissão quando decreta através das insígnias Papais de Inocêncio III a seguinte regra (Schonberg,1964,p.131) *e logo a regra da confissão e da comunhão pascais, sob pena de exclusão da Igreja; a lei do segredo da confissão e o dever do confessor em distinguir os casos e julgar pessoalmente*, mas como podemos constatar os irmãos tinham ao invés de uma por ano confessar seus pecados três vezes, no tocante ao dever do confessor ter poder de distinguir o caso, poder antes dado apenas aos bispos e aos papas, reflete a caça aos chamados hereges no século XIII, o confessionário se tornou um espaço onde o fiel podia entrar livre e sair acorrentado pelos dogmas da inquisição.

Ao analisarmos o contexto medieval, encontramos uma sociedade com costumes e práticas que caracterizam sua forma de vida de forma singular um deles é o conceito ou compreensão do que vem a ser liberdade e seus símbolos. Um sentido de liberdade é visto da seguinte forma, por exemplo no Século XI (Loyon,1997, p.427):

As duas principais marcas distintas de homem livre, o direito de portar armas e o direito de testemunhar sob juramento em tribunais públicos, ainda eram poderosas, mas ambas diminuíram de significação na fortemente regulamentada sociedade feudal da idade média feudal.

Capítulo VII – Proibição de Armas por Partes dos Irmãos

A Supra Montem proíbe aos irmãos de portar armas, com as seguintes palavras, “*Os irmãos não devem portar armas com os próprios braços, exceto para defesa da Igreja Romana, a fé cristã e/ ou também o seu país ou com a permissão de seus ministros.* Seguindo tal proposta *voltava* a condição de servo, e de forma direta servo da igreja, e outras ações de defesa só com autorização dos ilustres da irmandade.

Capítulo VIII – As horas Canônicas

A orientação feita pela Bula é que cada irmão realize as chamadas Sete Horas Canônicas, sendo dispensadas apenas aos enfermos, para realizar a os fiéis terceiros são orientados a procurar sua igreja local ou a catedral, caso não possam ir devem rezar Sete Pai Nossos e um Gloria ao Pai, orientação dado também aos religiosos que não dominavam a pratica da leitura. As Horas Canônicas são: Matinas, Prima, Terça, Sexta, Nonas, Vésperas e Completas.

Capítulo IX – Testamento dispondo os bens para Ordem

Como já podemos constatar no capítulo II, todo novo irmão que desejasse fazer parte da irmandade dos terceiros tinha sua vida investigada, desde a questão moral até a econômica, esta última era observada com o objetivo de saber do que o possível terceiro disponha economicamente para quando ingressasse na Ordem pudesse deixar em testamento a doação de seus bens. Vejamos (Supra Montem, 1289):

Além disso, vamos todos, que têm a faculdade da lei, estabelecer ou fazer testamento, e para organizar suas mercadorias dentro de três meses e imediatamente a seguir e descarte após sua entrada, para que nenhum deles morra sem testamento.

Capítulo X – E aqueles que estão fora da paz entre irmãos

“E, quando a paz feita entre os irmãos e irmãs ou mesmo estranhos colocados em discórdia, por isso devem comparecer na presença dos ministros (se a faculdades) nesta parte do conselho do bispo diocesano. ”

Capítulo XIV – Sobre os Irmãos fracos e mortos

Uma das principais missões das irmandades é no tocante ao cuidado com o fraco (enfermo) e o morto (defunto), devendo os irmãos realizar visitas semanais até o mesmo se recuperar, provendo quando necessário de bens temporais que venham possibilitar sua recuperação, essa pratica já estava contemplada na forma de vida das irmandades de ofícios ou religiosas existentes antes da Bula de Nicolau IV. Outra preocupação era a de cuidar bem para que aqueles irmãos que moram pudessem ter um sepultamento digno como garantia de do paraíso, após a morte pedir a um sacerdote para realizar uma missa em nome da alma deste, fiel bem como os irmãos e irmãs devem ler no saltério o salmo 50, e aqueles que não sabem ler rezem um Pai Nosso durante sete dias no final recitar descanso eterno. A morte era tratada de forma muito digna em meio as irmandades, o lidar com a morte é algo que marca a história do cristianismo, fruto de um movimento que em sua escatologia não ver na morte um fim e sim apenas uma passagem está de forma digna é necessária para poder assim ressuscitar, nesse período ainda não existia na igreja, quando a Supra Montem foi lançada ainda não existia uma teologia sobre a morte de forma universal, com ressalva aos escritos de Agostinho já que é o Papa Bento XII, no ano de 1336, com a *Benedictos Deus* irá de forma universal falar de forma escatológica sobre a morte.

Os demais capítulos tratam apenas da organização administrativa da Irmandade e como proceder, em caso de falha dos irmãos qual posição os ministros deviam assumir.

A Bula por nós apresentada podemos assim dizer é o fechamento do processo de centralização iniciado pelo papa Gregório VII, inicialmente sistematizando e centralizando a fé a partir do clero, em nome de uma fé pura fruto de uma imposição a qual visava firmar o cesarismo papal, só que em virtude da ascensão dos burgos e consequentemente a ascensão econômica dos que neles viviam, fez com que as irmandades de ofícios não fossem atingidas diretamente por esse poderio imposto pelo império papal. Por esse motivo encontramos em toda Europa medieval focos de resistência a essa imposição, seja no próprio clero, seja nas irmandades leigas, que não aceitavam a imposição e a proposta de mediação entre eles e Deus um Deus antes tão próximo, presente em seus ritos e celebrações, dentro de si mesmo como bem nos lembra Hildegard de Birgen, *“Oh, homem, olha-te, tu tens em ti, o Céu e a Terra.”*¹⁵ Mas apesar de esse processo de centralização a partir do clero, não podemos deixar de trazer acontecimentos que mexeram com a estrutura da Europa e de forma mística traz ao

¹⁵ Durant, 2008, p. 17

cenário medieval há tanto tempo adormecidos ou podemos dizer reprimidos, o messianismo que com muita propriedade o mestre nos lembra que está na base do cristianismo e presente em modos de vida muito presenciado até o século treze como nos lembra o mestre, (Durant,2008,20-21)*contudo até o século XIII, apesar da desconfiança do clero, a mística da união de Hildegard de Bingen, de Guillaume de Saint Thierry, e principalmente de São Bernardo, não hesita em comentar o breviário sobre uma união direta que é O Cântico dos Cânticos.*

Se por um lado observamos toda uma mística e aproximação com o sagrado de forma pessoal, iremos encontrar uma proposta de igreja que cada vez mais se distancia, traz para si e os seus a experiência, criando assim um ambiente de dependência, dependência essa que afasta o Deus, o coloca distante, para isso o mestre nos faz uma linha onde podemos identificar os atos e seus efeitos (Durant, 2008, p.21):

É a partir de meados do século XII que a segunda origem, a hegemonia temporal da Igreja, vem agravar a catástrofe: em 1159¹⁶ “a luta do Sacerdócio e do Império transformara em cisma uma simples divisão do colégio eleitoral... “*a res sacra* que primitivamente designava a *res eclesiástica*”. Inocêncio III, reinando de 1198 a 1216, representa o apogeu desta confusão dos “*dois gládios*”.

É nesse ambiente que as irmandades estão presentes, em um mundo de disputas entre o Cesarismo dos Papas e Império, como se comportar de que lado devem estar? O que devem fazer? É nesse ambiente que vai surgir a devoção que anos depois dará origem a Irmandade do Rosário, em meio a um povo desassistido, o qual Deus está distante, onde a mediação é imposta como forma de se chegar ao sagrado, a transcendência é altamente valorizada, onde há a necessidade de uma escada, onde nem todos têm o direito de subir (Durant,2008, p. 21):

O que, sem dúvida, é preciso observar, é que o cristianismo trazia o germe, por meio de sua herança messiânica e identificação rápida da Encarnação com uma “descida” na História dos Judeus, da ameaça dupla de distanciamento de Deus (com seu corolário do desamparo do homem) e de busca apaixonada por uma aproximação histórica com o Deus longínquo, aproximação na pessoa do “Filho de Deus”, depois na constituição de um corpo mediador e místico do Cristo, a Igreja.

Então muitos devem estar se perguntando, sendo a Igreja o corpo místico de Cristo, então todos estão em um mesmo barco, mas na verdade não, o distanciamento e a

¹⁶ Schonberg,1964, p.124: “A subida de Alexandre III (1159), Orlando Bandinelli, à cadeira pontifícia, iria reabrir, porém, a luta pelo *imperium mundi*, entre o grande pontífice sienese, possante homem de acção e jurista eminente, e o genial homem de Estado, que nenhuma lei detinha.

centralização da grande reforma vêm como forma de dizer que a Igreja é composta pelo clero, eles é quem compõe a Igreja, o povo escolhido está dentro da grade que cerca o presbitério, é no altar que Deus se encontra, a influência secular é desencorajada, e a, autovalorização do clero através do seu isolamento (Bolton, 1983, p. 20):

Os remédios postos em pratica para combater esta situação era o isolamento do clero, acompanhado pela elevação da dignidade sacerdotal, o controle dos cargos eclesiásticos e a imposição do celibato do clero nos mosteiros e em instituições semelhantes e, sumamente importante a eliminação da ingerência laica nos cargos sacerdotais.

Não podemos esquecer que é neste mesmo período que a imagem da mulher e sua valorização é totalmente transformada, sai a figura exemplo de mãe e entra a figura da virgem, como forma de balizar e nortear a verdadeira figura feminina, a imagem da Virgem Maria, passa a ser exaltada justamente durante o período da idade média e é primordial entender esse processo como forma de compreender a própria devoção a Nossa Senhora do Rosário, é Bernardo e Guillaume de Saint-Thierry que elaboram a exaltação a figura da Virgem Maria em desvalorização da figura da Mulher Eva (Vauchez,p.174):

Por causa do pecado original, o elemento divino no homem foi oculto e escondido pelo mal. Mas Deus restaurou essa semelhança pela encarnação: Maria, nova Eva, é não só instrumento da nova criação, mas também um modelo para os cristãos de todos os tempos. A alma-esposa a procura de Deus, deve tentar assemelhar-se a Virgem e, como ela, torna-se mãe, para dar nascimento ao espírito divino.

E a mulher casada, como ficou sua situação, já podemos ver que para as mesmas terem acesso as irmandades teriam de ter a autorização de seus maridos, que figura vão representar, em uma sociedade tão virginal? A partir destas reflexões constatamos que o contexto em que as irmandades estão inseridas nos faz perceber as ações do sagrado bem como do homem, convivem entre o espírito e o dogma, um que propões libertação e comunhão outro que traz submissão e centralização.

1.3 A Devoção a Nossa Senhora do Rosário

A devoção ao Rosário em algo que nos remete ao século treze está ligada a chamada Cruzada Albigense ou como melhor conhecemos os cátaros, sua propagação é atribuída a um Conego Regrante por nome Domingos de Gusmão, ele é quem vai iniciar esse processo

devocional em meio as suas pregações contra os referidos cátaros onde seu primeiro contato vai se dar por volta do ano de 1203 em sua ida para Roma como relatam diversos crônicas que retratam sua história (Lacordaire, 1861 p. 14):

Por esse tempo, o rei de Castela Afonso VIII, teve idéia de casar seu filho com uma princesa da Dinamarca. Escolheu como negociador o bispo de Osma, o qual, levando consigo Domingos, partiu nos fins do ano de 1203 para o norte da Alemanha. Ambos, ao atravessarem o Languedoc, puderam constatar os progressos assustadores dos Albigenses, e os seus corações sentiram-se profundamente contristados. Chegados a Toulouse, onde só tencionavam ficar uma noite, S. Domingos descobriu que o dono da hospedaria, onde pernoitaram, era herege.

Os primeiros passos da devoção mais conhecida no catolicismo romano se iniciaram através de uma cruzada incessante contra aqueles que discordavam da centralização e autoritarismo papal que foram os cátaros. Mas continuando nossa peregrinação para compreensão da devoção do Rosário iremos encontrar como proposta de Domingos uma forma de evangelização, salientando que o ele propõe não é nenhuma grande novidade em termos de práticas de oração ou melhor meditação, já que em meio aos mosteiros os irmãos que não sabiam ler eram normalmente orientados nas horas santas recitarem o pai nosso por sete vezes, como forma de compensar os salmos que os mesmo não liam em virtude de sua não compreensão dos códigos de leituras, já que muitos mesmo nos mosteiros eram analfabetos. Então aproveitando essas pratica Domingos realiza uma adaptação á ele orientava da seguinte forma (Lacordaire,1861, p.47):

Por conseguinte, ele nunca cessava de pedir a Deus a restauração da paz, sendo com o fim de obtê-la e de apressar o triunfo da fé que ele instituiu, não sem uma secreta inspiração, essa forma de oração que mais tarde se espalhou pela Igreja universal, sob o nome do Rosário. Quando o Arcanjo Gabriel foi enviado por Deus à bem-aventurada Virgem Maria para lhe anunciar o mistério da Encarnação do Filho de Deus no seu casto seio, saudou-o nos seguintes termos: "Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres".

A partir desta pratica de Domingo de Gusmão inicia-se a devoção ao que futuramente seria conhecida como nossa Senhora do Rosário, entre os católicos. Como forma de melhor utilizar a pratica devocional como instrumento de expansão do Catolicismo através da pregação, Domingos passa a organizar reflexões a partir do nascimento, morte e ressurreição de Jesus, como forma didática de não dispersar o fiel em sua meditação (Lacordaire,1861, p.48):

Porém a repetição podia dar lugar à distração do espírito. Domingos remediou isso distribuindo as saudações orais em diferentes séries, ligando a cada uma delas a memória de um dos mistérios da nossa redenção que foram alternadamente para a bem-aventurada Virgem motivo de gozo, de dor e de triunfo. Desse modo a meditação interior unia-se à prece pública, e o povo, ao mesmo tempo em que saudava a sua mãe e rainha, seguia-a no íntimo do seu coração em cada um dos fatos principais da sua vida. Domingos formou uma confraria para melhor firmar a solenidade dessa forma de súplica.

Como podemos constatar Domingos inicia o processo de formação da devoção consequentemente uma confraria que veio consolidar a devoção em honra de Nossa Senhora do Rosário, como podemos constatar em um primeiro momento como forma de combater os Cátaros, mas depois a devoção foi abraçada de forma universal e teve como uma das principais práticas utilizadas no processo de evangelização por parte dos missionários não só dominicanos, mas consequentemente franciscanos, oratorianos e outros tantos como poderemos constatar que na idade moderna adentraram a América, Ásia e África divulgando e ensinando o Rosário tanto aos nativos bem como os escravos destes continentes.

Em suma podemos dizer que foi a Idade Média, o celeiro das irmandades, seja as de ofícios, as penitenciais ou as chamadas irmandades terceiras, que estavam ligadas as ordens penitenciais ou como foram também conhecidas mendicantes, sua influência na sociedade foi algo que marcou as estruturas medievais. Possibilitando toda uma simbologia presente na forma penitencial e devocional, símbolos esses que foram sendo resinificados mas tiveram sua origem no ambiente medieval. Como forma de não perder sua espiritualidade compreensão do elemento sagrado esse homem medieval cria toda uma dimensão simbólica que de forma perene irar nortear sua existência, sua fé. O que não podia ser diferente há uma reação por parte do cesarismo papal, mas o símbolo é mais do que os homens e seus dogmas, ele sobrevive e consegue está presente na história de fé que vai transpassar a o tempo, já que o mesmo que dar sentido à experiência, é o que acontece com a devoção do Rosário analisando de forma racional, olhando através do mito que ali se encontra percebemos bem mais, ou melhor percebemos algo mais (Huizinga, 2010, p.155):

A associação simbólica baseia-se muitas vezes na igualdade do número. Uma imensa perspectiva de séries ideais de relações abrem-se assim, mas nada mais representa do que exercícios aritméticos. Desse modo os doze meses significarão os apóstolos; as quatro estações, os evangelistas, e o ano significará Cristo. Um aglomerado de sistemas se forma à volta do número sete. Às sete virtudes correspondem as sete súplicas do *Pater*, os sete dons do Espírito Santo, as sete bem-aventuranças e os sete salmos da penitência. Todos estes grupos de sete voltam a relacionar-se com os sete momentos da Paixão e os sete sacramentos. Cada um deles se opõe a um dos sete pecados mortais, que são representados por sete animais e acompanhados por sete doenças.

Ignora essa simbologia e nos levaria há uma não compreensão de porque se espalhou de forma tão intensa e foi adotado e acolhido pela comunidade medieval, principalmente entre os mais simples que não tinham acesso a leitura formal. O símbolo tem esse poder de comunicar e elevar cada um que o contempla a entender e viver a experiência proposta, com uma linguagem que o povo compreende por estar ligado à sua vida cotidiana (Huizinga, 2010, p.155):

A fim de obter um sistema em que entre os números dez e quinze representa os ciclos das cento e cinquenta Ave-Marias e dos quinze *Paíers*, que prescreve à sua Confraria do Rosário; junta as onze esferas celestes e os quatro elementos, multiplica-os depois por dez categorias (substância, qualidade, etc.). Com esse produto obtém cento e cinquenta hábitos naturais. Da mesma maneira, da multiplicação dos dez mandamentos pelas quinze virtudes resultam os cento e cinquenta hábitos morais. Para chegar ao número das quinze virtudes conta ele, além das três virtudes teológicas e dos quatro cardeais, as sete virtudes capitais, que somam catorze: restam duas, que são a religião e a penitência, o que faz dezesseis; há, pois, uma a mais, mas como a temperança da série das virtudes cardeais é idêntica à abstinência da série das capitais, chega-se finalmente ao número quinze.

Assim fechamos o nosso primeiro capítulo buscando entender a cosmologia em que se conceituou e se formou as Irmandades e Confrarias no período medieval, compreendendo que desde sua origem as mesmas já foram iniciadas com múltiplos entendimentos e cores, teologias diversas que conseguiram resistir a imposições, imposições que estavam ligadas diretamente ao poder não só religioso mais também secular entender a organização das irmandades em sua origem teve como objetivo nos orientar e ajudar a compreender as forma de surgimento das irmandades e sua organização como hoje conhecemos, realizando uma abordagem a partir da teoria do imaginário podemos ver que apesar de terem se passado tanto tempo, aproximadamente nove séculos, tais influencias e práticas estão bastante presentes nas irmandades de hoje .

Não podemos esquecer, que em meio a uma Europa que enfrenta uma transição, as Irmandades se impuseram e conquistaram espaço, entre tantas está a do Rosário que se espalhou através dos dominicanos.

Resgatar sua origem é uma forma de buscar maior compreensão que nos leve a entender sua fundação aqui no novo mundo, nas terras dos Cariris, Tabajaras e Potiguaras, que tem contato com o Rosário desde o início do processo de colonização, realizando a inclusão de negros e mestiços, que a elas pertenceram e pertencem já que está ativa nas cidades de Areia e Pombal na Paraíba, resistindo ao tempo, se ressignificando.

Sendo assim, nos utilizando da prática de campo através de observações e entrevistas, buscamos compreender a influência das práticas devocionais na vida dos fiéis da Irmandade, colhendo seus depoimentos através da prática de entrevistas e observação do rito, participando das reuniões, mas não podemos esquecer que antes de chegar a nossa terra já existia na metrópole Lusitana como vamos analisar em nosso próximo capítulo, como formar de compreendermos qual a Cor da Fé, vivida em sua vida prática da fé.



6. Igreja de São Domingos -Lisboa – Portugal (Amarante/2015).

CAPITULO II – ALÉM DOS OCEANOS: A DEVOÇÃO À NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO EM PORTUGAL E NO BRASIL

2.1 As Irmandades e Cristãos Novos na sociedade Lusitana

Em nosso primeiro capítulo nos concentramos em fundamentar o surgimento, organização e expansão das irmandades no ocidente em particular as irmandades e confrarias católicas, dando destaque a de Nossa Senhora do Rosário, objeto de nosso estudo. Neste segundo capítulo iremos abordar especificamente a criação da Irmandade do Rosário dos Pretos em Portugal a partir da expansão do tráfico de escravos por parte de Portugal e Espanha, mas como forma de situar o leitor de nosso trabalho iremos analisar com a ótica de Webber os grupos religiosos do período e onde as irmandades se tornaram essenciais em meio a toda cosmologia encontrada em terras lusitanas no final da idade média início da idade moderna.

Com a decadência Econômica na Idade Média, tendo como um dos fatores a ascensão da burguesia o mundo ocidental vai passar por um processo de transformações que vai desde a mudança que se dar na economia até as formas de viver a fé, principalmente no tocante ao processo pós peste negra, que atingiu o camponês bem como os palácios, entre eles os dos bispos, o referido evento leva o povo a refletir em relação a fé, já que não existe resposta por parte dos que Webber vai chamar de *Sacerdote, nem pelos Magos*¹⁷, para os acontecimentos em meio a todo esse movimento não se encontrou as respostas esperadas para tantos questionamentos, com isso passou a existir diversas formas de penitência como forma de se livrar do cálice que tinha alcançado a todos. Era bem comum encontrar grupos de penitentes nas ruas dos burgos, bem como nos campos, se autoflagelando, realizando e pagando promessas. Outro aspecto que marca essa fase de transição em Portugal é a fase do Mercantilismo com as novas descobertas de rotas marítimas acontece uma mudança total no estado Lusitano, a nova rota encontrada vai tornar Portugal cada vez mais cosmopolita em virtude de toda influência ocasionada pelas navegações. Não podemos esquecer que a península ibérica desde a antiguidade é um espaço marcado por diversos processos de

¹⁷ Ao tratar da Sociologia da Religião Max Webber vai nos apresentar conceitos envolvendo ambos (1922.p. 295): “em correspondência a distinção entre o “culto” e a “magia”, é possível designar como “sacerdotes” aqueles funcionários profissionais que, por meios de veneração, influenciam os deuses, em oposição aos magos, que forçam os “demônios” por meios mágicos. Mas o conceito de “sacerdote” de muitas grandes religiões, também o da cristã, inclui precisamente a qualificação mágica. Ou então denomina-se “sacerdotes” os funcionários de uma empresa permanente, regular e organizada, visando à influência sobre os deuses, em oposição à utilização individual e ocasional dos serviços dos magos.

transições e mudanças, bem como inovações no sentido claro da palavra a permanência dos Muçulmanos por mais de cinco séculos na península, bem como as comunidades judaicas e cristãs, fez de Portugal um terreno fértil para as experiências não só marítimas e mercantis mas principalmente religiosa, em virtude do processo multicultural possibilitado pelas chegadas e partidas nos cais Lusitanos. Diferente do que durante muito tempo foi pensado que na península ibérica era composta apenas por fervorosos católicos, ao analisarmos a história das margens encontramos uma diversidade de credos e ritos que chegavam e partiam, apesar de toda repressão por parte do poder clerical, não se conseguia apagar o que estava presente na vida do povo, cada uma com sua visão de mundo, forma de dialogar com o sagrado, como bem lembra nos lembra Weber com sua *Ética Econômica*¹⁸impulsionados pela sua Fé e interesses, principalmente quando se fala em relação aos que fazem parte do seu grupo religioso, a busca pela preservação da identidade é algo presente na vida dos que formam a sociedade lusitana no início da idade denominada moderna, cada grupo com suas particularidades como bem nos lembra o autor da obra *Ensaio de Sociologia*, começando pelo Islamismo presente na península, sua forma de organização e práticas religiosas se destacaram no processo moderno (1922,p. 311):

Durante seu primeiro período, o islamismo foi uma religião de guerreiros que queriam conquistar o mundo, uma ordem cavaleiresca de cruzados disciplinados. Faltava-lhe apenas o ascetismo sexual dos cristãos na era das Cruzadas. Mas durante a Idade Média Islâmica, o sufismo¹⁹ contemplativo e místico conseguiu uma situação pelo menos de igualdade, sob lideranças dos técnicos plebeus de orgiástica. As irmandades da pequena burguesia nasceram no sufismo, de uma forma semelhante aos terciários cristãos, exceto pelo fato de se terem eles desenvolvido muito mais universalmente.

Os Judeus também formavam outro grupo importante em Portugal de grande prestígio com influências principalmente econômicas e de cunho racional, formavam uma parte burguesa, ligado aos processos comerciais eram os grandes investidores das navegações e do processo mercantilista e estavam na lista dos perseguidores de usurários, por serem acusados da prática de usuras e viverem da cobrança de juros, mas para Webber são exemplo de intelectualidade e civismo (1922, pag. 311):

¹⁸ Em seu texto *Psicologia Social das Religiões Mundiais* Webber nos mostra um conceito sobre o que entende por *ética Econômica das Religiões* (1922, p.309): “A expressão *Ética da Econômica* refere-se aos impulsos práticos de ação que se encontram nos contextos psicológicos e pragmáticos das religiões.”

¹⁹ Mateus Soares Azevedo ao falar do Sufismo o define da seguinte forma(2000,p.42) “O sufismo é a Mística do Islã. Também já foi definido simplesmente como a sabedoria dos santos. É a dimensão interior do Islã (a “exterior” é a sharia, ou lei).

Desde o Exílio, o judaísmo foi a religião de um “povo pária” cívico. Veremos, no devido momento, o sentido preciso da expressão. Durante a Idade Média o judaísmo ficou sob a liderança de uma camada de intelectuais treinados na literatura e ritual, uma peculiaridade do judaísmo. Essa camada representou uma intelectualidade pequeno-burguesa cada vez mais quase-proletária e racionalista.

No tocante ao Cristianismo constatamos uma posição já encontrada em Economia e Sociedade citada no capítulo I de nossa pesquisa quando analisamos a realidade urbana e a realidade do campo, onde permanece a herança dos ancestrais, Webber não excita em afirmar em Ensaio da Sociologia esse diferencial (1922, p. 311-312):

O cristianismo, finalmente, começou sua carreira como doutrina de artesãos jornaleiros itinerantes²⁰. Em todos os períodos, sua poderosa evolução externa e interna foi uma religião especificamente urbana e, acima de tudo, cívica. Isso aconteceu durante a antiguidade, durante a Idade Média (*bem como na idade moderna*)^e no Puritanismo. A cidade do Ocidente, impar entre as outras no mundo – e o corpo de cidadãos, no sentido em que só surgiu no Ocidente – foi o principal teatro do Cristianismo.

Nesse contexto não podemos esquecer o que estava guardado no imaginário lusitano no tocante aos antepassados que ali habitavam antes do Império Romano suas influências e crenças, seus anseios, o que restou deste passado tão presente em determinadas ações do povo português o que vai influenciar toda sua prática religiosa, suas devoções e práticas cotidianas vividas pelos lusitanos de acordo com um Oliveira Martins em sua Obra História de Portugal onde encontramos um Cristianismo ainda itinerante marcado por diversas práticas devocionais muitas vezes como forma de purgar os pecados, outras vezes buscando encontrar respostas para o fenômeno que se avança sobre a sociedade que principalmente no século XVI vai ser atingida por diversos acontecimentos que irar fazer com que a mesma busque no fenômeno da fé respostas para tais. Nesse universo onde a crise governamental leva o povo as ruas e ao resgate de sua esperança como forma de encontrar um caminho na resolução de tudo que se abatia sobre eles.

De acordo com o autor de História de Portugal o Sebastianismo se apoderou da alma lusitana, o mito do herói estava presente ou seja Portugal estava vivendo um verdadeiro processo de esperança e desgraça ao mesmo tempo, cria-se na sociedade uma vivência nunca vista onde se misturou fé e superstição, sagrado e profano andavam de mão dadas nas ruas

²⁰ Jornaleiros era o nome utilizado para identificar o trabalhador que ganhava por dia, muito comum nas corporações de artesãos.

das cidades portuguesas da segunda metade do século XVI, vivam um verdadeiro advento à espera do jovem Rei que partiu e não mais voltou, vejamos (Martins, 2010,p.232):

Mas clamoroso ato de contrição, gemido nas ruas, ao chegarem as notícias da África, afogou-se logo na atmosfera corrompida. É para chorar e acabar de pasmar a louquice desta terra, dizia uma testemunha. Não havia força bastante, para sofrer e os infelizes, desesperados, abandonava-se a proteção do castelhano, vendendo-se lhe; abandonavam-se à proteção mágica das promessas, dos votos e das feitiçarias. O rei de Castela, Deus, o Diabo, um qualquer messias que nos salve, pois que o adorado Messias, o moço redentor, morreu (talvez não morresse em África).

O desenvolvimento realizado por Dom Manuel e aperfeiçoado por Dom João III se ver ameaçado por falta de um líder em virtude da morte de Dom Sebastião o imaginário do povo português é marcado por um dualismo de esperança e desespero, os bravos homens do mar os conquistadores dos oceanos se veem perdidos, sem rumo vão as ruas os miseráveis e os nobres em um grande bradar e desespero (Martins, 2010, p.232):

E as donas ilustres e de qualidade andavam a modo de romarias pelas ruas e igrejas; e não havia devoção defesa que não fizessem, nem feitiçaria que não buscassem, para saber notícias do cativo: era um tempo dourado para santões e beatas, que as roubavam em quanto possuíam. Achavam-se por toda parte, aos grupos, cumprindo as devoções, embiocadas e descalças, parecendo medos, nas casas não ficava negra, nem rapariga.

Como aconteceu em outras nações Portugal estava em busca de um messias o messianismo passou a fazer parte da vida dos lusitanos lembrando muito os gemidos do povo hebreu no exílio “*A beira dos canais da babilônia nos sentamos, e choramos com saudades de Sião.*”²¹ Através de romarias e cânticos expressavam seu desespero e busca de um tempo melhor ao ponto de serem comparados aos Macabeus (Martins,2010, p. 234):

Os Macabeus de 1580 não tinham de menear a espada; e o povo, perdido o sentimento, da sua realidade, como todo e com a força, abandona-se a esperar a volta do Messias – D. Sebastião, o príncipe encantador, a Divina criança, que soubera aspirar para salvação comum, que viria decerto redimir a nação. O povo cristalizava os seus ideais, transfigurando o homem num símbolo das suas esperanças e desejos.

Uma mística regada pelos messiânicos estava na mente e no coração dos portugueses cercados de messias que anunciavam ser o Dom Sebastião, passando a despertar um repúdio do povo que via sua esperança cada vez mais frágil com a morte de Dom Henrique levou os

²¹ SI 137,1

mesmos a buscarem alternativas, bem como o surgimento de diversos homens denominados messias prometidos como aconteceu com Israel no século II a.C. não vendo mais esperança na terra passam a esperar um messias enviado para salvar o povo de toda dor e desesperança pela boca dos profetas: *“Eis que enviarei o meu mensageiro para que prepare um caminho diante de mim”*²² de acordo com Oliveira, nasceram mitos, pseudomessias como salvadores do povo (Martins, 2010, p. 335):

Desde que se lançaram nos braços desta esperança mística, desde que o messianismo, sintoma superior da caquexia nacional, levava o povo a confiar indiscutivelmente num milagre próximo, D. Antônio, um pseudomessias debatia-se em vão chamando a si o auxílio das populações contra o castelhano. Em 1584-5 aparece o Messias, encarnando sucessivamente em dois homens, que também tiveram a sua paixão, a sua cruz. O primeiro, o rei de Penamacor, era um oleiro; o segundo, o rei da Ericeira, era um pedreiro.

Essa é a situação de Portugal no século XVI, se inicia assim uma batalha entre a lenda e o dogma, o solo lusitano está totalmente dividido entre o espírito e a lei, a igreja não consegue combater o espírito que alimenta a alma do povo surge um sentimento de fé íntimo que busca resposta, perante um catolicismo que vive sob as tensões e caminhos da lei, uma religião transcendente perante uma religião emergente, que resgata o ânimo criando assim um ambiente mítico com diversas variações como nos fala Jean- Jacques Wenenburguer (2007, p. 45):

A relação com um passado fundador (começando o mito por remeter a um *illud tempus*, naquele tempo) tido por conservar o texto, acentua essa resistência do mito. No entanto é particularmente importante não reduzir esse imaginário a uma identidade simples e pura. Na maior parte do tempo, os sistemas de imaginários resultam de sobreposições, de cruzamentos, de miscigenação, tal como o ilustra o entrecruzamento de elementos greco-romanos e pagão celta no imaginário medieval.

É justamente esse passado que é despertado no coração do povo português e o mais importante o imaginário desperta em plena época moderna esses amalgamas de elementos, essa busca de viver um patriotismo herdado das primeiras dinastias é invocada e vem à tona todo um simbolismo que grita de dentro do peito da nação firmada agora na esperança simbolizada na figura de um homem que se torna gênio, espírito um verdadeiro mito, esperam que ele venha salvar Portugal.

²² Mt 3,1

É essa nação que de 1574 á 1585 trava constantes batalhas nas aguas do Rio Paraíba, com o objetivo de fundar a capitania da Paraíba criada pelo rei herói Dom Sebastião antes de partir para sua última viagem à África, era assim as almas que cruzaram o oceano chegaram aqui influenciada pelo Sebastianismo gritante em Portugal (Martins, 2010, p. 239):

O sebastianismo era, pois, uma explosão simples da desesperança, uma manifestação do gênio natural intimo da raça, uma abdicação da história. Portugal renegava, por um mito, a realidade; morria para a história, desfeito num sonho; envolvia-se para entrar no sepulcro, na mortalha de uma esperança messiânica.

2.2- As Irmandades do Rosário dos Pretos e São Benedito em Lisboa

É nesse universo descrito nas primeiras páginas deste capítulo que nasce e se desenvolve a Irmandade do Rosário dos Pretos em meio a um processo de expansão ultramarina possibilitada pelos avanços náuticos nas terras lusitanas desde o século XV com a descoberta da rota através do atlântico avançando pela costa africana, desenvolvendo colônias e catequizando os povos africanos tendo como uma de seus principais instrumentos o Rosário. Segundo Jorge Fonseca *“A preferência dos negros pela invocação do Rosário e pelas associações formadas sob a sua égide deve-se principalmente ao caráter aberto destas, que admitiam todos os tipos de confrades, incluindo expressamente os escravos.”*²³

Já conhecido pela sociedade desde os tempos medievais com formatação diferenciada já que nos primórdios se recitava 150 pai-nossos como forma de lembrar os 150 salmos da bíblia são na idade moderna que se inclui as aves marias, apesar de ser devoção dominicana a pratica do rosário passou a ser utilizada por diversas ordens principalmente quando a festa passa a ser reconhecida e divulgada pela cúria romana no ano de 1571 como consta na liturgia oficial católica²⁴ apesar da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos existe em solo português desde o século XV no Mosteiro dos Dominicanos em Lisboa junto ao Rossio por volta do ano de 1460 no convento dos pregadores foi fundada a Confraria, formada por negros vindo da África a partir de 1446, ano que se inicia as investidas portuguesas no continente africano através do atlântico entrando pelo rio Gâmbia e 1456 com a descoberta do Rio

²³Temas e Factos : Confraria de negros no império português,
<http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/content.php?printconceito=1270> acessado em 10 de fevereiro de 2016, as 22:00hs.

²⁴ Esta comemoração foi instituída pelo Papa São Pio V no aniversário da vitória obtida pelos cristãos na batalha naval de Lepanto e atribuída ao auxílio da Santa Mãe de Deus, invocada com a oração do Rosário (1571) (O.H, 2004, p.1396)

Grande, se iniciando assim um processo de aculturação através do oceano²⁵, já que em um primeiro momento em virtude da escassez de pedras preciosas na Europa em virtude do início do capitalismo de do processo de acúmulo o “Ouro” foi a mercadoria mais cobiçada, mas não passou muito tempo para os escravos tomarem o seu lugar como principal mercadoria, possibilitando assim todo esse processo de enculturação e aculturação da África bem como de Portugal já que desde a gastronomia bem como as crenças africanas começaram a fazer parte da vida lusitana (Termo de Compromisso, 1575,p.10):

E porque os Homens pretos vindo das longe terras e partes da Etiópia²⁶ invocados da graça do Spirito Sancto vindo em consentimento de Nossa Senhora do Rosário e dos seus grandes milagres e movidos de Católica devoção forão os primeiros edificadores principiantes e sustentadores da muy S. Capela e Confraria que fora essa edificada e residente no Mosteiro de São Domingos desta mui nobre real cidade delix a Capela e confraria e devoção floresce no anno de mil e quatro centos e sessenta.

Ao contemplarmos o Termo de Compromisso e analisarmos a história dos escravos ou foros que formavam a Irmandade do Rosário dos Pretos encontramos pessoas que saíram do continente africano com toda uma cultural que podem ser percebidas e relacionada principalmente no aspecto fúnebre o cuidado com os mortos praticado pela Irmandade dos Pretos já era algo muito presente na vida dos africanos trazidos como escravos para Portugal , relatado pelos primeiros navegantes portugueses em relação aos ritos funerários dos povos da costa(Person, 2010,p.344) :

É habito fazer-se um memento²⁷ de todos os mortos. Se é um notável, esculpe-se um ídolo parecido com ele; se é homem comum ou escravo, a figura é feita de madeira e posta numa casa coberta de palha. Sacrificam-se lhe anualmente galinhas e bodes.

Os termos de compromisso nos apresentam a organização das irmandades não só as dos Homens Pretos, mas as demais fossem elas regulares ou seculares. Em Portugal foram importantes para garantir a sustentabilidade dos membros das ordens e irmandades, neles continham as orientações de como proceder e distribuir funções e contribuições, já que desde

²⁵ Cf. História geral da África, IV: África do século XII ao XVI, p. 350.

²⁶ História geral da África, IV: África do século XII ao XVI (pag. 338): “Designa-se por Guiné a costa ocidental da África que vai da foz do Gambia ao delta do Niger. Sinônimo de “Etiópia”, ou “país dos negros”, o termo foi usado pelos primeiros navegantes portugueses em seus escritos sobre a região.

²⁷ Prece ou recordação.

o medievo as irmandades detinham importantes patrimônios adquiridos através de doações de propriedades ou montantes capitais.

Nos termos de compromisso existe todo o processo de eleição realizada pelas irmandades através de seus membros normalmente a cada dois anos eram realizadas as eleições, as quais organizavam os grupos(Tengarrinha,2000, p.90)

A eleição podia ser substituída por uma escolha (compromissum) por um grupo mais restrito de eleitores (compromissários) ou pela nomeação pelo titular do poder secular, como acontecia, para os bispos em Portugal. Devia ser confirmada pelo titular do direito de nomear ofício.

Como perceber as irmandades que detinham toda uma organização como forma de garantir sua existência, o que possibilitava a mesma adquirir bens já que todas elas realizavam sua manutenção a partir de receitas que chegam as irmandades por meio dos irmão ou promessas feitas ao padroeiro ou padroeira da obra, bem como a manutenção financiada pelo estado.

O impacto das irmandades na sociedade portuguesa é algo inegável principalmente quando analisamos a partir da Época Moderna, sua atuação é algo inquestionável, assistência que colaboraram com todo o processo não só religioso, mas político, social econômico. Ao observarmos a devoção a Nossa Senhora do Rosário sendo oficializada pela Igreja na segunda metade do século XVI constatamos a influência provocada pela devoção e em Portugal contribuiu e muito com a identidade religiosa da sociedade Lusitana, segundo Pedro Penteado, o Concilio Ecumênico de Trento muito contribui para o aspecto devocional das Confrarias e Irmandades (1993, p.15):

A importância das confrarias na sociedade portuguesa da Época Moderna é hoje um dado inegável. De norte a sul do país, em quase todas as comunidades, as confrarias participaram na assistência espiritual e material às populações e contribuíram para o fortalecimento da vivência do catolicismo, através da orientação doutrinal dos fiéis, da procura sacramental, do culto dos mortos, da prática da caridade e de outras actividades devocionais e piedosas, com destaque para devoções promovidas após o Concilio de Trento.

Como podemos perceber a sociedade moderna era gerida em sua grande maioria em todos os cantos de Portugal pelas Confrarias que tinham por responsabilidade antes de enquadrar e direcionar a vida religiosa dos leigos. Nesse contexto se encontrava a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Lisboa. A assistência aos irmãos era algo que fazia parte das normas elencadas pelos termos de compromisso da Irmandade. A

assistência seja física ou espiritual tinha por princípio garantir a esse irmão o mínimo de dignidade como já tratamos em nosso primeiro capítulo, cuidar dos rituais fúnebres, já que se fazer parte de uma irmandade era algo que poderia garantir um funeral cristão sendo velado pelos irmãos, garantindo desta forma a dignidade dos irmãos falecidos, bem como dar assistência aos idosos, crianças e enfermos membros da Irmandade como podemos constatar nos Termos de Compromissos já citadas Irmandades.

Segundo Penteado (1993, p. 28)

A questão da integração social assumiu uma importância especial no caso dos homens de cor e dos cristãos-novos, dado que estes se serviam do ingresso nas confrarias (onde podiam ou conseguiam entrar) para obterem melhores níveis de aceitação social.

Como podemos constatar a Religião e suas força na Época Moderna e influencia na vida pessoa que dela faz parte.

Na Portugal do século XVIII houve uma grande adesão de escravos na Irmandade do Rosários dos Homens Pretos segundo Penteado (1993, p. 33)

Na Confraria de Nossa Senhora dos Pretos e São Francisco do Porto, na década de 1760, ocorreu os números mais elevado de ingresso anuais de escravos ao mesmo tempo em que se assistiu ao decréscimo da curva da entrada dos homens livres.

Podemos observar que a participação dos chamados homens pretos nas irmandades lusitanas foi algo que chamou a atenção dos pesquisadores , essa constatação do século XVIII nos mostra claramente a influência religiosa no contexto social dos chamados escravos²⁸ e foros vindos em sua maioria das colônias portuguesas na África partindo principalmente de Moçambique e Angola como constam nos registros marítimos, encontrados no Arquivo Ultramarino, na Biblioteca Nacional de Lisboa, nos Batistérios encontrados nas Igrejas das Irmandades.

A princípio a Irmandade dos Homens Pretos de Lisboa está concentrada na igreja dos pregadores, mas a partir do século XVII outras ordens vão abrigar as Irmandades formadas por Homens de Cor a exemplo da Igreja dos Agostino que entre seus altares reservou um para os santos negros. A exemplo de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia, Santo Eslabão, Santo Antônio de Categiró e São Benedito demonstrando o crescimento da população

²⁸ A palavra escravo vem do povo eslavo na idade média na Europa Oriental e Central em relação ao tráfico entre o oriente e o ocidente. Cf. História Geral da África. Capítulo IV, p. 91.

vinda da África na Lisboa Moderna, como podemos contemplar em um dos alteres da igreja dos agostinhos na referida cidade, onde encontramos santos e santas negros e no centro uma imagem de Nossa Senhora do Rosario a única de cor branca, o que nos faz lembrar que da primeira devoção, mas também nos leva a pensar que sem essa referência branca nas ditas irmandades os negros não teriam conseguido ir muito longe com sua religiosidade e práticas católicas, já que era nítida a intolerância para com os negros, mas como forma de resistir e conseguir se afirmar e combater as diversas formas de opressão ele consegue resinificar o sentido da imagem, e através das irmandades criam um verdadeiro espaço de apoio aos seus irmãos oprimidos .



Figura 7 Altar de Santos Negros na Igreja dos Agostino em Lisboa (Amarante 2015)

Ainda hoje não só nas igrejas mas em toda Lisboa encontramos jovens, adultos , idosos e negros caminhando por suas ruas, bem como lojas que ofertam objetos utilizados nos cultos de influência afro. Sem esquecer dos islamizados que desde o século VIII, estão presentes na península ibérica e com as grandes navegações a partir do século XV essa

presença se tornou massificam-te já que como aconteceu com o Brasil muitos africanos levados como escravos para Portugal já tinham tido contato com o Islã e confrarias islâmicas existentes principalmente em Marrocos.

Observar os dados em relação a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos nos faz perceber a influência das irmandades na comunidade lusitana e sua formação na Era Moderna. De acordo com Fonseca as irmandades dos homens prestos sempre foram símbolo de resistência desde o início sua organização, já que sempre sofreram descriminação por parte dos chamados homens branca:

A sua existência foi desde o início contestada pelos devotos brancos da mesma Senhora, que ora formaram uma irmandade do Rosário dos Homens Brancos, ora defenderam uma irmandade conjunta de brancos e negros. As divergências tinham por origem os privilégios concedidos pela Coroa aos irmãos negros, sobretudo a faculdade de apoiarem a alforria dos escravos que fossem confrades. A Coroa sempre apoiou, juntamente com os Dominicanos, a existência da associação dos Pretos, certamente por entender que contribuía para integração social e cultural dos elementos dessa população²⁹.

A influência da religião na formação e desenvolvimento da sociedade portuguesa, tão influente que nem toda intolerância e descriminação foi capaz de apagar. Nas irmandades os negros foros ou escravos se afirmavam e guardaram sua identidade como bem nos lembra um dos teóricos do Imaginário, quando nos fala das possibilidades que a teoria nos oferece de compreender o indivíduo ou até mesmo uma sociedade através de suas expressões (Wunenburger, 2007, p. 07):

É possível falar do imaginário de um indivíduo, mas também do de um povo, expresso no conjunto de suas obras e crenças. Fazem parte do imaginário as concepções pré-científicas, a ficção científica, as crenças religiosas, produções artísticas que inventam outras realidades (pinturas não realistas, romance etc.), as ficções políticas, os estereótipos e preconceitos e sociais e etc.

Ao olharmos para a história da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos através da ótica do imaginário, percebemos o quanto essa história marcou a vida do povo Lusitano e questiona até mesmos cientistas da religião a exemplo do Professor Paulo Pinto que chamou nossa atenção para o altar dos Santos Negros na Igreja da Graça antigo Quartel da Graça de

²⁹Temas e Factos: Confraria de negros no império português,
<http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/content.php?printconceito=1270> acessado em 10 de fevereiro de 2016, as 22:00hs.

Lisboa, no dia 10 de Maio de 2015, durante a visita a cidade a capital de Portugal organizada pela equipe de organização do 1º Congresso de Ciência da Religião da Lusófona.

Em sua exposição era algo que intrigava os pesquisadores o referido altar, mas quando começamos a investigar o desenvolvimento da Irmandade em Portugal compreendemos o porquê que depois de tanto tempo a devoção ainda persiste simbolizada pelas imagens e símbolos presentes nos templos religiosos e o que mais qualifica essa resistência estar já citado por nós, o ingresso de escravos nas confrarias negras mais do que de homens livres nas chamadas irmandades dos brancos.

2.3 – Um Santo Preto que vem do Mediterrâneo

No capítulo I e II tratamos em relação a organização das Irmandades analisando em primeiro momento no trabalho até aqui desenvolvido sobre a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos, mas não tratamos até agora sobre o santo de negro de Palermo do sul da Itália, especificamente da Sicília, região bastante conhecida pelos pesquisadores que enveredam em pesquisar a região do mediterrâneo.

Ao observarmos a história da região podemos contemplar uma realidade a partir principalmente do século IV em diante marcada por todo um movimento comercial, cultural e principalmente religioso já que foi palco de diversas disputas territoriais. Em virtude da proximidade com o mediterrâneo e ser fronteira com o norte da África foi rota de diversos eventos históricos entre tantos podemos citar está o tráfico de escravos praticados por mercadores de escravos principalmente a partir do século IX período marcado pelos embates muçulmanos e bizantinos (Farsi, 2010, p. 63):

No curso do primeiro século da dominação abássida, o território do califado continuou a expandir-se, embora em uma escala menos grandiosa que no passado: as províncias caspianas foram anexadas e, em 612/827- 828, a dinastia vassala dos aglábidas empreendeu a conquista da Sicília.

O tráfico de escravos provenientes do Mar Vermelho fruto da consolidação do estado Muçumano no Egito e na Nubia, principalmente da cidade de Alexandria (Biaquins, 2010, p.215):

A riqueza de Ifríkiya, o ouro que ela recebia através do Saara, bem como as suas relações com a Andaluzia e a Sicília, haviam gerado um importante tráfico, proveniente do Mar Vermelho; as vias paralelas ao litoral do Mediterrâneo, interligando a África do Norte ao Delta, aos oásis, ao Alto-Egito, se haviam multiplicado. Elas eram de difícil controle militar.

É com a expansão Muçulmana na Sicília que a região passa a desenvolver o cultivo de especiarias que se tornaram dentro do período pré-capitalista uma das grandes responsáveis pelo desenvolvimento mercantilista no mediterrâneo já desenvolvido desde o século XIV, depois foi expandido no século XV para toda Europa a partir do desbravamento do Cabo da Tormenta no Oceano Atlântico.

A região da Sicília desde os primeiros séculos já era dominada pelo império bizantino como comentamos, mas é realmente o domínio dos povos da Lua Crescente que possibilitou todo seu desenvolvimento, já que vale a pena fazer memória, um fator muito importante “havia um respeito a judeus e cristãos por parte dos muçulmanos por serem religiões do livro, que também serviram de inspiração na organização do Corão livro sagrado do Islã. (Hberk,2010,383):

Os muçulmanos reorganizaram a Sicília, conservando as sólidas bases sobre as quais os bizantinos a haviam estabelecido. Eles aliviaram um pouco o pesado sistema fiscal bizantino, dividiram vários latifúndios em pequenas unidades de exploração as quais os camponeses, arrendatários ou proprietários, submeteram a uma cultura intensiva, aperfeiçoando a agricultura pela introdução de novas técnicas e de novas espécies vegetais. Os autores árabes enfatizam a abundância de metais e outros minerais, como o sal amoníaco (cloreto de amônia), precioso produto de exportação. Foi nesta época que se começou a cultivar os cítricos, a cana de açúcar, as palmeiras e amoreiras. Em relação ao cultivo do algodão, ele ainda duraria um longo tempo, até o século VIII/XIV. A produção de hortaliças teve um progresso ainda mais notável: a Sicília exportava para a Europa Ocidental cebola, espinafre, melão etc.

É nesse período que Palermo cidade de São Benedito se torna uma importante base naval, de prospero desenvolvimento dentro do processo mercantilista. Foi na Sicília que se desenvolveu grandes projetos científicos a partir da tradução de obras árabes para o latim no século XIII(Talb,2010, p.80):

Mas a influência árabe mais frutífera exerceu-se sobretudo a partir de Palermo, graças ao apoio de Frederico II, de seu filho natural Manfredo (1258-1266) e dos primeiros angevinos. Na Sicília, foi o período áureo das traduções do árabe para o latim, em que se destacaram o astrólogo Teodoro, além de João e Moisés de Palermo, e principalmente o inglês Michael Scot (morto em 1235), todos eles da corte de Frederico II. Deve-se acrescentar o nome do judeu Faradj ben Sâlim de Agrigento, que pôs sua escrita a serviço de Carlos de Anjou (1264-1282).

A partir de dados encontrados quando se pesquisa a história da África e a prática de venda de escravos no mediterrâneo principalmente no tocante a Sicília somos surpreendidos com informações cada vez mais precisas em relação a contribuição muçulmana no tocante ao contato dos negros com o cristianismo (Devisse, 2010, p.739): *Não há dúvida de que os primeiros contatos entre cristãos e negros ocorreram por intermédio do mundo muçulmano.*

Outro dado importante em relação a Sicília é a quantidade de escravos cristãos existentes no século XII em diante de acordo com os registros, revelados a partir de pesquisas de jovens pesquisadores da Universidade de Paris (Devisse, 2010, p.752):

Durante os séculos XII e XIII, várias fontes revelam a presença de negros na Sicília: 23 escravos na Catania em 1145, por exemplo, e um negro cristão escravo em Palermo, em 1243; no século XII, os muçulmanos dados pelo rei normando à abadia de Monreale, na Sicília, incluem cerca de 30 nomes que poderiam ser de negros.

A partir desses dados podemos ter uma ideia da participação de negros na prática cristã ocidental naquela região entre eles os pais de São Benedito de acordo com a história do santo encontrada no Santoral Católico quando fala do Santo Mouro nos trazem as informações:

São Benedito o Mouro nasceu em 1526 em San Fratello ex-provincia de San Filadelfo de Messina (Sicília), de Pais Cristãos, Christopher e Diana Manassari Lacari, descendentes de escravos negros³⁰. Benedito desde adolescente seguiu a vocação de pastor de rebanho e desde então devido suas virtudes foi chamado de Santo Mouro. Aos vinte anos ele entrou para uma comunidade de eremitas, fundada em sua região natal por Frei Jerônimo Lanza³¹, que viveu sobre a regra de São Francisco. Quando os eremitas mudou-se para o Monte Pellegrino viver na maior solidão, Benedito seguiu, e com a morte de Lance, foi eleito superior por seus pares.

São Benedito como podemos contemplar não nasceu escravo, já nasceu livre mas isso não garantiu estar isento dos preconceitos, e é justamente essa ação que o conduz para o eremitério onde passou a seguir a regra inspirada nos ensinamentos de Francisco de Assis fundador da Ordem Franciscana. Vale a pena ressaltar que nessa altura a família franciscana

³⁰ A referência a escravos negros se faz menção em virtude da prática de escravatura atingir brancos, negros e mestiços na Europa Medieval e Moderna.

³¹ Frei Jerônimo Lanza, natural de San Marco, abandonou o mundo e se recolheu com alguns companheiros num eremitério de Santa Dominica, na região de Caronia. O Papa Júlio III autorizou aos novos eremitas professarem a Regra Seráfica de São Francisco, juntando ainda aos votos de pobreza, obediência e castidade, o voto de vida quaresmal, que os levava a jejuar três dias por semana.
<http://santosebeatoscaticos.blogspot.com.br/2014/02/sao-benedito-de-san-fratello-ou-de.html>, acessado em 23 de fevereiro de 2016, às 00:30hs.

já se encontrava dividida entre a OFM e os Conventuais e posteriormente os Capuchos ou Capuchinhos.

Mas a história nos revela que Benedito não vai viver muito tempo como eremita já que como sempre a Cúria Romana tenta sufocar todo e qualquer movimento que venha tentar viver uma vida contemplativa fora das orientações dogmáticas da mesma, então o que se fez no século X colocando as irmandade sob a tutela de um Cura se repete no século XVI onde a vida eremita tinha conseguido a Indulgencia e autorização de viver sua espiritualidade independente pelas mão de Júlio II³², foi revogada por PIO IV, o qual exigiu que todos aqueles de vida contemplativa fora dos muros de um mosteiro ou convento procurarem uma ordem para a partir daquele momento fazerem parte. É a partir de 1562 ano em que a Cúria passa a realizar tal exigência que São Benedito vai fazer parte da Família Franciscana no Convento de Santa Maria de Jesus na Cidade de Palermo, Itália.

Sua vida no convento foi pautada no serviço doméstico, principalmente na cozinha, o que o faz receber o título do Padroeiro dos Cozinheiros. Diferente de tantos elevados ao altar em sua época, São Benedito, nunca foi ordenado presbítero, mas viveu toda sua vida como um irmão leigo, chegando a ocupar diversos cargos no convento entre eles o de guardião e mestre de noviços. Sua fama de humildade se espalhou rápido por toda Sicília ainda em vida, tendo como característica a ajuda aos mais pobres principalmente os negros, que como em outros espaços da Europa eram bastante discriminados e passavam diversas privações.

De acordo com seus biógrafos cai enfermo no ano de 1589, vindo a receber os sacramentos necessários como nos fala Ramirez Ferrini(2000):

Em 1589, ele ficou gravemente doente e da revelação sabia o dia e a hora de sua morte. Ele recebeu os últimos sacramentos, em 04 de abril de 1589 expirou docemente com a idade de 63 anos, falando palavras de Jesus moribundo: “Em tuas mãos, Senhor, o meu espirito”. Seu culto se espalhou amplamente e chegou a ser o protetor dos negros. Ele foi canonizado pelo Papa Pio VII em maio de 1807.

Como podemos constatar através das pesquisas realizadas em torno de São Benedito sua cor e origem o fazem se tornar popular entre os escravos negros seja no sul da Itália ainda no século XVI, e a partir do século XVII, no restante da Europa e nas colônias Portuguesas e Espanholas, sem os seus confrades os grandes responsáveis pela propagação da veneração em

³²Papa Júlio II, nascido Giuliano della Rovere O.F.M., foi Papa de 1 de Novembro de 1503 até à data da sua morte. Era frade franciscano. Era sobrinho do Papa Sisto IV, que o tomou a seu especial cuidado, sendo educado pelos Franciscanos e mais tarde enviado para um convento em La Pérouse para se formar em ciências.https://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_J%C3%BAlio_II, acessado em 24 de fevereiro de 2016, as 01:00hs .

torna da imagem do santo. De acordo com alguns cronistas que tratam de irmandades em Portugal no século XVII no convento de Santana já existia uma veneração a São Benedito por parte dos escravos e negros livres de Lisboa, apesar de que oficialmente só é elevado as bem-aventuranças no século XVIII de forma oficial, mas estava presente no coração e lábios do povo desde muito cedo, principalmente na Itália, Portugal, Espanha e consequentemente Brasil e México.

Em Portugal a Irmandade de São Benedito foi sempre associada a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário que sempre teve forte influência em virtude de toda espiritualidade mariana desenvolvida na idade média através de diversos concílios e reafirmada em Trento no século XVI, ou seja, não vamos encontrar uma Irmandade independente em terras lusitanas como encontramos na Sicília e no Brasil, vale a pena lembrar que em ambos os continentes tanto na Europa, bem como na América a devoção ao Rosário é a primeira a ser introduzida.



8. São Benedito³³

³³<http://santosebeatoscaticos.blogspot.com.br/2014/02/sao-benedito-de-san-fratello-ou-de.html>, acessado em 24 de Fevereiro de 2016, as 02:51hs.

2.4 As Irmandades do Rosário dos Pretos e São Benedito no Brasil

Ao analisarmos o processo de conquista da Terra de Santa Cruz nos defrontamos com uma realidade formada por descobertas e buscas por parte do Lusitano conquistador bem como, por parte dos que gradativamente foram sendo conquistados. Olhando para Europa do século XVI contemplamos uma busca desenfreada por pedras preciosas já encontradas na África, bem como na América denominada Latina ou Espanhola. E no lado Português da América, o que foi encontrado? Como eram os povos que estavam aqui? Como se dava sua organização política? Religiosa?

A princípio podemos afirmar que não se encontrou pedras preciosas desejadas pelos europeus. A organização demográfica não estava organizada em impérios, reinos ou pequenos estados como ocorreu na América Central ou nos Andes, bem como no continente Africano, estavam divididos em aldeias a partir dos grupos tribais, cada aldeia podia chegar a somar 2 mil habitantes, a Matriz Tupi chegava a aproximadamente 1 de índios quase a população lusitana do século XVI (Ribeiro 1995).

Em relação a produção os grupos indígenas não tinham a preocupação de produzir excedentes e sim de viver de acordo com o ritmo da natureza tendo uma produção apenas para sobrevivência em sua maioria a partir de uma pratica pré-agrícola entre tantas algumas culturas merecem ser destacas de acordo com Darcy Ribeiro (1995, p. 28):

Além da mandioca, cultivavam o milho, a batata-doce, o cará, o feijão, o amendoim, o tabaco, a abóbora, o cará, o carauá, cuias e cabaças, as pimentas, o abacaxi, o mamão, a erva-mate, o guaraná, entre muitas outras plantas. Inclusive dezenas de árvores frutíferas, como o caju, o pequi etc. Faziam, para isso, grandes roçados na mata, derrubando as árvores com seus machados de pedra e limpando o terreno com queimadas.

Podemos hoje contemplar diversas nações indígenas com práticas e formas diferentes de ver a vida e desfrutar do que a Mãe Terra oferece, ao adentrarmos diversas aldeias existentes na Baía da Traição - PB sentimos nitidamente a diferença de relação do Potiguaras, nação indígena daquele território com a natureza e seus frutos.

Sua religiosidade e espiritualidade estavam ligadas ao relacionamento com os aspectos da vida, sendo sempre orientados pelos pajés, líderes religiosos responsáveis pela cura do

corpo e zelar pela alma, podemos afirmar que o aspecto sagrado estar presente tudo, já que os mesmos enxergam o sagrado na natureza.

Mas apesar de toda a cosmologia existente na Terra de Santa Cruz o egocentrismo e o interesse mercantilista iniciado século XV é quem ditava as regras de relações entre os conquistadores e futuro conquistados. Como já sabemos o primeiro processo de exploração se dar pela exploração do pau -brasil, já contrabandeando pelos franceses que já tinha aportado aqui e já negociavam com os nativos locais a troca da mão de obra por produtos por eles trazidos da Europa. Nesse mesmo caminho seguiram os lusitanos de 1500 a 1530 realizaram investidas mais para conhecer o território, transportar pau brasil e continuar a busca por pedras preciosas. Realmente não encontrando e vendo que sua colônia estava sendo invadida por povos de outros estados os portugueses resolvem iniciar um processo real de colonização, investindo em empresas de açúcar, produto bastante cobiçado na Europa.

Um aspecto que muito contribuiu para o processo de escravidão na Europa e consequente na América continente que se encontra o Brasil foi a justificativa teológica como já elencamos em nosso texto anteriormente, sendo a igreja a instituição que bailava nos poder temporal e sacro foi a grande responsável pela justificativa e organização legal da escravidão, segundo Ciro Flamarion S. Cardoso (1982, p.12-13):

Foi a teoria acerca da escravidão codificada pelos teólogos dos séculos XII e XIII que serviu de base à sua primeira justificação nas Américas, mesmo se as condições reais do tráfico de escravos africanos e do sistema escravista americano nada tivessem a ver com as “marcas” da vocação servil” ou com os “títulos de servidão” (ou seja, com os fatos que poderiam teoricamente legitimar a escravidão) definidos por aqueles teólogos.

No início do processo de desenvolvimento econômico colonial no Brasil a mão de obra indígena foi a responsável pelo desenvolvimento das empresas açucareiras, só que com um tempo seja por revoltas, falta de habilidades ou pelas mortes dos nativos em virtude de doenças trazidas pelos colonizadores a população nativa do Brasil foi diminuindo impossibilitando assim a continuidade da produção açucareira. A única saída vista pelo portugueses foi a importação de escravos africanos já comercializados desde a segunda metade do século XV, citado por nós na primeira e segunda parte deste capítulo, milhares de escravos foram trazidos para o Brasil na época colonial para trabalharem nos partidos de cana de açúcar, principal motor da economia do século XVI até o XVIII.

Quando nos debruçamos com a literatura que trata da origem dos escravos africanos que chegaram aos portos da colônia portuguesa contemplamos uma verdadeira diversificação

no tocante as etnias que aqui desembarcaram. Nos navios negreiros vinheram desde servos até reis do continente africano, já que em sua maioria foram vítimas de guerras étnicas ou então de caças realizadas por lusitanos ou grupos africanos que viviam da venda de escravos no próprio continente. Essa diversidade possibilitou toda uma mudança cosmológica na vida de cada escravo que aqui aportava, já que estavam ligas a diferentes mitos, crenças saberes, ritos e rituais diferenciados, por esse motivo se chegamos ao Maranhão contemplaremos uma forma de celebrar a fé. Se chegarmos na Paraíba contemplaremos outro rito e assim sucessivamente, e essa diversidade se dar em virtude da origem dos grupos de africanos que chegaram aos nossos portos, e são esses mesmos escravos que vão formar as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, muitos deles já foros e alguns na condição de escravos, os quais viam nas irmandades um lugar de na velhice poderem encontrar um conforto para o final de suas vidas e um sepultamento digno.

Analisando o período colonial no Brasil podemos contemplar a diversidade de formas de escravidão e o que levou a essa herança cultural e diferente em diversos âmbitos da comunidade negra que foi se formando no Brasil. E as Irmandades qual o papel das mesmas em meio a uma sociedade tão diversificada? Antes de buscarmos compreender não podemos deixar de observar essa formatação, como proposta de compreender nos apropriarmos dos escritos da Professora Katia de Queirós Mattoso onde a mesma nos faz refletir em relação a uma divisão econômica a qual ela ensaia uma organização a partir dessa divisão em que dependendo do espaço onde o homem preto vivesse como escravo ele adquiriu formas de vidas e práticas diferentes seja no sentido social bem como no religioso, a inserção possibilitada pela aspecto econômico criou um hiato na vida dos homens pretos do Brasil, fenômeno esse que podemos perceber quando tratamos da situação dos mesmos em Portugal.

Diante da proposta da Professora Katia resolvemos criar um quadro demonstrativo como forma de melhor apresenta as devidas conclusões (Cardoso, 1982, p. 26-27):

CINCO GRANDES SITUAÇÕES ECONOMICAS SOCIAIS DO NEGRO BRASILEIRO				
Os Escravos na Agroindústria de Exportação	Os Escravos nas Minas	Os escravos sertão do gado	Os Escravos Urbanos	Os escravos domésticos
A Agroindústria de Exportação (engenhos, já no século XIX fazendas de café, etc.) caracterizava-se pela organização em unidades complexas com um	Constava-se uma presença mais visível do Estado, o caráter temporário das concessões levando à necessidade de explorá-las com rapidez e portanto à	A situação era ainda diferente, com menor densidade de escravos, maior pobreza e rusticidade, uma hierarquia social mais frouxa (as	Gozavam, pela força das coisas, de maior liberdade de movimentos, numa sociedade mais variada que a rural, tendo acesso a atividades de muitos tipos –	Eram em certo ponto privilegiados em comparação com os demais; em compensação, porém, estavam sob vigilância constante dos brancos, dos senhores:

grau considerável de divisão do trabalho, submetidas ao poder de senhores (ou seus representantes) que, na prática, não eram encontrados por outras instancias. Aqui, as possibilidades de ascensão eram relativamente reduzidas para os escravos.	existência de incentivos à produtividade. Isto abria maior possibilidade para a acumulação de um pecúlio pelo escravo, e, por conseguinte facilitava a obtenção da alforria.	charqueadas do Rio Grande do Sul constituíam algo bem diverso, porém quando comparadas à pobre pecuária do sertão do Nordeste).	artesãos, carregadores, escravos de aluguel, vendedores, etc. – o que em circunstâncias favoráveis facultava a acumulação de pecúlio e a compra da liberdade, além de as condições sociais urbanas abrirem maiores possibilidades aos libertos.	humildade, obediência e fidelidade poderiam abrir-lhes o caminho da alforria, mas qualquer infração os ameaçava com o envio para roça, a venda para engenhos e minas.
--	--	---	---	---

De forma nítida podemos observar a partir do quadro comparativo a situação do escravo negro de acordo com seu ambiente onde está escravizada sua inserção social e possibilidade de participação em movimentos sociais e religiosos. Entre as situações apresentadas os escravos urbanos e domésticos eram os que realmente participavam de tais movimentos, confirmando o que Max Weber expôs quando falou irmandade como fruto da cidade do ambiente urbano, observando a realidade da colônia brasileira e a participação dos negros em tais movimentos possibilitou desde Portugal consequentemente aqui no Brasil a participação dos Homens de Cor a princípio nas Irmandades dedicadas a Nossa Senhora do Rosário em seguida São Benedito, Santo Esplabão e Santa Efigênia.

Em questões cronológicas vamos encontrar registro das irmandades de cor ainda no século XVII como referência podemos citar as capitanias de São Sebastião do Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia, nessas capitanias encontramos diversos documentos relatando a existência das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito e suas práticas relatadas seja nos compromissos das devidas irmandades e como bem sabemos nos documentos encontrados no Arquivo Ultramarino em Lisboa, com pedidos diversos às autoridades que estavam na metrópole que iam desde pedido de aprovação do Compromisso até denuncia de maus tratos a escravos por parte de seus senhores.

Apesar dos termos de compromissos nos apontarem apenas no século XVII o pedido de aprovação das Irmandades dos Homens Pretos no Brasil dedicada a nossa Senhora do Rosário, a devoção e o uso do terço como forma de catequisar já era utilizado desde o século XV pelos portugueses nos contatos com os escravos africanos, no Brasil esse contato já é citado por alguns cronistas no século XVI(Quintão, 2007,p. 15):

No Brasil, a devoção a Nossa Senhora do Rosário entre negros data pelo menos de 1552. Em carta desse ano, diz o jesuíta Antônio Pires: “Há nesta capitania [Pernambuco] grande escravaria assim de Guiné como da Terra. Tem uma confraria do Rosário. Digo-lhe missa todos os domingos e festas. Andam tão bem ordenados que é para louvar a Deus Nosso Senhor os brancos a poder de varas, juízes, meirinhos e almotacéis se não podiam meter em ordem, sempre falando, e os escravos iam em tanta ordem e tanto concerto uns atrás dos outros com as mãos sempre levantadas, dizendo todos: ora pro nobis.

Não diferente de outras práticas devocionais a devoção a Senhora do Rosário é introduzida através dos colonos que como já foi apresentado anteriormente, com o passar do tempo e a estabilização dos Lusitanos em nossa terra. Com a chegada dos escravos as formações das confrarias não demoram a surgir a princípio a dos brancos, mas consequentemente a dos pardos e a dos pretos, que como aconteceu na metrópole as Irmandades dos Homens Pretos vão se espalhar e organizar-se e virar exemplo de resistência e espiritualidade, que apesar de toda influencia medieval, já que é esse período o ambiente de formação das Irmandades, a Confraria ou Irmandades dos Homens de Cor, vem com um toque diferenciado sentido na música e na reza, provada através da miscigenação morenizando o imaginário cristão . Essa posição vai impactar na sociedade Brasileira do século XVII ao XIX (Hoonart, 1991, p.96):

Sem desmerecer a importância das confrarias no campo social e político, queremos crer que a obra duradoura das confrarias no Brasil foi a de morenizar o imaginário cristão, neste país, ou pelo menos a de iniciar o processo de tornar o imaginário menos estrangeirado e importado. As imagens brancas (de olhos azuis) que nos vieram da Europa foram se tornando morenas com o tempo, ao serem carregadas em andor sobre ombros morenos, pintadas por mãos morenas e beijadas por lábios grossos. Vejamos isso mais de perto em relação a imagens que foram francamente africanizadas, como Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, ou mesmo São Jorge, morenizadas como Nossa Senhora Aparecida ou Nossa Senhora de Nazaré em Belém do Pará, ou ainda redimensionadas como no caso de Nossa Senhora do Pilar, em Ouro Preto, por ocasião do Triunfo Eucarístico de 1733.

A afirmação de Hoornaet pode ser contemplada tanto nas esculturas, bem como nas pinturas espalhadas pelo Brasil a fora nas igrejas erguidas a partir do século XVI, seguido dos séculos XVII, XVIII e a primeira metade do XIX. Já que vamos contemplar um processo de romanização e consequentemente o processo de reformulação da pratica de fé laica, já que os

ultramontanos vêm com muita força e sede para fazer acontecer as orientações tridentinas, não praticada como se imagina no Brasil Colonial. Ou seja, antes do século XIX havia um processo diferenciado muito apoiado pelas irmandades (Hoonart, 1991, p. 92):

As confrarias do Brasil obedecem aos ritmos de uma vida eclesial pré-tridentina, já que a tridentinização - que, em suma, significou a clericalização da instituição católica - só ocorreu no Brasil no decorrer do século 19, através da romanização. Romanização, tridentinização, clericalização: eis os dados básicos da história do catolicismo no Brasil durante a segunda metade do século 19.

Em relação a cronologia das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e São Benedito no Brasil foi um fenômeno iniciado no século XVII, mas foi o século XVIII marcado pelo desenvolvimento das confrarias em toda colônia portuguesa, bem como na metrópole apesar de ter surgido diversas devoções a santos negros no Brasil colônia é a de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito que vão se destaca em seu desenvolvimento e organização possibilitando assim um apoio social e espiritual aos membros das referidas ordens.

Um dos cronistas que nos oferece informações em relação as Irmandades e Confrarias do Rosário dos Pretos é Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão no seu Orbe Seráfico Brasillis de acordo com ele já no período holandês em Pernambuco diferente do que afirma o Hoonart que apresentaremos no próximo parágrafo, “*Tem a Igreja Matriz, consagrada a Senhora do Rosário; outra do mesmo título, erecta e administrada pela Irmandades dos Pretos, e a miraculosa Capelinha de nossa Senhora da Corrente*”.³⁴

Ao observamos a formação da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos no Brasil constatamos mesmo sendo uma irmandade formada por homens pretos observamos ainda a presença dos homens brancos presentes na mesma, demonstrando assim um controle dos mesmos as referidas irmandades “*A prova de que as Irmandades do Rosário ameaçavam sair do controle dos brancos é que a legislação a respeito regulamentava que o tesoureiro das ditas Irmandades tinha que ser um branco*”.³⁵ Cronologicamente falando podemos observar os seguintes dados (Hoonart, 1991, p.97):

³⁴ Jaboatão, 1761, 394-395.

³⁵ Hoonart, 1991, p.96-97.

As Irmandades do Rosário se espalharam rapidamente pelo Brasil urbano: Rio de Janeiro em 1639; Belém do Pará em 1682; Bahia e Recife em 1686; Olinda e Igarauçu (em Pernambuco) em 1688; e sobretudo no estado de Minas Gerais na primeira parte do século 18. Os próprios negros levavam a devoção ao rosário por toda parte, conforme testemunham vários viajantes estrangeiros com admiração. Tão grande era a aceitação da devoção ao rosário pelo povo em geral que em certas cidades o povo andava pelas ruas com o rosário no pescoço. Os bandeirantes atravessavam o país com grossas contas do rosário em torno do pescoço. Até hoje o horário do rosário, seis horas da noite, é respeitado em muitos lugares e reza-se um terço do rosário, ou uma parte do terço diante das emissoras de rádios locais. Com o desmantelamento das Irmandades do Rosário a partir da segunda metade do século 19 os negros do Brasil perderam um importante espaço de luta e resistência.

Como podemos observar as Irmandades do Rosário dos Homens Pretos diferente do que veio a ser defendido durante muito tempo por muitos pesquisadores que viam nas irmandades um espaço de alienação, na verdade os negros que delas faziam parte buscavam promover e resistir aos abusos provocados pelos senhores de escravos e pelo clero tanto o regular como o secular. Sendo assim a romanização implantada no século XIX foi algo altamente danoso para o movimento vivido pelas Irmandades dos Homens de Cor.

Em relação a Irmandade de São Benedito e a devoção a esse santo no Brasil constatamos na historiografia no período colonial a pratica devocional ao santo introduzida por membros da ordem franciscana, fazendo surgir nos conventos da ordem franciscanas altares dedicados a Ele ainda no século XVII, chegando ao ponto de frei Jaboatão dedicar um capítulo do Orbe Seráfico Brasillis para contar e dar exemplos da devoção desenvolvida pelos escravos e não escravos ao São Fratello (1761, p.91):

Desde os princípios, e fundações destas capitánias, foi em todas ellas tido huã grande veneração e servido com especial culto o glorioso São Benedicto de Palermo ou de São Fratello, geralmente de todos catholicos, e com particular e devoto obséquio da Gente da sua cor, ou seja, por affecto da natureza, ou por sympathia dos accidentes. Não há Cidade, Villa, Parochia ou lugar aonde está Gente não tenha Igreja sua, consagrada à Senhora com o título do Rozario, primeyro objeto e móvel das suas adorações, e que nestas taes Igrejas não dedique altar próprio ao seu São Benedicto, com confraria e Irmandade sua. E não satisfeitos com esses expressivos do seo affecto, e devoção, ainda em nossos conventos, em que Domésticos e Escravos da caza levantão Altares, e capellas ao Santo, como hiremos vendo em seos lugares, com suas irmandades e confrarias, para estas concorrem também muitos irmão e pretos de fora, não obstante o terem nas suas Igrejas e nos mesmos lugares outras em que servem –se o Santo.

Seja no convento seja nas igrejas seculares a devoção á São Benedito é vista como algo mais autônomo e no Nordeste se repetiu o que encontramos em Portugal sua devoção sempre ligado as igrejas de Nossa Senhora do Rosário com algumas exceções no caso do Vale

do Paraíba, em Bragança no Pará e na Paraíba no convento de Santo Antônio. Há uma defesa que a saudação ao glorioso São Benedito está imbuída de todo um ritual onde a mística é direcionada pela batida dos tambores, danças e gingas herdadas do mundo africano. (Hoornaet, 1991 p. 97):

A devoção a São Benedito pertence ao que há de mais autônomo entre as devoções católicas, pois dispensa por inteiro a presença de um sacerdote. O santo é venerado por batuques, congadas, moçambiques, caxambus, ritos que aproximam a veneração a este santo do mundo africano. Ele é o santo vingador da dignidade africana no Brasil. Como contou um devoto: “Deus disse a São Benedito que ele ia ser santo. Respondeu que não queria por ser preto. Então Deus disse que aquele que abusasse dele seria castigado na hora. Até hoje em diversas localidades do Brasil a Irmandade de São Benedito tem que sair à frente das procissões. Senão, é chuva na certa. Dentro do franciscanismo brasileiro, São Benedito entrou com força grande pois conseguiu que o movimento franciscano se abrisse para um quarto tipo de organização – além da ordem primeira (para os frades), ordem segunda (para as freiras), ordem terceira (para os casados) – adaptado a realidade dos escravos dos conventos; a “ordem” de São Benedito. A Irmandade de São Benedito dos Pretos de convento cuidava da compra do caixão na hora da morte de cada escravo membro da Irmandade, mantinha uma enfermaria, tinha capela própria (ainda hoje se conserva a capela de São Benedito dentro do convento de São Francisco na Bahia).

Como podemos ver as Irmandades do Rosário e de São Benedito, tiveram uma grande contribuição na formação e resistência do povo negro presentes no Brasil Colônia e Imperial, ação dos irmão marcaram a vida daqueles escravos e não escravos que estavam ligados as irmandades, seus altares e símbolos ainda hoje marcam a cultura e espiritualidade do povo brasileiro em cada canto do Brasil contemplamos esse jeito diferente de praticar a fé resistindo a toda opressão e perseguição sofridas com o intuito de ferir a tradição presente no interior das irmandades. Apesar de todo processo de romanização introduzido no Brasil império através de ações dos prelados que como forma de podar a atuação do laicato nas igrejas praticada nas irmandades e confrarias passam a perseguir e desativar as irmandades, entregando muitas vezes seus bens para tutela dos párocos ou até mesmo eliminando templos como ocorreu em João Pessoa onde as igrejas das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, Nossa Senhora dos Homens Pardos e do Mercedários são demolidas no início do século XX, restando apenas algumas imagens e termos de compromisso, perdendo-se assim as atas que tão grandiosa contribuição trariam para compreensão da forma de vida das Irmandades dos Homens Pretos na Paraíba do Norte.

Símbolos da resistência e da tradição as Irmandades a nível de Brasil se destaca e sofre ainda diversas investidas por parte dos membros do clero que se tornam impedidas de desenvolver suas atividades seja no século XIX ou no século XXI, volta e meia as irmandades

sofrem sanções de interdições a exemplo do ocorreu em 2014 com as irmandades presentes na arquidiocese de Olinda e Recife que foram interditadas sob acusações de vendas de túmulos³⁶, mas fica claro a não aceitação dos leigos como agentes e transformadores sociais. A investida de Dom Vital contra as Irmandades em virtude da posição dos membros em apoio aos irmãos Maçons, se repetem nos tempos contemporâneos que esse simples trabalho não comporta sua investigação.

Só uma coisa podemos afirmar, as irmandades de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, deixaram um legado que rompeu com o processo trazido da Europa para colônia apesar de ter sido mantida a cor branca a Senhora do Rosário tinha sempre ao seu lado um negro vindo de Palermo, fruto do processo escravocrata na Sicília leigo como seus irmãos de cor, descalço como os escravos desta terra, representante dos filhos da mãe África.

³⁶<http://www.arquidioceseolindarecife.org/2014/11/comissao-de-intervencao-canonica-nas-irmandades-catolicas-vira-modelo-para-dioceses-do-brasil/>, acesso em 25 de Março de 2016, as 22:00hs.

CAPITULO III – ENTRE A SENZALA, A CASA E A CAPELA: AS IRMANDADES DE SÃO BENEDITO E NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DA PROVÍNCIA DA PARAÍBA

3.1 Os documentos Ultramarinos

No capítulo anterior nos debruçamos em torno das atividades das Irmandades dos Homens de Cor e podemos perceber sua influência e crescimento ao ponto de em algumas vilas e cidades superar as dos Brancos em termos de sócios desde o século XVII sua ascensão é comprovada principalmente onde se acentuou os processos econômicos da colônia portuguesa voltada para a produção do açúcar na costa brasileira que como vimos anteriormente se utiliza de mão de obra indígena mais depois é obrigado a buscar nos portos africanos a mão de obra escrava para poder manter o processo de expansão colonial através das empresas de açúcar repetindo a experiência já desenvolvida no Cabo Verde e Ilha da Madeira.

Ao nos remontarmos a Capitania da Paraíba percebemos que não foi diferente encontramos a mesma realidade, diferente das demais capitanias nossos registros não deixam claro a participação indígena na produção econômica na Paraíba, apenas o que se pode afirmar com segurança bibliográfica é a participação e o enfrentamento entre grupos nativos coordenados por Franceses e Portugueses, no processo de efetivação da colônia em meados do século XVI.

Analisando os documentos encontrados em relação a Capitania no Arquivo do Conselho ultramarino encontramos a citação de escravos na referida capitania no século XVII, pós saída dos Holandeses, ou seja, durante aproximadamente 80 anos de acordo com o documento não se adquiriu escravo provindo da África para Paraíba, apesar de se ter atividade na produção do açúcar desde o século XVI com a fundação do engenho Tibiry na Várzea onde hoje se encontra o município de Santa Rita.

Como já citamos a produção açucareira apesar de já existente não tinha mão de obra negra e sim indígena como as demais capitanias no seu processo de fundação e o que nos aponta para tal realidade é justamente a documentação referente a capitania existente no Arquivo Ultramarino de Lisboa que vão nos orientar na forma deste capítulo. Em relação a manutenção indígena ainda nos primórdios da formação açucareira foram os indígenas que auxiliaram na produção, que pelos acordos realizados entre os nativos da Paraíba com o colonizador nos aponta para a nação Tabajara, já que a nação Potiguara estava em confrontos

com os Lusitanos desde de 1574 onze nos antes da efetivação da fundação da cidade de Nossa Senhora das Neves.

Em relação há esse primeiro momento temos uma informação documental que nos ajudará a qualificar nossas propostas de análise. Em 10 de novembro de 1593 Dom Francisco de Sousa em uma provisão o apoio para alimentar os índios que serviam a Cap. da Paraíba: *Dom Francisco de Sousa do conselho de el Rei Nosso Senhor governador geral do estado do Brasil assim faço saber que eu paguei uma provisão se darem os índios que assistem a cap. da Paraíba...*³⁷

Na Paraíba a mão de obra escrava negra ainda no século XVII é bastante escassa já que no arquivo Ultramarino existem diversos pedidos de autorização para se utilizar na da mão de obra indígena para assim poder continuar produzindo:

REFERÊNCIA NO ARQUIVO ULTRAMARINO	DOCUMENTO	ASSUNTO
AHU-ACL-N-Paraíba Nº Catálogo: 1	Provisão de novembro de 1593	PROVISÃO (treslado) do governador do Brasil, D. Francisco de Sousa, ordenando que a quantia que o capitão-mor, Feliciano Coelho de Carvalho, recebeu para o sustento dos índios da Paraíba, seja levada em despesa ao almoxarife de Pernambuco, Duarte Reimão.
AHU-ACL-N-Paraíba Nº Catálogo: 95	Consulta ao Conselho Ultramarino de 07 de outubro de 1675.	CONSULTA do Conselho Ultramarino, ao príncipe regente D. Pedro, sobre a representação dos moradores da Paraíba para conservarem os índios em suas aldeias, podendo, assim, usá-los em suas lavouras e fábricas de engenhos, lenhas e outros serviços, na falta de escravos de Angola. ³⁸

Consequentemente não podemos falar de Irmandades dos Homens de Cor até o século XVIII, o que não elimina as possibilidades do conhecimento dos escravos a devoção a Nossa Senhora do Rosário já que a mesma já era disseminada em Portugal e suas colônias desde o século XV entre os escravos e como podemos ver Lisboa com Irmandade na segunda metade do referido século.

Dentro do processo cronológico o arquivo ultramarino nos oferece as seguintes informações:

³⁷ - <http://www.cmd.unb.br/biblioteca.html>, AHU-ACL-N-Paraíba Nº Catálogo: 1 acessado em 15 de abril de 2016 as 14:50hs.

³⁸ <http://www.cmd.unb.br/biblioteca.html>, acessado em 15 de abril de 2016 as 16:25hs.

REFERÊNCIA NO ARQUIVO ULTRAMARINO	DOCUMENTOS	ASSUNTO
AHU-ACL-N-Paraíba Nº Catálogo: 608	Requerimento de 27 de outubro de 1729.	REQUERIMENTO do provedor e irmãos da Santa Casa de Misericórdia, ao rei [D. João V], solicitando passar ordem ao ouvidor geral da Paraíba, João Nunes Souto, para tombar o patrimônio da Irmandade, tendo em vista o desaparecimento de parte dos documentos com a invasão holandesa. Anexo: 1 doc.
AHU-ACL-N-Paraíba Nº Catálogo: 1086	Carta de 16 outubro de 1744	CARTA do provedor da Fazenda Real da Paraíba, José Antônio da Cunha, ao rei [D. João V], sobre a invocação de Jesus para protetor e defensor dos oficiais e soldados da capitania e a quantia paga por seus membros à sua irmandade.
AHU-ACL-N-Paraíba Nº Catálogo: 1409	Requerimento de 19 de novembro de 1754	REQUERIMENTO do juiz e Irmãos da Irmandade de São Gonçalo Garcia, da cidade da Paraíba, ao rei [D. José I], solicitando que seja pago rendimento anual pela Fazenda Real, por ser o santo, patrono da citada irmandade.
AHU-ACL-N-Paraíba Nº Catálogo: 1830	Requerimento 09 de novembro de 1767.	REQUERIMENTO do juiz e irmãos da Irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens dos Pardos Cativos da cidade da Paraíba, ao rei [D. José I], solicitando esmolas para o término da construção da capela para nela depositarem a imagem da mesma Senhora.
AHU-ACL-N-Paraíba Nº Catálogo: 1831	Requerimento de 09 de novembro de 1767.	REQUERIMENTO do juiz e irmãos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos da cidade da Paraíba do Norte, ao rei [D. José I], solicitando a confirmação do compromisso da dita irmandade.
AHU-ACL-N-Paraíba Nº Catálogo: 1885	Requerimento de 09 de junho de 1770.	REQUERIMENTO do Juiz e Irmãos da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Pau dos Ferros do Apodi, ao rei [D. José I], solicitando a confirmação do seu compromisso.

Apesar de já ter sido fundada como cidade de Nossa Senhora das Neves a sede da Capitania da Paraíba não terá um desenvolvimento urbano de imediato o que impossibilitou a fundação das confrarias ou irmandades seja dos brancos, pretos ou pardos.

Como tratamos em nos capítulos anteriores o surgimento das irmandades estão relacionadas diretamente ao ambiente urbano na em relação ao nosso ambiente urbano a única irmandade do século XVI é a de Nossa Senhora da Misericórdia tendo como fundador Duarte da Silveira, normalmente formada por leigos as irmandades tinham diversas missões, no caso da Misericórdia desde sua fundação em Portugal tinha como missão atender os enfermos o que normalmente possibilitava a criação de espaço para o tratamento dos referidos enfermos, bem como seu sepultamento. Em relação a Irmandade da Misericórdia na cidade da Paraíba além da Igreja a mesma era munida de Cemitério e Hospital, ambos demolidos gradativamente na primeira metade do século XX juntamente com diversos conjuntos arquitetônicos civis e eclesiásticos como forma de se enquadrar as influencias francesas iniciadas a partir da capital do País que na época era o Rio de Janeiro que levou a década de 1920 ser marcada por um processo de destruição e critica por parte de muitos na cidade da Paraíba. Segundo a matéria denominada a Demolição do Rosário. *O Jornal, Paraíba*, p. 01 de 19 de jan. 1924 :

Vão completa-se dois meses na demolição igreja do Rosário e cremos não exagerar dizendo que outros dois decorrerão para o termino daquelas obras. Como tivemos aqui ocasião de lembrar, serviços daquela natureza, devem ser feitos com um mínimo de prejuízo, sacrifício ou incomodo para população, devendo ser atacados com decisão e com prontidão ser concluídos. Assim, porem infelizmente não tem acontecido, a pesar de o mais público e frequentado local em que ficava o velho templo semi-demolido. Aos vexames e aos incômodos não tem sido poupada a nossa população, que em regra estaciona as imediações do Rosário para aguardar os bondes da E.T.L.F., por ficar ali o Ponto de cem Reis.

Como podemos constatar no exemplo o qual citamos a cidade da Parayba está passando por um processo de renovação estética, evento este que os Jornais não se cansaram de criticar, mas podemos constatar mais uma vez um padroado na Parayba o qual o mentor foi Dom Adauto de Miranda Henriques primeiro Bispo e consequentemente a partir de 1914 Arcebispo da Paraíba em virtude da elevação Diocese de Cajazeiras, com a demolição das igrejas se perpetua o rito da romanização na Paraíba, já que as irmandades desde sua fundação aspiraram e foram espaços de independência promoção dos leigos que delas faziam parte.

Constatamos desde o século XIX o processo de desgaste das referidas irmandades na cidade da Paraíba o qual iremos melhor abordar nos tópicos seguintes onde aprofundamos nossos objetos de pesquisa.

3.2 Irmandade de São Benedito da Paraíba: Entre a Corrente e a Devoção

Iniciamos esse tópico em relação a Irmandade de São Benedito lembrando que desde os primórdios da Brasil colônia a pratica da escravatura foi algo aceito pela igreja e seus membros, seja nos seus engenhos, bem como em seus conventos os quais muitas vezes estavam no ambiente urbano, outras vezes estavam no interior, já que apesar das ordens viverem de esmolas doadas pelos colonos era muito comum os frades e padres deterem bens seculares. Assim se deu também com os jesuítas, franciscanos, carmelitanos, e beneditinos na Paraíba.

Apesar de citarmos as ordens existentes na capitania da Paraíba nosso objeto se encontra no conjunto franciscano denominado Convento e Igreja de Santo Antônio da Província da Paraíba. O referido monumento tem sua origem no século XVI por volta do ano de 1589, com o objetivo de abrigar os frades da referida ordem formados por Padres e Irmãos leigos, com o objetivo de assumir a missão das povoações indígenas e colonos da cidade.

É a partir de crônicas dos referidos religiosos que detectamos o uso da mão de obra escrava no referido convento, não só na construção, mas também no serviço doméstico da referida casa religiosa dos filhos de São Francisco, na formação da colônia a população escrava foi essencial para permanência dos religiosos na em suas práticas missionárias, não se pode pensar nos religiosos sem os escravos africanos. Em as casas indiscutivelmente estavam os escravos presentes.

Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão foi cronista franciscano, ao falar da fundação do convento de São Francisco em Salvador na Bahia de 1587 ele desataca o espaço reservado aos escravos (1761,57):

Bem o mostra ainda boje um pedaço de corredor antigo que ficando desembaraçado do novo pum a parle da Rua, e serve athe agora de agasalho aos Escravos da caza, que em cinquenta palmos de comprido de vinte de largo, havia nela quatro celas que ainda se divisão pelas janelinhas que melhor se podia o dizer postigos, pois não tem mais que dos palmos de largo e três de alto, e este era o restante do corredor que em ou tiro lugar diremos mandou fazer o venerável Fr. Cosme de S. Damião sendo Custodio, com o título de colégio de S. Boaventura para moradia dos Mestres e Estudantes dos cursos.

O texto confirma de forma nítida a presença de escravos no referido convento, estavam os escravos também presentes em capelas seculares tratando da manutenção do templo religioso a exemplo da Capela de Santo Antônio da Marmoraria (Jaboatão,1761, p. 328):

Tem, capelão, a quem paga a Irmandade todos os anos oito mil réis, e uma pataca por cada missa que diz aos Domingos, e dias Santos pelos irmãos vivos, e de dez em dez dias uma coarta de farinha para sustento do escravo, que varre a Igreja, e entra na conta do soldo do Santo, que lhe à El-Rey pela praça de Alferes de Infantaria, cobrando o Procurador de três em três meses trinta mil réis a conta.

Nas suas crônicas o Frei Jaboatão nos informa também o processo de em relação a catequese e doutrinação que era desenvolvida pelos religiosos aos que chegavam em terras do Brasil, os religiosos fazem um alerta para as condições dos escravos aqui encontrados (Jaboatão, 1761, p.791):

Dom. Joao etc. Faço saber a Vós Provincial dos Capuchos de S. Antônio do Brasil, que ao Arcebispo da Bahia e aos Bispos de Pernambuco, Rio de Janeiro, e do Maranhão encomende, que tanto que chegassem aos portos dos seus Bispos Navios com escravos ponha todo o cuidado, como matéria tão grave, de mandar saber os que vem doentes, e fação com que se lhes acuda prontamente, para que instruindo-se na doutrina Cristã, o que é preciso para receberem o batismo, se lhe administre logo a tempo, que se possa evitar falecerem sem ele;

A devoção a santos de cor era algo que se tornou comum na ordem franciscana desde a capital do estado do Brasil até as vilas, o mesmo Frei Jaboatão ao se referir a referida devoção dos escravos domésticos e da senzala na Igreja da Ajuda em Salvador como contemplamos em diversas igrejas franciscanas (Jaboatão, 1761, p.266):

A primeira dá parte dos Terceiros, e se entra para ela pelo arco, e capela do cruzeiro, e Senhora da Glória; é consagrada a S. Vicente Ferre; a segunda, correndo para baixo, a Santo Antônio de Arguim; a terceira a S. Efigênia. A que corresponde a esta da outra parte do Convento, a S. Benedito, a do meio a Santa Luzia, e a última, que sai por esta banda para o mesmo cruzeiro da Igreja pelo altar, e cape lia do Santo Cristo, e dedicada a S. Pedro de Alcântara.

As confrarias ou irmandades tinham um processo religioso ativo com todas as suas obrigações realizadas e festas dedicadas aos seus padroeiros como bem ressalta Frei Jaboatão (1761, p.266) “*A todos esses Santos se lhes faz festa nos seus dias, com sermão e Senhor Exposto. A Santo Antônio de Arguim a câmara, como fica dito, aos dois Santos Pretos a Gente da sua cor, e tem suas confrarias com missa, sufrágios e sepulturas.*”

No Convento de Santo Antônio da Paraíba não foi diferente como já foi bem expressado nas falas de Frei Jaboatão a presença de escravos negros era algo comum nas casas dos franciscanos, ao olharmos para Capitania da Paraíba contemplamos a mesma

realidade e presença de escravos desde a fundação que se dar no século XVI exatamente no ano de 1589, quando é feito o convento em taipa, convento este que vai existir até o ano de 1604, ano este que se inicia a primeira construção em pedra que de acordo com o Livro dos Guardiões em 1621 mesmo já havia sido concluído constando com uma estrutura simples composta de 12 celas, um claustro, um refeitório, a nave central, e o de profundis e uma sacristia.

No século XVIII a partir de 1704 o Convento inicia uma nova fase de obras administrada pelos Irmãos Terceiros os quais constroem sua Capela dedicada a São Francisco da Penitencia, bem como se construiu uma sacristia e interligando as mesmas estar a casa de exercício de oração da referida ordem. Mas não se fala ainda da capela de São Benedito ou Fratello, apesar de se detectar o um crescimento o crescimento da população africana e das irmandades de pretos e pardos o convento ainda não tinha sido contemplado com a capela do Santo Mouro, para as práticas devocionais de seus escravos, bem como não encontramos nenhum altar dedicado ao Santo dos Homens Pretos, como podemos ver em Salvador e até mesmo na metrópole como abordamos nas páginas anteriores.

Surge a seguinte pergunta: A devoção a São Benedito já era praticada na cidade da Paraíba acreditamos nós que sim já que bem antes de ser considerado Bem-Aventurado sua imagem já tinha lugar desde de 1623 na Bahia como bem frisou Frei Jaboatão, e o que nos orienta nesta defesa é justamente a imagem do Santo Mouro existente na Capela de São Benedito no Convento de Santo Antônio na Paraíba.

De acordo com o Livro dos Guardiões do Convento de Santo Antônio a capela de São Benedito só vai passar a ser construída por volta do século XIX no ano de 1805 e finalizado em 1850. Mas o próprio livro cita a existência da imagem ainda no século XVIII o que realmente constatamos ao analisarmos a referida imagem ainda existente no próprio convento guardada na referida capela conservada com sua policromia nítida e preservada, faltando algumas peças que faziam parte originalmente da imagem.



5-Capela de São Benedito - Convento de Santo Antônio da Paraíba - Sec. XIX(Amarante/2015)

A referida capela é feita de pedra calcária ornamentada com um arco também em calcário ornamentado com umas volutas e uma concha, símbolo do barroco que influenciou diretamente o rococó, estilo este predominante na capela. No centro da concha se encontra um dos símbolos bastante encontrado nos conjuntos franciscanos: a Coroa de Espinhos que ornamenta também o símbolo da ordem, fazendo referência ao carisma da mesma que a o da penitência.

O altar dedicado a São Benedito é composto de cedro policromado em forma de rosas e volutas, enriquecidos com folhas de ouro e cores vermelho e azul dando um aspecto marmorizado as paredes do referido altar. Outro aspecto importante são as rosas que se

encontram ao fundo do nicho no qual se encontra a imagem do Santo Mouro. A mesma é iluminada com a luz adentra por uma janela.

No referido altar encontramos o espaço da pedra d'ara o que indica que como já citamos anteriormente se celebrava missas na referida capela.



6-São Bendito - Imagem Policromada - Sec. XVIII (Amarante/2015)

A imagem de São Benedito do Convento de Santo Antônio da Paraíba, é feita de madeira policromada, de policromada de autor desconhecido do século XVIII com símbolos muito próprios. Diferente das diversas imagens que encontramos de São Benedito nas diversas irmandades existentes no Brasil, a do convento da Paraíba tem algo que nos chama a atenção que é uma chaga no lado esquerdo em cima dom peito, fazendo referência as chagas adquiridas no Monte Alverne pelo Poverello de Assis, o qual indica o ápice da vida contemplativa. Já existe, mas a imagem era acompanhada de um Menino Jesus, o qual pelos

relatos tinha um esplendor de ouro sobre a cabeça, que simboliza a divindade, bem como o São Benedito era ornamentado com um esplendor em prata não mais contemplados na imagem.

Nitidamente podemos identificar o porquê dos escravos se identificarem com o Santo de Palermo sua cor e seus símbolos serviram de referência para todos aqueles e aquelas que viviam oprimidos dentro e fora dos conventos. Foram as Irmandades dos Homens Pretos muito importante para a defesa dos negros na Paraíba e demais capitanias em virtude de sua maior independência perante o clero. Fica então a pergunta se aquelas que estavam dentro dos muros dos conventos viviam essa independência? Não podemos afirmar já que os registros existentes não permitem tal avaliação em virtude de falta de informações. Mas se fizermos um processo comparativo com as ordens terceiras podemos afirmar que as ordens laicas dentro das casas conventuais normalmente ficavam responsáveis por assuntos seculares.

Em nossas pesquisas podemos constatar que não existia na Capitania da Paraíba apenas uma Irmandade de São Benedito, mas na verdade duas, uma que funcionava no Convento Santo Antônio e outra que funcionava na Igreja do Rosário dos Homens Pretos na antiga Rua Direita atual Duque de Caxias o que era comum, já que normalmente existir diversas irmandades na mesma igreja ou devoções iguais em igrejas diferentes.

Na Paraíba encontramos referentes as Irmandades de São Benedito informações que vão além do que nos contempla o livro dos guardiões, São Benedito do Capítulo é citado em diversos anúncios de periódicos da cidade da Parayba (Ponteiro, José Ferreira Anúncios, *A REGENERAÇÃO*, Parayba, pag. 4, 01 de dez. de 1864):

O abaixo assignado como administrador do patrimônio do Glorioso S. Benedito do Capítulo, e autorizado por deliberação da Irmandade, tomado em mesa de 20 de novembro de p.p. faz público, que no dia 19 do corrente as 4 horas da tarde no consistório da mesma Irmandade, será arrematado os alugueis das casas pertencentes ao patrimônio a saber: a de n. 45 sita na rua da Gameleira, sob a base de 85\$ anual, e a de n. 37 sita na rua do Tambiá, sob base de 72\$ idem as de ns. 28 e 30 sita na rua das trincheiras, sob a base 60\$, cada uma idem.
As pessoas que se pretender comparecerão no lugar, dia e hora marcados, com seus competentes fiadores.
Parayba 1º de dezembro de 1864.

O administrador
Bento José Ferreira Ponteiro.

Como bem nos informa o anúncio a dita Irmandade era munida de todo um patrimônio que era utilizado para auxiliar na manutenção ordinal da dita fraternidade, bem como também desenvolver as práticas sociais, que entre elas podemos destacar o cuidado com os velhos, compra de alforria e o financiamento fúnebre.

Outro aspecto que marca a cidade da Parahyba através da Irmandade de São Benedito do Capitulo eram as festas e procissões as quais envolviam toda comunidade (Anuncios. *O Publicador*. Parahyba, pag. 1, 28 de junho de 1867) *idem ao mesmo*. - *Para acompanhar a procissão do glorioso S. Benedicto do Capitulo, que tem de sair da igreja de São Francisco desta cidade ás 3 horas da tarde do dia 29 do corrente, cumpre que V. S. faça postar uma guarda de honra do 1º batalhão desse comando.*

A participação popular na devoção ao Santo de Palermo na cidade da Parahyba era algo prestigiado pela comunidade a qual como hoje falamos se engajava em suas festividades como podemos nitidamente notar em um agradecimento encontrado em um Jornal da Cidade (Anuncios, *O Parahybano*. Parahyba, pag. 4, 04 de março de 1892.):

O abaixo assignado, vem do alto desta tribuna agradecer ao illustre cidadão chefe de polícia Antônio Ferreira Baltar por ter cedido a música do corpo policial a fim de tocar na missa e benção da imagem de S. Benedicto do Capitulo o que teve lugar no domingo 28 do próximo passado, assim como faltaria a um dever se não vinhesse também agradecer ao distinto e rev. padres pelo desinteresse com que officiarão n'aquelle acto.

Agradece ainda a todos os parahybanos que dignarão aceitar seo humilde convite para aquelle mesmo acto fazendo votos a Providencia para que sejam todos que auxiliarão para fim tão útil quão sagrado coberto de bênçãos de Deus
Estado da Parahyba, 4 de março de 1892.

O juiz da irmandade
João Baptista da Motta

Outro aspecto importante já abordado por nós em capítulos anteriores é a quem se destinava a Irmandade de São Benedito do Capitulo, estando ela dentro das paredes do Convento de Santo Antônio e não podemos esquecer que o Santo Mouro é também de origem da família franciscana. No Livro dos guardiões do século XVIII Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, deixa claro a importância do escravo negro para se sobreviver nesta terra, e não podemos esquecer que é o próprio frei Jaboatão que em sua obra no informa da devoção no Brasil desde o século XVII com direito a um lugar no altar de Santo Antônio no Convento de Salvador.

Em relação a Irmandade no Convento da Parahyba o termo de compromisso aprovado em 1866 no seu primeiro capitulo deixa bem claro a quem primeiro a Irmandade estava destinada, não eliminando a possibilidade de outros irmãos ou irmãs poderem participar, mas em primeiro lugar estavam os escravos do referido convento como podemos ver no explanado no próprio termo das pessoas que podem ser irmãos conforme cita a Lei nº 235, de 13 de setembro de 1866 publicado no *Jornal O Publicador* do dia 29 de Setembro de 1866, “Art.

Único. Fica aprovado o compromisso da Irmandade do Glorioso S. Benedicto, erecta no convento de S. Antônio desta capital e revogadas as disposições em contrário. ” No tocante ao capitulo I do Termo de Compromisso da Irmandade do Glorioso São Benedicto assim se expressa:

Capitulo I

Das pessoas que podem ser irmãos e suas contribuições.

Art. 1º. Sendo esta irmandade do Glorioso S. Benedicto organizada dentro dos claustros religiosos tão somente para os escravos do Convento de S. Antônio desta cidade da Parahyba, para que mais progrida o culto religioso em honra do mesmo Santo, poderão ser admitidas pessoas de fora, tanto livres como escravos (obtendo esses previamente licença de seus senhores) de qualquer cor, ou qualidade que sejam, ficando sujeitos as instruções e privilégios conventoaes, e jamais terá lugar sua entra-la, sem aprovação da mesa com assistências do Prelado do convento. Se porem a irmandade abusar de seus deveres ofendendo os referidos objectos será pela primeira e segunda vez admoestada em Mesa pelo respectivo Prelado a suspendera, e dará parte ao Reverendo Padre Provincial, que poderá acabar com ella, se assim o entender em sua sabedoria.

Art. 2º. As entradas e remissão dos irmãos serão feitas por termos lançados pelo respectivo Escrivão da Irmandade em livro para este fim destinado, depois de dada ao Procurador a joia de 15000 reis por cada entrada, e pela remissão a de 85000 réis pagando de anual 320 réis, ficando porem isentos desta contribuição os remidos.

A partir do referido termo podemos observar que na organização da Irmandade a mesma está dependente diretamente da Ordem Regular sendo a mesma tratada de acordo com as regras da Ordem terceira franciscana, que a diferencia das seculares em questões de obediências e orientações do Guardião e sob a ordem do provincial franciscano, diferente das que estão fora dos muros do convento que normalmente tem como orientador um capelão secular como já previa a Bula Supra Montemque na idade média vem sistematizar e uniformizar a forma secular de vida.

Apesar de ser uma irmandade de cunha secular o seu meio é regular e seus membros primeiros vivem cativos no mesmo convento que é o caso dos escravos conventuais residentes na senzala do mesmo, são eles os que devem ser contemplados com as vantagens de fazer parte de uma irmandade.

Outro aspecto que o capitulo nos mostra é a vinda de outros escravos para Irmandade de São Benedito no Convento de Santo Antônio, mediante a autorização de seus senhores para poderem participar das reuniões da referida ordem.

Em meio a nossa pesquisa como já foi citado anteriormente e será explorado por nós a partir de agora percebemos algo não observado pelos pesquisadores que trataram do tema

Irmandade dos Homens Pretos na cidade da Parahyba, que é a existência de duas irmandades relacionada a mesma devoção que é o Glorioso São Benedito, além do São Benedito do Capitulo a cidade também o São Benedito da Cruz que foi erguida na Igreja de Nossa Senhora do Rosário localizada na rua Direita na cidade da Parahyba. A referida Irmandade é contemporânea da que se encontra no convento de Santo Antônio em relação a ela encontramos diversas informações nos jornais do século XIX, vejamos (Annuncios. *O Publicador*, Parahyba, pag. 4, 10 de janeiro de 1866):

O Abaixo assignado, encarregado da subscripção para alvorada de São Benedito da Cruz, tendo arrecadado a quantia de 405880, sendo pelo juiz da irmandade consultado para entrar com a dita quantia para adjutório da procissão do mesmo santo, a qual teve lugar no dia 06 do corrente, promptamente o fez, entregando a dita quantia ao thesoureiro da irmandade; vem por esta razão agradecer pela presente publicação a todos os devotos que contribuíram com suas esmolas.
Parahyba 10 de janeiro de 1866.

Paulo Sousa Gouvêa

Continuando nossas investidas em relação a Irmandade de São Benedito da Cruz encontramos no ano seguinte ao referido outro anuncio (*Jornal O Publicador*, Parahyba, pag.3, fevereiro de 1867):

O irmão procurado da Irmandade de São Benedito da Cruz, faz ver ao respeitável público que pago as despesas feitas para a festa do mesmo Sr. São Benedito da Cruz e espera que tenha ficado satisfeitos.

O irmão procurador
Aleixo Pereira Brasilino de Araújo

Conforme o Jornal a União de 1896 a Irmandade de São Benedito da Cruz estava ainda bastante atuante em meio aos negros, mestiços e brancos que selaram compromisso na dita irmandade, que acolhia e era honrada com a presença do povo da cidade (Parahyba, 8 de janeiro de 1896):

Festa de São Benedito da Cruz
A comissão encarregada dos festejos em honra do glorioso São Benedito da Cruz, faz sciente ao público d'esta Capital que, por motivos superiores, tendo transferida a missa cantada e ladainha que devia realizar-se no dia 6 do corrente, terão lugar estes referidos actos na Egreja de Nossa Senhora do Rozario em o dia 12 do corrente; e para maior realce da festa, pede o comparecimento de todos os bons catholicos.

Parahyba, 8 de Janeiro de 1896

A comissão,

Francisco Raymundo Xavier
João Baptista Motta
Raymundo Gregório das Neves
João Batista dos Santos

Contemplar a Irmandade de São Benedicto na Paraíba e sua aceitação entre os homens de cor nos mostra o valor para o que delas participavam, já que através da entronização nas referidas irmandades era uma garantia não só terrestre mais entre tudo celeste, através de um processo de aculturação por parte dos negros e validado nos termos de compromisso observamos de forma concreta a forma diferenciada de crer, que se manifesta através da dança, formas de se vestir como bem contemplamos no termo de compromisso de 1866 o qual nos informa a forma correta de se portar e se trajar no seio das Irmandades.

Outro aspecto que jamais pode ser ignorado é a quantidade de Confrarias dedicada ao Santo de Palermo e outras devoções que recebiam homens de cor na cidade, o que nos mostra que uma boa parte da população não era lusitana, mas na verdade formada por negros escravos e livres e mestiços, fruto da miscigenação ocorrida durante todo o período colonial, imperial e consequentemente republicano na referida capital da província da Parahyba.

Por esse motivo o referido subtítulo já que a dita irmandade abrigava os escravos que diversas vezes eram acorrentados no pelourinho ou caçados por fugirem. Mas também aqueles que serviam nas casas e armazéns da cidade e sob a liberação de seu senhor eram convidados a participar. Mas era o lugar dos escravos conventuais que serviam dentro dos muros dos conventos, servindo aos religiosos nas casas urbanas bem como nas missões que eram administradas pelos religiosos. A cor do Santo de Devoção era uma identidade, que mesmo estando em uma sociedade altamente segregacionista o São Benedicto, permanece negro, vindo a simbolizar uma identidade de Fé para os negros, bem mais do que Nossa Senhora do Rosário, que mesmo estando presente na devoção popular não perdeu ou alterou a cor, permaneceu branca.

Outro aspecto com certeza valorizado pelos escravos foi a condição social de São Benedito, que com certeza chegava até os devotos seja pelas palavras dos frades e capelães ou principalmente por aqueles advindos da metrópole e da África, já que o mesmo era bastante conhecido na Europa e no continente africano, já que por ser cozinheiro foi transformado no padroeiro perfeito para os que viviam servindo nas mesas dos senhores, como o mesmo serviu nas mesas conventuais. Como bem cantam os devotos:

*“São Benedito é amparo e guia,
De seus irmãos de negra cor;
E por nós todos devotos seus;
Sempre intercede junto ao Senhor.”³⁹*

A Irmandade de São Benedito da Cruz e a Irmandade de São Benedito do Capitulo já não existe em meio a comunidade negra da Paraíba, só nos resta a capela no Convento e Igreja de Santo Antônio, bastante conservada, mas com algumas agregações bem nítidas na referida capela como bem podemos contemplar na fotografia utilizada por nós para identificar a Capela de São Bendito do Capitulo, onde foi posto um oratório com hóstias consagradas e um castiçal fora de época que agride diretamente a estética e símbolo da referida irmandade. Muitos podem estar se perguntando o porquê de tal intervenção? A resposta é muito simples, “a volta do processo de romanização aplicada pelo Arcebispo Dom Aldo Pagotto, que nunca negou sua posição clerical e romanizada aos moldes do Papa Bento XVI, onde se invoca a velha frase “fora da igreja não há salvação”, afirmamos tal ação não só pela referida capela citada, mas bem como a retirada das peças ligadas aos cultos afro-brasileiros que foram tiradas do acervo da exposição de Arte Popular que existe no Convento e Igreja de Santo Antônio, denominado hoje de Centro Cultural de São Francisco. Mas apesar de todo o movimento de perseguição e aniquilamento das irmandades de São Benedito a mesma a devoção ao Santo Mouro, Negro ou Cozinheiro não morreu na devoção popular.

3.3 Irmandade do Rosário dos Pretos da Paraíba: Entre a Casa e o Curral, uma experiência de Fé do litoral ao sertão

A Devoção a Nossa Senhora do Rosário na Paraíba é algo como no resto do Brasil está presente de o processo de colonização da capitania já que como aconteceu na África e na Ásia a referida pratica devocional foi diversas vezes utilizada como forma de catequização de nativos e escravos. Cronologicamente a Capitania da Paraíba desde sua fundação por volta de 1585 teve contato com a devoção através dos Padres da Companhia de Jesus presentes no processo de formação e consolidação da presença administrativa da metrópole na Paraíba.

A imagem mais antiga encontrada na Paraíba de Nossa Senhora do Rosário se encontra no acervo do Centro Cultural de São Francisco em uma exposição de Imagens Sacras, a mesma é feita em pedra calcaria hoje já danificada faltando algumas partes da

³⁹<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0144i.htm>, acessado e 03 de Maio de 2016. As 01:00hs.

mesma, mas se pode identificar nitidamente confirmando assim a informação já apresentada por nós da devoção a Virgem do Rosário no referido convento na referida Capela do Capitulo no claustro do convento. Na igreja conventual sagrada em 1734 foi reservado um altar para Virgem do Rosário.

Mas e a igreja da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos objeto de nossa pesquisa, quando foi feita sua obra? Quando foi erguida a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos? Como era sua organização? A quem estava direcionada? Essas e outras questões que vamos discorrer a partir desse ponto de nosso trabalho e no contemplarmos como Weber analisa essas relações comunitárias e seus efeitos sob a comunidade negra e sua realidade mística e social.

Nossa pesquisa na sua busca de encontrar a pedra angular da Igreja do Rosário dos Pretos da Paraíba foi além-Mar e lá encontramos documentação que nos orienta em relação a sua fundação, da fundação da mesma, muitos que estiverem lendo essas páginas podem se perguntar: Qual o valor que há para um trabalho orientado através das Ciências das Religiões saber a data de origem de um templo religioso? Porque encontrando o processo de início do templo iremos encontrar o que impulsiona a comunidade o que Weber classificou de **comunidade de mistério**⁴⁰ que envolve esse desenvolvimento devocional no âmbito das irmandades, onde se desenvolve um processo de valorização e no caso das Irmandades dos Homens Pretos os termos de compromisso já exprime no primeiro capítulo quem pode participar, e deixa claro que não só negros escravos e livres podem participar, mas também os pardos e brancos assim desejarem.

Identificamos nas Irmandades esse espírito de mistério que cercou as mesmas em suas práticas e aspirações como poderemos observar no decorrer de nosso trabalho nesse espaço reservado a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos da Paraíba, tão invocado pelo Sociólogo da Religião, que demonstra de forma maestral que há efeitos diversos na vida dos irmãos que delas participaram, diferente do que foi sempre defendido no sentido de opressão e alienação por parte daqueles que coordenavam as irmandades para com os negros escravos e livres o contexto apresentado nos registros bibliográficos nos direcionam outra direção, onde no processo colonial e imperial foram exemplo de resistência alimentada pelo mistério presente em suas raízes bem como na força fraterna que quebra determinadas barreiras, furtos de toda uma realidade de exploração que leva a exploração, mas percebemos nitidamente nas

⁴⁰Nas construções públicas de Atenas encontramos, por isso, escravos e homens livres trabalhando em grupo pelo mesmo salário. Homens livres e não-livres, como institores dos senhores ou como pequenos burgueses, que dispõem, de fato, com autonomia completa, de merxpeculiaris, existem lado a lado no artesanato e pequeno comércio da época romana e pertencem às mesmas comunidades de "mistérios".

irmandade essa quebra fruto desse envolvimento místico e mítico, já vivido em sociedades passadas e atualizado em cada tempo quando invocado(Weber,2004,p.497):

O pequeno burguês da Antiguidade podia pertencer, junto com os escravos, a uma comunidade de mistérios (como na Hélade) ou a um collegium (como mais tarde em Roma), mas não a uma associação que, como a corporação da Idade Média, reclamava direitos políticos.

De acordo com a obra *Progresso e Destruição da cidade da Parahyba: Cidade dos Jardins*, nos apontam que a referida igreja foi construída pela já existente irmandade do Rosário dos Homens Pretos (Silva,2009, p.128):

Segundo Epaminondas Câmara (2000:80) Foi a irmandade desta invocação que a levantou à margem dum pequeno riacho, no alinhamento da Rua Direita. Antes, porém, rememora Humberto Nobrega (1976:28): O pequeno regato fora desviado, possivelmente, quando da edificação do majestoso templo de N.S. do Rosário dos Homens de Cor, obra do século XVII.

Como observar o surgimento da Igreja do Rosário dos Pretos na cidade Parahyba surgiu no momento em que o número de escravos passa a crescer na capitania fruto do desenvolvimento econômico possibilitado pela economia do açúcar já que a Paraíba ocupava já nesse período terceiro lugar em produção de açúcar, não podemos nunca esquecer que economia e religião estavam juntas, e principalmente entre os lusitanos através do padroado régio vigente na metrópole consequentemente no estado do Brasil.

Quando tratamos da construção da irmandade a obra acima citada nos possibilita uma compreensão a partir das orientações de Mariza C. Soares quando nos fala (Silva,2009, p.129): *Na irmandade do Rosário, rei e rainha negros recolhem donativos para manutenção da Igreja. Trazidos como escravos para o Brasil, grupos de africanos construíram relações sociais de trabalho, devoção e ajuda financeira.* A pratica do esmolar se tornou algo comum também na sociedade moderna, praticada principalmente pelas ordens mendicantes desde o século XIII, tendo como melhor exemplo os franciscanos, seguidos dos dominicanos, carmelitas e beneditinos, sendo estes últimos de vida monástica normalmente recebiam em suas abadias as referidas esmolos.

Uma das práticas muito comum desde o período medieval são as indulgências⁴¹ dadas as ordens religiosas, paróquias e dioceses concedida pelos papas como forma de permitir

⁴¹(Paulo VI, 1967, p. 10): Indulgência é a remissão, diante de Deus, da pena temporal devida pelos pecados já perdoados quanto à culpa, que o fiel, devidamente disposto e em certas e determinadas condições, alcança por

ações que permitam aos contemplados poderem usufruir de forma oficial das vantagens eclesiais a exemplo de poder realizar missas votivas, poder esmolar e realizar eventos como forma de arrecadar fundos financeiros para o determinado grupo religioso, e de acordo com algumas pesquisas a Irmandade do Rosário da Paraíba é agraciada com determinada indulgência e horaria que hoje se fosse atualizar seria a autorização de utilizar o selo pontifício dada as chamadas associações privadas dos fiéis⁴² que a princípio já estava autorizada pelo bispo de Pernambuco, só que no momento a diocese estava vacante já que o Dom Manuel Alvares da Costa (1710-1715) e o Dom Frei José Filho⁴³ só assumiu a partir do ano de 1725, além desse aval clerical o mesmo devia se autorizado pelo estado Português que validava os termos de compromissos das Irmandades e Ordens Terceiras Seculares já que não podemos esquecer sob o regime do padroado régio Lusitano.

Em relação ao reconhecimento e indulgência concedida a Igreja do Rosário dos Pretos pelo Papa Clemente XI da Paraíba encontramos as seguintes observações exposta pelo cônego Florentino Barbosa (Silva, 2009, p. 131):

Essa igreja gosava de grande privilegio concedido em primeiro de julho do ano de 1720 pelo Papa Clemente XI, nos seguintes termos: “Pela Paternal caridade aplicados nós a salvação de todos algumas vezes a alguns Sagrados Lugares condecoramos com espirituais dadivas para que dahy as almas dos fieis defuntos possam conseguir os sufrágios ajudados pela Misericórdia de Deos possam ser conduzidos a eterna salvação pelo que querendo nos ilustra com este especial Dom a Igreja de N. do Rosário do Lugar da Parayba, da Dioceze de Pernambuco no Brasil e o altar mayor sito na mesma igreja da confraternidade da bem aventurada Virgem do Rosário muito condecorado o tal altar como privilégio pella misericórdia do omnipotente Deos e dos Bem aventurado São Pedro e Paulo seus apóstolos muyto confiados concedemos e com gosto permitimos que quando quer que algum sacerdote secular ou religiosos no dito altar mayor privilegiado celebrar missa de defuntos no dia da comemoração deles e todos os dias entre a sua oitava e no dia de sábado da mesma semana pela alma de qualquer confrade e consorte da dita confraternidade que conjunta a Deos na claridade passar desta vida mesma alma do Thesoro da Igreja p. modo de sufrágio consiga a indulgencia de tal sorte que sufragando-se e ajudando-a os merecimentos do mesmo N.S. Jesus Cristo e a Beatíssima Virgem Maria seja livre das penas do Purgatório e nenhum obstáculo se póra desta nossa vontade e assim absolutamente se cumprir. Dado em Roma ao pé de Santa Maria Mayor debaixo do anel do Pescador a Prymeiro dia de julho de mil settecentos e vinte, aos vinte anos do nosso Pontificado. Fiz escrever subscrevi – e assinei. Em fé da verdade o escrivão dos resíduos e capellas Manoel F. Mendes.

meio da Igreja, a qual, como dispensadora da redenção, distribui e aplica, com autoridade, o tesouro das satisfações de Cristo e dos Santos.

⁴² Cân.321 – Os fiéis, segundo as prescrições dos estatutos, dirigem e governam as associações privadas;

Cân.322- § 1. Uma associação privada de fiéis pode adquirir personalidade jurídica mediante decreto formal da autoridade eclesiástica competente (*bispo*), mencionada no cân. 312;

§ 2. Nenhuma associação particular de fiéis pode adquirir personalidade jurídica, se seus estatutos não tiverem sido aprovados pela autoridade eclesiástica mencionada no cân. 312, § 1; a aprovação não muda a natureza privada da associação. (CDC, 2010, p. 173)

⁴³<http://www.arquidioceseolindarecife.org/historia/>, acessado em 13 de maio de 2016, as 22:22hs.

É indiscutível a organização da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos da Parayba e sua influência na sociedade da cidade da Parahyba Colonial, que podemos atribuir esse movimento a influência da própria metrópole como já relatamos ao tratar da Irmandade do rosário dos Pretos de Lisboa. Outro fator a ser levado em conta é a pressão advindo da metrópole por parte dos negros lusitanos que ainda na segunda metade do século XVIII se conseguiu proibir o tráfico de negros para Portugal, fato esse que no Brasil só vai acontecer a partir da Lei Eusébio de Queiroz em 1850.

Em 1725 encontramos nos documentos do Arquivo Ultramarino uma reclamação do então Ouvidor Geral Manuel da Fonseca e Silva da Província da Parahyba contra o vigário geral por tentar usurpar dos bens da irmandade dos homens pretos e não estar cumprindo com suas obrigações para com a mesma. No decorrer do século XVIII iremos observar constantes pedidos partindo da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos da Paraíba que variava desde reclamações até pedidos de aprovação dos termos de compromisso, bem como doação de terras como forma de ampliar o patrimônio da irmandade.⁴⁴

Através desse processo e podemos perceber o quanto a Irmandade já estabelecia e firmava sua posição perante a sociedade local o a vinda de negros africanos como escravos em virtude da produção local levou ao desperta e fortalecimento desta instituição ser negro da Irmandade do Rosário é se fundamentou desde o período em que foi introduzida na colônia portuguesa passou a ser uma forma de resistência expressada na suas práticas de fé e ações sociais para com seus confrades, os quais tinham assegurados o funeral digno, bem como uma ascensão social através da compra da alforria por parte dos irmãos.

Chegamos a ao século XVIII com uma boa parcela da população formada por negros livres e escravos, a maioria presente nos engenhos e senzalas urbanas, mas no peito um sonho que nunca morreu o da liberdade é nesse período que os quilombos vão sendo procurados mais e mais por aqueles que fugiam da opressão, implantada pelos senhores e senhores do poder na colônia, bem como por todos e todas que viam no negro apenas um animal que recebe alimento e tem obrigação de servir sem direitos, praticando apenas deveres.

Mas é nas Irmandades que os escravos que permaneciam sob a tutela de seus senhores sejam no mundo secular, seja no convento que eles encontravam um fio de esperança, bem como uma organização que os permitiam serem vistos e os possibilitava um lugar, onde se

⁴⁴1725, maio, 15, Paraíba CARTA do ouvidor-geral da Paraíba, Manuel da Fonseca e Silva, ao rei [D. João V], queixando-se do vigário geral da capitania por ser pouco exemplar nos seus costumes e omissos nas suas obrigações, intrometendo-se na igreja de Nossa Senhora dos Pretos, e na jurisdição real. AHU-Paraíba, cx. 6 AHU_CU_014, Cx. 6, D. 437.

desenvolvia suas práticas e crenças, guardando assim sua memória de grandiosidade vivida na mãe África expressada em suas festas devocionais.

A dança e a música se tornou uma diferença em meio as Irmandades dos Homens Pretos, a identidade se tornou identificada e revelada no ritmo e alegorias que faziam parte de suas expressões. Apesar de toda força da contrarreforma as raízes plantadas na Mãe África não foram eliminadas, de forma coracina resistiu através dos tempos cruzando os oceanos.

Diante da busca de desenvolver cada vez mais a prática devocional para com os santos cristãos a igreja cada vez mais intensifica sua busca dos santos de cor através das irmandades, sendo de grande valia na vida dos negros escravizados ou foros (Oliveira, 2009, p.32):

As vidas dos santos eram divulgadas em obras de grande difusão na Colônia. Em 1744, frei Apolinário da Conceição, da Ordem dos Frades Menores, publicou *Flor Peregrina por Preta, ou Nova Maravilha da Graça*, descoberta na prodigiosa vida de São Benedito de S. Filadelfio. Religioso leigo da Província Reformada da Sicília, da mais estreita Observância da religião Seráfica. As irmandades – instituições leigas devocionais e assistenciais – feitas para cultuar esses santos também tiveram grande importância na divulgação das histórias e foram inúmeras que se formaram em toda Colônia.

Em 1767 a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos da cidade da Paraíba reivindicou junto à coroa a aprovação do termo de compromisso de sua irmandade⁴⁵, termo esse guardado no arquivo ultramarino em Portugal, o qual deixa nítido a quem se direcionava a Irmandade e sua organização contemplava os negros até a morte em relação a assistência. Nas irmandades os negros encontravam auxílio em momentos mais críticos de sua vida que era na velhice, já que ser negro velho em meio ao Brasil Colonial, imperial e até mesmo republicano era algo altamente difícil, sem força para produzir estava destinado a viver na clandestinidade como mendigo, mas na irmandade encontrava pelo menos um teto para reclinar a cabeça e uma porção de farinha para saciar sua fome.

Podemos estar nos perguntando essa realidade era só na Igreja do Rosário ou também nos conventos? Podemos afirmar que em ambas as irmandades encontraram tal assistência, normalmente coroadas com a assistência fúnebre na hora da morte.

Os termos de compromissos em sua formação nos orientam de forma sublime as atividades das irmandades, como já foi por nós citadas em páginas anteriores, mas agora

⁴⁵ [ant. 1767, novembro, 9, Paraíba] REQUERIMENTO do juiz e irmãos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos da cidade da Paraíba do Norte, ao rei [D. José I], solicitando a confirmação do compromisso da dita irmandade. AHU-Paraíba, mc. 35 AHU_CU_014, Cx. 24, D. 1831.

pretendendo demonstrar através do próprio termo da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos da Paraíba, a importância e forma de organização, direitos e deveres dos irmãos.

Apesar da perseguição e diferença o negro pertencentes as irmandades não podem ser tratados como pessoas desprovidas de sabedoria, como um alienado, mas como aqueles que conseguiram usar a perseguição e o sofrimento como forma de resistência e ascensão de suas buscas, por mais que as realidades sociais nos demonstrem as desvantagens vividas e sofridas por partes daqueles livres ou escravizados, na religião o sentido tomava outro rumo, ali adquiriam uma força especial transformada em esperança e resistência na luta, por mais que se diga em diversos tratados sobre a escravatura que não houve luta nesse meio e muitos não veem perseverança, mas ela se formou e conseguiu barrar o avanço de diversas barbáries, possibilitando assim a salvação de diversos Irmãos e Irmãs de Cor(Hauck,2008,p.146-147):

Mas os negros viam também a Igreja como meio através do qual eles conseguiam sua promoção religiosa e social. Um certo acesso ao mundo dos brancos era conseguido de modo especial através da Igreja. Ser “irmão de São Benedito”, “irmã de Santa Efigênia”, “irmão de N.S. do Rosário” dava aos olhos dos negros foros de importância. Pelas irmandades e confrarias os negros se sentiam promovidos social e religiosamente. Elas eram como que um “sucedâneo” do sacerdócio e da vida religiosa, proibidos juridicamente para os negros. Vestir a opa ou ostentar o distintivo de “irmão”, ter seu lugar “oficial” nas procissões dos brancos, possuir uma igreja como “sua” (a capela da irmandade) – tudo isso era algo realmente significativo para os pobres negros. E nessas confrarias e irmandades eles podiam chegar a postos que tinham sua importância: presidente, secretário, tesoureiro, etc.

Além dos meios sociais e promoção humana por parte das irmandades as quais pertenciam, não podemos ignorar as influencias religiosas, cada negro e negra que veio como escravo para o brasil trouxe em seu ser toda uma crença e práticas religiosas já elencadas por nós quando tratamos em relação aos que foram para Portugal no século XV , o que levou aos mesmos verem em práticas vividas pelas irmandades uma religiosidade de em muitas vezes não diferem daquelas vividas em sua terra (Hauck, 2008,p.147):

Porem a Igreja se revestia de importância especial para os negros pelo fato de ter ela força sobre o “outro mundo”. A religiosidade dos africanos e afro-brasileiros estava voltada mais para o passado que para o futuro. Daí a Igreja, prometendo uma salvação especial para o após-morte, vinha encher uma lacuna na religiosidade dos negros. Nas mãos da Igreja estava o poder de “alterar” a sorte das almas no outro mundo.

Foram as Irmandades no decorrer da história colonial e imperial suporte na vida do Negro brasileiro que se encontrava na condição de foro ou escravo seja no litoral bem como no interior da província, como acontecia com a irmandade de São Benedito a do Rosário no decorrer de sua existência não só se alicerçou nas práticas de religiosidade, bem como nas diversas formas de expressão e resistência encontradas no meio laico desde a fundação de desenvolvimento das referidas irmandades através da sua participação no meio social através dos eventos religiosos diversas vezes citadas nos periódicos da cidade da Paraíba no século XIX, demonstrando assim a organização e influência das referidas irmandades, como se encontra em anexo do nosso trabalho.

Foi na religião cristã que muitos dos que viviam como escravos encontraram alento e conseguiram denunciar e se impor perante todo o processo de opressão desenvolvendo e despertando no meio do próprio clero movimentos contrários a escravatura e mal tratos aos seus irmãos que estavam nos porões e senzalas urbanas bem como no interior já que era através das irmandades que se conquistou alforrias, bem como dignidade, já que está livre não significava alcançar a dignidade na sociedade colonial e imperial.

Ingressa nas irmandades abria a possibilidade de se organizar e lutar de forma coletiva, pelos direitos que as vezes eram garantidos pelo estado bem como pela igreja, diversas ignorados pelos senhores. Eram os irmãos aqueles que exigiam que se cumprisse os direitos de escravos e livres, o que justifica o crescimento da Irmandade do Rosário e demais irmandades de cor não só na Província da Paraíba, mas em todo estado brasileiro, experiência já vivida na metrópole portuguesa no século XVIII, já demonstrado por nós em capítulo anterior.

Em relação a igualdade, existe defesa que só nas irmandades os negros realmente conseguiram um tratamento de porte igualitário, só lembrando não por bondade ou benevolência dos senhores, mas na verdade por nas irmandades se torna membros possibilitava não só deveres, mas diretos presentes nos termos de compromisso das irmandades.

As lutas por liberdade estavam totalmente dentro das irmandades e seus membros, inspirados não só na religiosidade ou princípios eclesiásticos ou comunitários, mas em aspirações civis o que gerou reação imediata das autoridades eclesiásticas da província através de seu representante maior o Bispo Diocesano Dom Adauto de Miranda Henriques emitiu ainda no primeiro ano de seu bispado a seguinte nota referente as irmandades através da

secretaria do referido bispado (Dantas, José Estevam. Circular do Bispado do Estado da Paraíba de Abril de 1895. *A União*, 21 de ABR de 1895):

Rvm Sar.

Tendo sido submetidos a aprovação diocesana diversos compromissos de Irmandades, sancionados tão somente pela assembleia Legislativa de um ou outro de dois estados que compõem esta Diocese, e existindo outros que, comquanto tenham sido aprovados pelo poder Eclesiástico, aprovação essa que não consistia, outrora na simples comunicação feita por aquela corporação à Autoridade Diocesana, mas importância, além disto, um ato positivo e oficial da mesma Autoridade, exarado na peça original, são todavia deficientes na parte religiosa, carecendo todos de uma reforma adequada, às condições de nossa Igreja, em face da nova constituição do País e adaptada aos fins e intuitos de associações religiosas: de ordem de S. Exc. Rvm. O Sr. Bispo Diocesano venho declarar que nenhuma Irmandade, Confraria ou Associação pia, que porventura haja ou se pretenda criar em sua freguesia merecerá a aprovação e instituição canônica de há mister para o reconhecimento de sua entidade, insígnias e direitos perante a Igreja, si não incluir entre seus artigos, na confecção ou reformas dos respectivos Estatutos as disposições seguintes:

1ª. O fiel cumprimento dos mandamentos de Deus e da Santa Madre Igreja e a frequência dos sacramentos ao menos na Festa principal da Irmandade.

2ª. A eliminação do Irmão que por ato público e formal, haja descatado e desobedecido a autoridade Diocesana, ou seus Delegados, não querendo volver a reminiscência.

3ª. A dissolução ipso fnetos da Mesa Regedora, que por algum ato oficial, der provas de desrespeito e desobediência ao ordinário e aos seus delegados.

4ª. A desobediência e acatamento das decisões da Autoridade Diocesana, das quaes só poderá haver recurso para a Relação Metropolitana, ou para Santa Sé.

5ª. A declaração de inabilidade para entrar no grêmio da Irmandade, contra todo aquele que pertencer a qualquer seita, ou for afilhado a qualquer sociedade condenada pela Igreja e nomeadamente a Maçonaria.

Sem a observância destas disposições que cumpre V. Rvm. fazer chegar ao conhecimento das Irmandades de sua freguesia, nenhuma Irmandade, Confraria ou Associação pia conseguira a aprovação de seus compromissos em cuja a reforma ou confecção de muito proveito será a valiosa cooperação de V. Rvm.

Exeusado se torna a notar que todo compromisso, mesmo o canonicamente aprovado que não estiver munido, de nova aprovação, ou não for ao menos visado pela Autoridade Diocesana, incorrerá na pena estabelecida nos arts. 1º e 2º do Regulamento de 7 de Janeiro do corrente ano.

Quanto a organização material dos compromissos, devem estes ser divididos em Capítulos segundo a diversidade do objeto e estes em artigos, que poderão subdividir-se para maior clareza em parágrafos.

Em dita confecção e reorganização, S. Exc. Rvm. recomenda a urgência possível definindo, entretanto, o prazo de três meses contados do dia da recepção desta para serem submetidos ao conhecimento e aprovação os compromissos reformados.

Dirigindo-me a V. Rvm por meio da presente, aproveito a oportunidade para apresentar-lhes meus protestos de estima, consideração e respeito.

Deus guarde a V. Rvm. Ilm e Rvm. Sar. Vigário da Freguesia

Padre Estevam José Dantas
Secretário interino do Bispado

A partir desta circular se inicia na Província da Paraíba, especialmente na capital da Província a desativação das Irmandades não só do Rosário do Homens Pretos, mas as demais Irmandades dos Pardos. Entre as mudanças que aconteceram com a fundação da Diocese da Parayba em 1892 foi a transferência da Irmandade de São Benedito do Capitulo do Convento e Igreja de Santo Antônio para Igreja do Rosario, de acordo com as convocações dos consistórios.

A reação de adequação das Irmandades é uma resposta da Igreja as ações desenvolvidas pelas Irmandades junto as questões políticas e sociais que antecederam a república, fruto das aspirações criadas pela revolução francesa, e não podemos esquecer a era napoleônica, bem como durante o período da Regência Tridentinas que aspiravam para formação de uma Igreja Brasileira, tinha o laicato grande influência nos referidos movimentos os quais iam no caminho contrário ao sistema hierárquico da Igreja Romana, representadas pelo Bispos e o clero conservador.

Outro aspecto que não pode ser ignorado é que a partir do momento que se desarticulava-se uma Irmandade os bens temporais passavam para as autoridades eclesiásticas. Como já podemos demonstrar ambas as Irmandades tinham além dos templos casas que serviam de geração de receita, bem como acolher os Irmãos moribundos.

Diversas foram as transformações ocorridas na Paraíba com as Irmandades frutos das perseguições por parte do bispado culminando com a extinção das mesmas no início do século XX, onde a Igreja do Rosario foi demolida, juntamente com a Mãe dos Homens onde se abrigava a Irmandade dos Homens Pardos Cativos e a Igreja de Nossa Senhora das Mercês que abrigava a Irmandade dos Mercedários.

Nitidamente percebemos que só permanece-o existindo as Ordens Terceiras e Sociedades Pias que se adequaram as novas regras do Bispado Diocesano da Parayba. Todas as Irmandades que eram abrigadas na Igreja do Rosário símbolos da religiosidade negra na cidade da Parayba são extintas foram elas: Irmandade de Nossa Senhora do Rosario dos Pretos, Bom Jesus da Pobreza, São Benedito da Cruz, São Benedito do Capitulo.

O sentimento de tristeza e revolta foi descrito em um registro de lamento postado no periódico *O Jornal (em anexo)*, que se estendeu por meses em virtude do não recolhimento dos entulhos da Igreja do Rosario dos Pretos, enquanto as alfaias e imagens foram redistribuídas nas igrejas regulares e seculares que permaneceram erguidas, e seus livros de atas nada se sabe de certo nem em relação a Nossa Senhora do Rosario ou São Benedito,

apesar de nossas investigações nos apontam a diversos lugares, o qual pretendemos dar continuidade com nossa caminhada via ao doutorado, perseguindo o caminho das imagens e publicações.

3.4. Uma devoção que persiste: A Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Pombal

Apesar de toda perseguição as Irmandades dos Homens Pretos resistiram como aconteceu em épocas passadas com outros grupos que foram perseguidos e oprimidos pelo príncipe e seus vassalos, quanto mais distante dos centros urbanos mais liberdade de viver sua religiosidade foi possibilitada e pode no passado ser vivida mantendo sua tradição guardada pelos irmãos e irmãs da secular Confraria, que nos passos dos tropeiros com suor negro com a poeira das estradas.

É no final do século XVIII início do XIX que se inicia o processo de expansão das Irmandades dos Homens de Cor, para o interior encontramos em todo território paraibano a presença da devoção ao Rosário dos Pretos e São Benedito, a história escrita e oral aponta para o século XIX a criação da Irmandade do Rosário dos Pretos de Pombal é atribuída à Manoel Antônio Maria Cachoeira, que no século XIX foi pedir aprovação do termo de compromisso da Irmandade do Rosário dos Pretos ao arcebispo de Olinda e Recife (Benjamin, 1977, p.43):

De acordo com a tradição oral um lendário negro, Mané Cachoeira teria ido a Olinda, três vezes, a pé, a fim de obter a aprovação da Irmandade do Rosário, pelo Bispo daquela cidade a quem estava subordinada a paróquia na época, em face de uma disputa com o pároco da freguesia.

No tocante a organização da Irmandade não difere em nada das demais irmandades espalhadas pelo Brasil inspirado no termo de compromisso da Irmandade do Rosário dos Pretos de 1465 de Portugal, ligada à Igreja dos Dominicanos de Lisboa (Benjamin, 1977, p.44-45):

Hoje o governo da irmandade é composto de juiz, um escrivão, um tesoureiro, um zelador e doze irmãos de mesa todos escolhidos entre os membros da irmandade que apresentem a melhor conduta. Os dirigentes e irmão de mesa são profundamente religiosos, praticam estritamente os mandamentos, não bebem e tem uma vida bastante ascética.

As irmandades desde sua origem na Europa têm uma função não só soteriológica, mas também social, uma das preocupações é auxiliar o “irmão” em suas dificuldades seculares que venha a passar na vida, possibilitar a dignidade é um dos grandes princípios da irmandade, demonstrando que os membros devem ter dignidade nesta vida e na outra, já que o cuidado com o processo fúnebre é outro objetivo da existência da irmandade. Então surgiu a seguinte pergunta, como garantir o acesso a essa dignidade? Para garantir o apoio e o desenvolvimento de tais atividades as irmandades normalmente são providas de um conjunto patrimonial móveis e imóveis (Benjamin, 1977, p.45):

O patrimônio da irmandade é constituído pelo templo, seus moveis e alfaia, e uma rua de casas onde moram o juiz da irmandade e membros da confraria mais necessitados: é a rua do Rosário. São todas casas modestas, numa rua secundaria da cidade, mais edificadas em tijolos e cobertas de telhas, servidas de eletricidade. A casa do juiz é a “Casa do Rosário”, onde pernoita o Rosário na véspera da grande festa.

A liturgia católica desde 1571 comemora a festa da Virgem do Rosário no dia 07 de outubro, seguindo essa tradição o mês de outubro se tornou o mês do rosário, festejado durante nove dias durante a novena do Rosário, na cidade de Pombal não é diferente (Benjamin, 1977, p.51):

Em Pombal a festa ocorre no primeiro domingo. Nos dias que antecedem, faz-se a novena na igreja. O sábado, dia de feira na cidade, é a véspera da grande festa. Os negros dos pontões, dançam e bebem por todo o comercio da cidade. Milhares de pessoas começam a descer das áreas rurais e chegar das cidades próximas. Ao entardecer tem lugar a grande procissão do Rosário.

Um a um os grupos folclóricos, devidamente uniformizados, vão se ingressando na igreja e se apresentando na capela-mor. Em seguida, com a irmandade reunida e o templo repleto de devotos celebra-se a missa, em meio a zabumbas, adufes, pifes e maracás.

Dentro deste espirito de fé a Grande Festa do Rosário acontece acompanhada de todo um simbolismo e imaginário, fruto de toda uma história marcada por dores e alegrias mantendo a tradição herdadas dos antepassados que na devoção a Nossa Senhora do Rosário dos Pretos encontra sentido e força para caminharem e expor sua fé, vislumbrando um mundo de justiça e fraternidade.

O espírito coraço permanece nos Irmãos e Irmãs da Irmandade do Rosário de Pombal conseguindo manter o tradicional herdado através do tempo (Durand, 2008, p. 39):

Ao contrário, o pensamento tradicional não separa o múltiplo do um: a unicidade simbólica indicada no mundo é que se reverbera em um eu sentido como diverso. Para o pensamento tradicional, a unidade não é método de redução do outro para o mesmo, ela é princípio, ela é o Princípio de Unicidade que se verifica tanto como unidade do cosmo como pluralidade, dualidade pelo menos, do eu, mas que se situa além destas imagens “como dignidade e como poder.

A tradição que nunca foi esquecida e deve ser mantida, por nela estar o verdadeiro sentido da continuidade e soluções para os enigmas que a história trouxe através dos tempos. A coragem que se renova a cada festa, cada novena desde os tempos passados vividos pelos seus ancestrais e cultivado no meio da Irmandade hoje, mostrando a força que os move, que só através da análise humanizada através dos métodos propostos pelo imaginário e weberiano foi possível perceber e compreender a grandeza que é preservar e valorizar os Irmãos e Irmãs de São Benedito, filhos do Rosário que resistem no campo onde o mito fundante é preservado e elevado em sua dignidade resistindo as pressões do tempo, celebrados pelo Rei e Rainha da Irmandade juntamente com a comunidade todo o mês de outubro, juntamente com os irmãos dos pontões, congos e reisados envolvendo assim o aspecto sagrado existente no profano e o profano que encanta o sagrado.

CONCLUSÃO

Tendo em vista os fatos analisados por nós chegamos à conclusão que as atuações das Irmandades desde sua origem no medievo contribuíram para mudanças na prática do laicato, mesmo com a implantação da centralização e a imposição da Cura como ponto de referência substituindo o múnus ministerial como bem apresentou Max Weber e Gilberto Durand, que percebem nesta ação uma tentativa de dominação por parte clero em vista do crescimento e influência dos membros nas sociedades em que foram implantadas.

Levando em consideração o que nos revelou a história da Irmandades de Nossa Senhora do Rosario Homens Pretos, a princípio desenvolvida em Lisboa junto aos negros trazidos como escravos ainda no século XV, e a de São Benedito explorada desde a Sicília na Itália e franciscanos introduzida entre os Lusitanos pelos referidos frades a princípio como forma de catequisar os seus escravos, mas que depois se espalhou e passou a ter lugar nas igrejas seculares de Portugal e suas colônias.

Desde muito cedo a sua organização já demonstra através dos Termos de Compromisso a contribuição das Irmandades dos Homens Pretos nas lutas contra os maus tratos dos irmãos livres, foros e escravos acolhidos na referida irmandade ao ponto de no século XVIII, a população negra no cristianismo era superior a população branca o que possibilitou em 1761 a proibição em Lisboa do tráfico de escravos para aquela metrópole, apesar de ainda está vigente nas colônias, no Brasil em particular, já estavam organizadas desde o século XVII, a princípio nos espaços canavieiros existentes no litoral, no século XVIII se instalou no interior da colônia em virtude da criação do gado no caso do Nordeste e a descoberta do ouro no sudeste, encontramos em Minas Gerais o surgimento de diversas Irmandades Nossa Senhora do Rosario e Santa Efigênia, ornadas com altares dedicados a São Benedito e Santo Antônio de Categiró.

No tocante a Província da Paraíba, foco de nosso trabalho podemos perceber através do desenvolvimento da pesquisa a importância e contribuição das Irmandades de Nossa Senhora do Rosario desde a chegada dos primeiros escravos negros no século XVII, na então capitania da Paraíba trazidos para desenvolver a cultura da cana de açúcar a princípio no engenho real Tibiry e depois para os demais engenhos que no século XVII somavam 24 ao todo na região da Várzea.

Levando em consideração o que podemos encontrar em nossas pesquisas, almejamos a possibilidade de podermos aprofundar os estudos relacionados as Irmandades dos Homens

Pretos na Província da Paraíba, como forma de preservar a memória e os grupos ainda existentes, a partir de uma nova abordagem que visa valorizar o imaginário presente, nas expressões, símbolos produzidos pelas Irmandades no passado e no presente.

Almejamos continuar observando e estudando as Irmandades na Província da Paraíba, trilhando um caminho alternativo no processo de abordagem na História das referidas Irmandades de Nossa Senhora do Rosario e São Benedito espalhadas na Paraíba, identificando seu papel no tocante a resistência promovida pelos negros que se fizeram irmãos e irmãs do passado e do presente, resgatando e demonstrando o valor da herança guardadas e expressadas nos templos, imagens de santos de cor, objetos decorativos, pinturas.

Apesar da imagem de Nossa Senhora do Rosario dos Pretos permanecer branca, foi a devoção a mesma que possibilitou o surgimento das Irmandades aos Santos de Cor como constatamos não só na Paraíba, mas em todos os estados os quais se ergueram Irmandades e Confrarias, a igreja é do Rosario, mas o altar de devoção que se dirigiam era para São Benedito, Santo Antônio de Categiró, Santa Efigênia, Santo Eslabão. Em meio a referida abordagem não podemos esquecer que para constituir uma irmandade não se necessitava necessariamente de uma igreja próprio para aquela devoção, bastava um altar onde se pudesse realizar a missa e uma sala na igreja que abrigava o santo de devoção para realização dos consistórios, como acontece ainda hoje na Igreja do Rosario de Salvador.

Percebemos que há muito caminho a percorrer nas pesquisas em torno das irmandades e seus mistérios guardados em seus documentos, guardados em arquivos públicos, eclesiásticos e das próprias Irmandades. Preservar as Irmandades existentes é preciso reconhecendo o valor de cada uma e sua contribuição para nossa história temporal, simbólica, social e mítica.

Realizar tal resgate preservando a identidade do referido objeto só é possível se utilizando dos métodos desenvolvidos pela Ciências das Religiões, por termos a possibilidade de agir de forma interdisciplinar, sendo um cientista das religiões, como bem nos lembra Mircea Eliade ao traçar o perfil do cientista das religiões, temendo que nos tornemos especialistas, de uma religião ignorando as demais, como se houvesse uma religião imaculada e pura sem influências.

Através da visão Weberiana em relação as irmandades, identificamos as reais influências nas sociedades onde as Irmandades se instalaram e desenvolveram suas atividades, a possibilidade de ascensão dos negros foros ou escravizados aumentava, em virtude das compras de alforrias organizadas pelos irmãos. Essa influência despertou a atenção de brancos

clérigos ou não, o que provocou diversas vezes reações dessa ala social através de perseguição aos seus membros. Por estarem na sociedade e terem autonomia na elaboração dos seus termos de compromissos e apesar da tentativa de centralização por parte do clero o espírito de colegiado permaneceu no seio das irmandades, que por terem autonomia econômicas conquistavam assim liberdades em suas decisões, participando ativamente de movimentos que visavam promover o combater a exclusão e aos sofrimentos vividos pelos diversos irmãos.

Entre as sociedades que estavam muito próximas as Irmandades podemos destacar a Maçonaria sendo diversos irmãos maçons, o que levou a partir do segundo reinado e início da republica velha, diversos bispos a exigirem a reformulação dos termos de compromissos, que constavam entre tantas exigências a expulsão de maçons das fileiras das Sociedades Pias, Confrarias e Irmandades, com o risco de serem fechadas caso se negassem a excluir o fiel que vinhesse pertencer a Maçonaria.

Através da Teoria do Imaginário, passamos a entender a ressignificação vivida pelos irmãos da Irmandades de Cor e sua autoafirmação e resistência perante a opressão vivida, se tornar irmão como forma de regar a esperança auxiliando e apoiando os que sofriam a escravidão ou perseguição mesmo sendo livre. Na irmandade os negros buscaram sempre denunciar os desmandos dos senhores e clérigos, através delas tiveram vez e voz na sociedade colonial, imperial e republicana.

Todo esse processo nos fez perceber o valor e a contribuição das irmandades na vida do negro brasileiro, analisar, estudar, criticar e escutar os sons que partem das Irmandades é uma forma de guardar e divulgar uma versão da história muitas vezes tão maculadas , por muitos que só usaram uma ótica ignorando os contextos e efeitos causados na vida de todos aqueles e aquelas que viveram e vivem nas Irmandades e se saciam através da espiritualidade gerada, pelos ritos e rituais praticados dia a dia . Através das festas mesclam com sua cor e seu ritmo as liturgias de festa de guarda, através das danças levam esse jeito herdado pela natureza, que anima a fé e lhe dar um novo rosto, que demonstrar externamente a Cor da Fé e da alegria, que dela irradia, por mostrar o cristianismo que se aculturou e se expressa negro na cor, que vence com sua busca através do seu canto e na dança tudo aquilo que lhe causa dor, levando o sorriso ao invés do lamento, desafiando o tempo e todo o sistema opressor, porque por mais que se tenha tentado e tentem, encontram na prece e na mente a força que do seu interior, contando sempre com os Irmãos da terra e do infinito, negros como eles de Cor, que de mãos dadas caminham rompendo os grilhões do opressor .

REFERENCIAS

- BENJAMIM, Roberto. **Festa do Rosario de Pombal**. João Pessoa: Editora Universitária- UFPB,1998.
- BULA SUPRA MONTEM <http://brasilfranciscano.blogspot.com.br/2009/03/supra-montem-regra-da-ofs-de-1289.html>, acesso em 01 de janeiro de 2016.
- CARDOSO, Fernando Henrique. **História da Escravidão**. São Paulo: Companhia das Letras,1982.
- CERTEAU, Michel. **A Invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer**. Petrópolis: Editora Vozes,2014.
- Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Lisboa do ano de 1565**.
- DANTAS, José Estevam. **Circular do Bispado do Estado da Paraíba de Abril de 1895**. A União, 21 de ABR de 1895.
- DURAND, Gilbert. **Ciência do Homem e Tradição**. São Paulo: Editora Trion, 2008.
- FASI, Mohammed el (org.). **História Geral da África, III: África do sec. VII ao IX**. Brasília: UNESCO,2010.
- FIGUEIREDO, Luciano (org.). **A Era da Escravidão**. Rio de Janeiro: Sabin,2009.
- FIGUEIREDO, Luciano (org.). **Raízes africanas**. Rio de Janeiro: Sabin,2009.
- H. R. Loyn. **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor Ltda,1990.
- HAUCK, João Fagundes (org). **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: segunda época, Século XIX/**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HOORNAERT, Eduardo. **O Cristianismo Moreno no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- HUIZINGA, Johan. **O outono da Idade Média**, São Paulo: Cosac Naify, 2010
- JABOATÃO, Frei Antônio de Santa Maria. **Crônicas dos Frades Menores na Província do Brasil**. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, 1858.
- KALINA, Vanderlei Silva; Maciel Henrique Silva. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2006.
- LACORDAIRE, Henri Dominique. **Avida de São Domingos**. Paris: 1861.
- MACEDO, José Rivair. **História da África**. São Paulo: Editora Contexto,2013
- MALDONADO, Luís (org.). **Concilium**. Petrópolis: Editora Vozes,1986.
- MARTINS, Oliveira (1845-1894). **História de Portugal**,3 ed. Lisboa: Viúva Bertrand, 1882.
- MOTTA, João Batista. **Jornal Parayba**. Parayba 04 de Março de 1892.

NIANE, Dijibril Tansir (org.). **História Geral da África**, IV: África do sec. XII ao XVI. Brasília: UNESCO,2010

PERNOUD, REGINE. **Luz sobre a Idade Média**. Lisboa: Editora: EUROPA-AMERICA PT,1997

PISKY, JAIME. **A Escravidão no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto,2009.

PONTEIRO, José Ferreira. **Annuncios. A Regeneração**. Parayba pag. 04, 01 de dezembro de 1864.

RAMIREZ, Giuliano Ferrini; J. Guilhermo. **Santos Franciscanos de cada dia**. Assis: Ed. Porziuncolla, 2000.

RIBEIRO, Darcy. **O povo Brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras,1998.

RUBERT, Arlindo. **A Igreja no Brasil: Expansão Territorial e Absolutismo Estatal (1700-1822)** Vol. III. Santa Maria: Editora Palloti, 1988.

SCHONBERG, Jean-Louis. **Verdadeira História dos Concílio**. Lisboa: Publicações Europa América, 1964.

SGARBOSSA, Mario; Luigi Giovanni. **Um Santo para cada dia**. São Paulo: Paulus Editora,1996.

SILVA, José Flavio. **Progresso e Destruição na Cidade da Parayba: Cidade dos Jardins**. João Pessoa: Editora Universitária- UFPB,2009.

TERMO DE COMPROMISSO DO GLORIOSO SÃO BENEDITO. Jornal *O Publicador*. 29 de setembro de 1866.

VAUCHEZ, André. **A Espiritualidade na Idade Média Ocidental**. Lisboa: Editora ESTAMPA, 1995.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília, DF: Editora UNB, 2004.

ANEXO B — POESIA PARA CRUZ DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DO JORNAL DE 28 DE 1824

REGISTO

Todos nós temos as nossas cruces...
 É aquella mulher, oitrosa e bba, lá esteve aos pés da cruz; aquella respeitavel senhora, allí ajoelhada, disse á cruz de todo o seu coração:
 —Ai daquelles que adorem esquecidos do que devem de piedade e á gratidão!

Lembrei-me de ti, oh! cruz mutilada, ao terminar a leitura desses versos de A. Herculanio!
 —Desgraçado seja quem nisto descobrir o mal.

Eu vi a cruz mutilada e atirada ao abandono numa estrada, via dolorosa e maldita, de envolta com o muraldo...

E, como o viajor dos Evangelhos, que de Samaria vinha a Jericó, esolada pela inclemência humana, e-la despedaçada, erida e quasi morta, á beira do caminho!

Dos lamentos dos seus miseráveis braços, que outrora tantas preces recolhiam e a Ser um numero, Adhemar, Gury—bambú, aleijão!

Por allí passaram os sábios, os potentados, os levitas dos milhões, os poderosos da terra, os indigentes e todos desviaram o olhar—daquelle lugar maldito, onde a cruz gemia, na sua mutilação, pedindo caridade para a sua desolação, pois que ella é o symbolo mais perfeito e completo da caridade christã!

Tudo embalde!
 De nada lhe serviriam os seus duzentos annos de bençãos a este povo; de nada lhe serviria o ter, por duzentos annos, no adro do presbyterio, acolhido ao pobre, acolhido ao rico, ao infeliz, ao indoloso!

Ella allí está, para quem quizer vê-la! A cruz da Igreja do Rosario, abandonada, mutilada e esquecida de todos!

De todos, digo mal, porque da multidão se levantou o bom Samaritano, que compungido daquelle immensa dor espiritualizada, se enterneceu pela cruz e, solicitando a aos poderosos, obteve uma promessa de recolhê-la a um lugar santo...

Esquecimento ou proposito?
 O certo é que o symbolo sagrado da redempção da humanidade pela morte de um justo, allí está, e allí ficará, para servir como pedra, escombros ou consolo de mistura com a plebe ignara e alvar das demais demónias!

E o coração bondoso e leal, que, vertendo lagrimas de sincera saudade, viu, observou e pediu, chora agora de tristeza, rogando ao Deus dos Céus que não impute ao culpado mais este peccado!

Responde-me: em que columna Tu te trepaste, no Rio?...
 —Na dos heróis da Laguna?
 Ou naquella mais turuna, Lá do Largo do Rocío!...

E aqui? Fala! Não te estupas saudade, viu, observou e pediu, chora agora de tristeza, rogando ao Deus dos Céus que não impute ao culpado mais este peccado!

Fogueteões

—Eu havia deliberado ser um numero deste folhetim a não...
 (D'A Chronica, de Adhemar).

Só mesmo de um folhetim Como os teus—réles, chinfrim...
 Anti-catharral e anão:
 Podias deliberar Ser um numero, Adhemar, Gury—bambú, aleijão!

—Ora, dirão: esse Adhemar tem cada uma!
 (Da mesma chronica)

Qual! vae catar as tuas pulgas! Não há quem diga isso que julgas Com pretensões ultra-pyrrhonicas...
 —Diz-se, entretanto-toma nota...
 —Esse menino linda idiota, Só de viver fazendo... chronicas!

—E eu ves direi que a relação se estende ainda ao dr. Porto—professor de mathematicas—um homem simples e bom, tão bom que soube supportar-me entre os seus alumnos de trigonometria—eu sei!

(Idem, idem.)

Supportar-te, realmente! Sem morrer nem ficar doente...
 Nem perder todo o conforto: —Só, mesmo, um predestinado, Um santo, um abnegado, Como o nosso doutor. Portol...

—Si ao menos eu me encontrasse no Rio, trepado noutras columnas que nao fosse nas columnas que hoje occupam...

(Idem, idem)

Responde-me: em que columna Tu te trepaste, no Rio?...
 —Na dos heróis da Laguna?
 Ou naquella mais turuna, Lá do Largo do Rocío!...

E aqui? Fala! Não te estupas saudade, viu, observou e pediu, chora agora de tristeza, rogando ao Deus dos Céus que não impute ao culpado mais este peccado!

Na tua bogalidade!

—Bem, vamos ao sr. Irineu; desta vez vamos mesmo.

(Idem, idem)

Só te atiras ao machado Porque o pobre está no chão, Enfermado e quebrado... Mas quando elle era amolado Lambias-lhe os pés e a mão!

—Não precisava tanta enscenação de lapinha para dizer o que? Para afinal dizer uma tolice.

(Idem, idem)

Aquella chronica adunca Cheia de pús e de encrenca Tu imaginas que junca Só uma tolice?—Nuncal Semasaborias em penca!

—Na actualidade seria um desses homens—bambú.

(Idem, idem)

Se Irineu, na actualidade, Não sendo um typo forrêta Seria um homem—bambú... Ora, tu que és só maldade, Carrapato de caixeta, Então que serias tui!

—Quizera saber ainda quem teria sido a joven inquina de cabellos em trança que então o houvesse amado?

(Idem, idem)

Não sabes quem foi a zinha Que se engraçou do Machado? —Pois foi Dona Polaquinha, Uma linda moreninha. Como vives deslebradoll!

—e berrar sob acção de espirito 40 grãos.

(Idem, idem)

Eu bem sei porque tu gostas De falar tanto em berrar... —E, por isso, fago apostas... Eu bem sei porque tu gostas: —E' que tens atraz das costas Os signaes do bodejar... Eu bem sei porque tu gostas De falar tanto em berrar!

FOGUETEIRO

Mutua Santaritense

2.º OBITO

Tendo fallecido o socio Luiz Guilherme dos Santos, são convidados todos os srs. associados ao pagamento da quota relativa ao referido obito, sem multa, até o dia 2 de Junho proximo.

Convidam-se, outrossim, os que estão em atraso em suas anuidades a saldarem os seus debitos, afim de não caducarem os seus direitos.

O secretario,

Horacio Tavares de Moura.

"O Jornal" esportivo

«Festa do "Cabo Branco"»

A directoria do "Cabo Branco", numa nota cujo azedume, que nos não magoou, levamos á conta de falta de habito de escrever para a imprensa, veio responder á nossa nota de domingo.

Articula que a festa de sabbado não teve caracter politico e sim o de homenagem a um socio pelo facto de "ter sido elle indicado para a alta investidura de Presidente do Estado".

Queremos crer que assim houvessem pensado na sua ingenuidade alguns homens de bôa fé. Nós, pela intenção desses homens que promoveram a festa, assim a julgamos.

—O certo, porém, é que nenhum cargo é mais politico que o de Presidente do Estado.

Além disso, como se comprehendendo uma festa a um homem politico, por uma distincção de ordem politica, sem ser politica?

Nem se diga que esse homem era socio do Clube.

E' um sophismo tão rhombo e grosseiro que diz mal da argucia de quem o utiliza.

O sr. dr. João Suassuna, sómente depois da sua escolha para presidente do Estado e de se cogitar do baile de sabbado, é que teve ingresso apressada e summariamente naquella Clube.

E isso mesmo depois que se viu na opposição levantada contra aquella festa a allegação de que s. s. não era sequer socio do "Cabo Branco".

Se a festa não teve caracter politico, que outro caracter poderia ter, se nem se quer era socio o dr. Suassuna do "Cabo Branco" antes de ser escolhido candidato á presidência?

Que serviços se podem allegar, se elle nem ao Clube pertencia?

De que distincção foi alvo o Clube, para o seu regozijo, se nem ao menos, na época da indicação, sonhava o "Cabo Branco" ter em seu seio aquelle deputado?

Diante disso e, principalmente, depois da declaração formal das ineditórias desta folha, firmada por cinco nomes de valor moral e social, os quaes se desligaram do "Cabo Branco" por aquelle motivo; diante da opinião de muitos outros socios; diante da declaração do organ official do Clube e diante, ainda, das palavras do orador official e das reiteradas publicações da imprensa,—pensamos hoje que a festa teve caracter politico, o que representa uma afronta e um escarnio aos elementos que pertenciam ao Clube e não se solidarizavam com a candidatura homenejada.

Se ao menos essa candidatura viesse ao encontro da unanimidade ou generalidade dos votos do Estado, ainda se attenuaria o gesto do sympathizado alvi-celeste.

Vindo ella, porém, lançar, como veio, o desgosto no seio de nossa familia, não se pôde receber aquelle gesto se não como um insulto, ou, no minimo, uma desatenção ás familias dissidentes.

Quanto ao custeio da festa pelo Thesouro do Estado, não o cremos realizado.

Há, porém, muito quem o diga e, para se limpar de accusações, deve o "Cabo Branco" publicar-lhe a receita e despesa.

As nossas columnas estão ás ordens, se quizer utiliza-las.

Quanto á ausencia de pedidos de eliminação—cuja existencia affirmamos e foi a única afirmativa nossa a que veio trazer contradição a nota do "Cabo Branco",—responda a publicação que vae nos ineditórias e veja o publico quem está com a verdade.

Desde sexta-feira que os pedidos de eliminação estão feitos. Atitudes "estatutarias" desta ordem, só para ingler véra.

Deculquem os rapazes do "Cabo Branco" este "cavaco" que bem mereceu a nota da sua directoria e accetem os nossos desejos por que fiquem nesse pé o asar e a discórdia que ao valente e apreciado Clube levou a má idea da festa de sabbado...

Há manifesto equívoco numa noticia de um matutino desta Capital, respeito ao novel da festa, no dia 24, na sede do S. C. C. B.

Convenham botar os pontos nos i's, convindo mesmo, cada um assuma as consequências das suas responsabilidades.

O facto certo e incontestavel é que antes de ser conhecida a escolha—o sr. dr. Suassuna não era socio...

Logo em seguida o foi, correndo a sua proposta á revelia do Regulamento do Clube.

Dias depois, é lembrada a festa em homenagem ao futuro...

—"A União", na sua secção politica, noticia a festa e ao champagne, durante a mesma a chapa—é brindada em sua totalidade, numa effusão de palavras cavaliticas, loogo...

—A festa foi politica como as que as mais o forem!

Porque negar?

Não há mal em que adoptemos este ou aquelle alvitre; mal está na violação do Regulamento do Clube e eis porque, alguns socios se retiraram, convencidos do frizar:

—A injustia feita a uns é uma ameaça feita a todos!

KEEPER.

As peças phantasia, lidos pedros recebeu o Bazar Parahybano Rua] Maciel Pinheiro, 7

"O Jornal"

Acha-se á venda diariamente na Livreria "São Paulo", á rua M. Pinheiro, e na Agencia Veloz, á rua Duque de Caxias, 59

**ANEXO D – TERMO DE COMPROMISSO DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA
DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS – JORNAL O PUBLICADOR 8 DE NOVEMBRO
DE 1867**

O PUBLICADOR.

ANNO VI. — 1867. SEXTA FEIRA 8 DE NOVEMBRO NUMERO 1543.

O Publicador he propriedade dos herdeiros de José Rodrigues da Costa. Publica-se diariamente, e subscrevem-se esta Typographia a custo de 30 rs. por trimestre, paga adiantado. Os annuos dos dres. assignantes serão publicados mediante a paga de 10 rs. por linha, e 100 rs. para quem não for assignante. Todas as mais publicações serão dadas á las medidas contribuição rasavel, que será em todo caso paga adiantado. Numeros avulsos 500 rs., fazendo-se o pedido de vespera.

PARTE OFFICIAL.

LEGISLAÇÃO PROVINCIAL.

LEI N. 288,

de 5 de outubro de 1867.

Barão de Marão, Official da Imperial (Ordem da Rosa, Cavalleiro da de Christo, o 2.º vice presidente da provincia da Parahyba: Faço saber a todos os seus habitantes que a Assemblia Legislativa Provincial resolveu, e eu sancionei a lei seguinte:

Art. 1.º Fica approvedo o seguinte compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosario desta Capital.

Art. 2.º Revogão-se as disposições em contrario.

Compromisso.

Compromisso da Irmandade de N. S. do Rosario dos homens pretos da cidade da Parahyba do Norte.

CAPITULO 1.º

Das pessoas que compõem a Irmandade.

Art. 1.º A Irmandade de N. S. do Rosario da cidade da Parahyba do Norte será composta de pessoas de cor preta, assim homens, como mulheres, livres, libertos, ou escravos seja qual for a nação á que pertencem, com tanto que professam a Religião Catholica Apostolica Romana.

Art. 2.º Serão tambem admittidos os pardos de ambos os sexos, seja livres, libertos, ou escravos.

Art. 3.º Os brancos poderão tambem ser irmãos desta Irmandade, porém, só poderão occupar cargos por devoção. Esta disposição comprehende tambem os pardos livres, e libertos que forem irmãos.

CAPITULO 2.º

Da entrada dos irmãos.

Art. 4.º Quem quizer alistar-se n'esta Irmandade poderá comparecer ou perante a Mesa, quando esta estiver reunida, ou perante o Secretario, e o Procurador Geral, e depois de verificar-se que no pretendente concorrem as habilitações do art. 1.º se lhe entregará o competente titulo, que será passado pelo Secretario.

Art. 5.º O titulo de que trata o artigo antecedente será apresentado sempre que o irmão houver de pagar seus annuos, ou no caso de morte, para se fazerem as averbações convenientes.

Art. 6.º Por cada entrada pagará o que for livre 14000 rs., e o que for escravo 500 rs., e além disto pagará a titulo de annuo o livre, ou liberto 500 rs., e o escravo 320.

Art. 7.º Nenhum escravo será, porém, admittido nesta Irmandade, sem que mostre uma declaração, que prove ser sua entrada da vontade de seu Senhor.

Art. 8.º Haverá tambem irmãos remidos, e os que assim o quizerem ser pagarão no acto da sua entrada o que for livre ou liberto 105000 rs., e os escravos 65400 rs.

Art. 9.º De irmãos remidos não são dispensados da contribuição dos annuos.

CAPITULO 3.º

Da Mesa.

Art. 10. Para regimen, e boa direcção dos negocios da Irmandade haverá:

§ 1.º Um Juiz.

§ 2.º Um Escrivão.

§ 3.º Um Secretario.

§ 4.º Um Thesoureiro.

§ 5.º Um Procurador Geral.

§ 6.º Dous Andadores ou Zeladores.

§ 7.º Doze Irmãos de Mesa.

Art. 11. Os empregados mencionados nos §§ 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, e 7.º serão feitos por eleição da Irmandade.

Art. 12. Os dos §§ 3.º, e 4.º serão nomeados pela Mesa d'entre pessoas qualificadas e de reconhecida probidade.

Art. 13. Formarão Mesa para gerencia dos negocios da Irmandade o Juiz, o Escrivão, o Secretario, o Procurador Geral e os doze Irmãos de Mesa.

Art. 14. Não poderá haver Mesa, sem que esteja presente a maioria dos Mesarios.

CAPITULO 4.º

Art. 15. O Juiz é o Chefe da Irmandade e elle são subordinados todos os mais irmãos, e compete-lhe:

§ 1.º Providenciar sobre qualquer caso de urgencia, tendente ao beneficio da Irmandade.

§ 2.º Mandar convocar Mesa sempre que for necessario.

§ 3.º Chamar os irmãos ao cumprimento de seus deveres.

§ 4.º Providenciar para que sejam com promptidão feitos os enterramentos, serviço que desempenhará como um dos seus mais importantes e religiosos deveres.

§ 5.º Expor em Mesa quas as mais urgentes precizes da Irmandade e pedir authorisação para fazer qualquer obra da Igreja.

§ 6.º Entender-se pessoalmente com o Thesoureiro, sempre que for preciso tratar-se de pagamento.

CAPITULO 5.º

Das obrigações do Exerécio.

Art. 16. Ao Escrivão compete substituir ao Juiz nas suas faltas, e impedimento, e bem assim coadjuvar-o em todos os ramos de sua administração.

CAPITULO 6.º

Das obrigações do Secretario.

Art. 17. O Secretario será sempre pessoa que tenha conhecimento da escripturação, e contabilidade, e que seja de bons costumes, prudente e intelligente; e lhe compete:

§ 1.º A escripturação de todos actos e termos da Mesa.

§ 2.º A escripturação do livro do assentamento de irmãos, e irmãos, que deve ser feita em dia, e com clareza.

§ 3.º A extracção das contas dos irmãos que estiverem atrasados em seus pagamentos, afim de serem entregues ao Procurador Geral para promover a respectiva cobrança.

§ 4.º Fazer toda a mais escripturação de que careça a Irmandade.

§ 5.º Assistir a todas as Mesas e reuniões, sempre que para ella for avisado.

Art. 18. Este empregado será subencionado pela Irmandade, e a Mesa compete marcar-lhe qual o vencimento que deverá ter.

CAPITULO 7.º

Das obrigações do Thesoureiro.

Art. 19. O cargo do Thesoureiro será confiado a uma pessoa de reconhecida probidade, que inspire confiança, seja prudente, e tenha zelo e interesse pelo augmento, e engrandecimento da Irmandade.

Art. 20. A Irmandade procederá conjuncto as-

crupulo, e prudencia na nomeação desse empregado, que sempre deverá ser pessoa estranha a Irmandade e suas obrigações são as seguintes:

§ 1.º Receber todos dinheiros que pertencerem a Irmandade, os quaes lhe deverão ser entregues pelo Procurador Geral.

§ 2.º Passar recibo de todas as quantias que receber.

§ 3.º Escripturar o livro de receita e despesa da Irmandade.

§ 4.º Fazer todos os pagamentos que forem autorizados pelo Juiz.

§ 5.º Comparecer em Mesa de seis em seis semanas, ou em caso urgente, quando for mister para demonstrar á Irmandade o estado do cofre, o quanto se arrecadou, sua proveniencia e o quanto se dispendeu, e qual o saldo existente.

§ 6.º Ter sempre sob seu maior cuidado os pagamentos das decimas dos predios da Irmandade, que os effectuará nos devidos tempos, bem como os foros á que a Irmandade está sujeita.

§ 7.º Remetter para o Juiz de capellas annualmente o livro de receita e despesa, e os que forem precisos para a prestação das contas á que estão sujeitos pela legislação vigente.

§ 8.º Abrir uma conta corrente a cada inquilino dos predios pertencentes á Irmandade e bem assim a cada pessoa, que por qualquer titulo se constituir devedora da mesma.

§ 9.º Todos os dinheiros da Igreja serão recolhidos ao cofre do Thesoureiro.

CAPITULO 8.º

Das obrigações do Procurador Geral.

Art. 21. O Procurador Geral é o agente principal da arrecadação da Irmandade e suas funções são as seguintes:

§ 1.º Distribuir as contas que lhe forem entregues, e receber dos devedores suas importancias.

§ 2.º Fazer entrega ao Thesoureiro das quantias que receber, já provenientes de alugueres de predios, já de enterros, de entradas, e annuos de irmãos, finalmente, de qualquer outra procedencia.

§ 3.º Não effectuar despesa alguma á seu arbitrio sob pena de lhe não ser levada em conta.

§ 4.º Receber do Thesoureiro o dinheiro preciso para effectuar as despesas, que forem necessarias á Igreja e que para ellas lhe autorisar o Juiz, ou a Mesa, dando recibo do que receber.

§ 5.º Fazer todo o mais serviço que lhe determinar o Juiz em beneficio da Igreja, ou da Irmandade.

§ 6.º Guardar a cópia da Igreja, distribuir com o Sachristão a que for precisa para o ornamento e decencia das banquetas distribuir e arrecadar dos irmãos a cópia com que elles houverem assistido aos actos da Igreja.

CAPITULO 9.º

Das obrigações dos Zeladores ou Andadores.

Art. 22. Aos Zeladores ou Andadores compete:

§ 1.º Coadjuvar ao Procurador Geral em todo o serviço que lhe estiver á cargo.

§ 2.º Tirar aos domingos, com a bolsa, esmolas pelos fiéis, e entregar o producto dellas ao Procurador para ser recolhido ao cofre do Thesoureiro havendo recibo d'aquelle.

§ 3.º Comparecer a Igreja todas as semanas para saber o que lhe é preciso, e dar de tudo parte ao Juiz, afim de que não haja falta ao serviço da Irmandade.

§ 4.º O Juiz poderá, em caso de necessidade, nomear um ou mais irmãos de Mesa para auxiliarem aos Andadores.